

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

KARINA CARVALHO VERAS DE SOUZA

**O FEMININO NA ESTÉTICA DO CORPO:
Uma leitura psicanalítica**

**RECIFE
2007**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

KARINA CARVALHO VERAS DE SOUZA

**O FEMININO NA ESTÉTICA DO CORPO:
Uma leitura psicanalítica**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, pela Universidade Católica de Pernambuco, na linha de pesquisa em Psicanálise e Psicopatologia Fundamental.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Zeferino de Jesus
Barbosa Rocha

RECIFE
2007

S729f

Souza, Karina Carvalho Veras de

O feminino na estética do corpo : uma leitura psicanalítica / Karina Carvalho Veras de Souza ; orientador Zeferino de Jesus Barbosa Rocha, 2007.

182 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, 2007.

1. Psicologia clínica. 2. Imagem corporal em mulheres. 3. Mulheres - psicologia. 4. Psicanálise. I. Título.

CDU 159.964.2

KARINA CARVALHO VERAS DE SOUZA

O FEMININO NA ESTÉTICA DO CORPO:

Uma leitura psicanalítica

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, pela Universidade Católica de Pernambuco, na linha de pesquisa em Psicanálise e Psicopatologia Fundamental.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Zeferino de Jesus Barbosa Rocha
(Orientador – Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP)

Prof^a. Dra. Edilene Freire de Queiroz
(Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP)

Prof^a. Dra. Zaeth Aguiar do Nascimento
(Universidade Federal da Paraíba - UFPB)

Aos meus três tesouros:

Marcos Sérgio, José Américo e Maria Luíza

AGRADECIMENTOS

Sempre e em primeiro lugar, a Marcos Sérgio, que mais uma vez se revestiu com o meu desejo e de tudo fez para que eu seguisse nessa jornada. Agradeço pelo amor, companheirismo e incentivo em todas as coisas que faço e desejo fazer.

Aos meus filhos, que tantas vezes ficaram sem a presença materna, num tempo em que tanto precisam dela. Todo meu amor a vocês...

Aos meus pais, pelo valor que me transmitiram sobre o estudar.

Aos meus irmãos, nos quais sempre encontro acolhimento ao falar de minhas dificuldades e conquistas.

A minha amiga Adriana, pelas habituais palavras de incentivo e carinho e pela valiosa ajuda na apresentação deste trabalho.

À Teresa e Enir, meus “dois braços” direitos.

Ao Professor Zeferino Rocha, pela disponibilidade, presença, acolhimento e sabedoria com que, tão brilhantemente, me orientou nessa dissertação.

À Edilene, pelas preciosas e fundamentais contribuições dadas a este trabalho.

À Andréia Clara, que, sabiamente, me ajudou a caminhar pelas idéias e escritos de Lacan. Agradeço pela sutileza de suas palavras e pelo efeito de apoio que exerceram sobre mim.

Às amigas pernambucanas, Bibiana, Dani e Alessandra; por tantas horas agradáveis e divertidas que me proporcionaram, numa cidade que não era a minha. Levarei muitas e boas lembranças.

À Eugênia Chaves, pelo carinho, atenção e disponibilidade com que me falou do Programa do presente Mestrado.

RECEITA DE MULHER

As muito feias que me perdoem

Mas beleza é fundamental. É preciso

Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso

Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de *haute couture*

Em tudo isso (ou então

Que a mulher se socialize elegantemente em azul, como na República Popular
[Chinesa).

Não há meio-termo possível. É preciso

Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito

Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas pousada e que um rosto

Adquira de vez em quando essa cor só encontrável no terceiro minuto da aurora.

É preciso que tudo isso seja sem ser, mas que se reflita e desabroche

No olhar dos homens. É preciso, é absolutamente preciso

Que seja tudo belo e inesperado. É preciso que umas pálpebras cerradas

Lembrem um verso de Éluard e que se acaricie nuns braços

Alguma coisa além da carne: que se os toque

Como o âmbar de uma tarde. Ah, deixai-me dizer-vos

Que é preciso que a mulher que ali está como a corola ante o pássaro

Seja bela ou tenha pelo menos um rosto que lembre um templo e

Seja leve como um resto de nuvem: mas que seja uma nuvem

Com olhos e nádegas. Nádegas é importantíssimo. Olhos, então

Nem se fala, que olhem com certa maldade inocente. Uma boca

Fresca (nunca úmida!) é também de extrema pertinência.

É preciso que as extremidades sejam magras; que uns ossos

Despontem, sobretudo a rótula no cruzar as pernas, e as pontas pélvicas

No enlaçar de uma cintura semovente.

Gravíssimo é porém o problema das saboneteiras: uma mulher sem saboneteiras

É como um rio sem pontes. Indispensável

Que haja uma hipótese de barriguinha, e em seguida
A mulher se alteia em cálice, e que seus seios
Sejam uma expressão greco-romana, mais que gótica ou barroca
E possam iluminar o escuro com uma capacidade mínima de cinco velas.
Sobremodo pertinaz é estarem a caveira e a coluna vertebral
Levemente à mostra; e que exista um grande latifúndio dorsal!
Os membros que terminem como hastes, mas bem haja um certo volume de coxas
E que elas sejam lisas, lisas como a pétala e cobertas de suavíssima penugem
No entanto sensível à carícia em sentido contrário.
É aconselhável na axila uma doce relva com aroma próprio
Apenas sensível (um mínimo de produtos farmacêuticos!)
Preferíveis sem dúvida os pescoços longos
De forma que a cabeça dê por vezes a impressão
De nada ter a ver com o corpo, e a mulher não lembre
Flores sem mistério. Pés e mãos devem conter elementos góticos
Discretos. A pele deve ser fresca nas mãos, nos braços, no dorso e na face
Mas que as concavidades e reentrâncias tenham uma temperatura nunca inferior
A 37º centígrados, podendo eventualmente provocar queimaduras
Do primeiro grau. Os olhos, que sejam de preferência grandes
E de rotação pelo menos tão lenta quanto a da terra; e
Que se coloquem sempre para lá de um invisível muro de paixão
Que é preciso ultrapassar. Que a mulher seja em princípio alta
Ou, caso baixa, que tenha a atitude mental dos altos píncaros.
Ah, que a mulher dê sempre a impressão de que se fechar os olhos
Ao abri-los ela não mais estará presente
Com seu sorriso e suas tramas. Que ela surja, não venha; parta, não vá
E que possua uma certa capacidade de emudecer subitamente e nos fazer beber
O fel da dúvida. Oh, sobretudo
Que ela não perca nunca, não importa em que mundo
Não importa em que circunstâncias, a sua infinita volubilidade
De pássaro; e que acariciada no fundo de si mesmo

Transforme-se em fera sem perder sua graça de ave; e que exale sempre
O impossível perfume; e destile sempre
O embriagante mel; e cante sempre o inaudível canto
Da sua combustão; e não deixe de ser nunca a eterna dançarina
Do efêmero; e em sua incalculável imperfeição
Constitua a coisa mais bela e mais perfeita de toda a criação inumerável.

Vinícius de Moraes

RESUMO

As cirurgias estéticas no corpo, com frequência cada vez maior entre as mulheres e ao mesmo tempo enaltecidas significativamente pela mídia e pelo contexto social têm se configurado atualmente como um novo modo de expressão para o corpo feminino. Questionamos então, que significações são atribuídas a esta imagem de corpo, pelas mulheres que se submetem às cirurgias estéticas. Para tanto, objetivamos analisar, do ponto de vista psicanalítico: como acontece a construção da imagem corporal no processo do tornar-se mulher; que problemáticas são reveladas por estas mulheres no tocante às idealizações deste corpo e de que modo está configurado no imaginário feminino o culto ao corpo da atualidade. Neste sentido, coletamos, simultaneamente, alguns depoimentos de mulheres que já se submeteram a tais cirurgias e em seguida fizemos a análise de alguns fragmentos dessas entrevistas, de modo a encadeá-los nas possibilidades de uma compreensão psicanalítica da problemática ora discutida.

Palavras-chave: Corpo, feminino, Imagem do Corpo, Cirurgia plástica.

ABSTRACT

The aesthetics surgeries in the body, with frequency much more higher between the women and at the same time exalted significantly for the propaganda and the social context, has been configured currently as new way of expression to the feminine body. We question then, which significations are imputed to this body image, whose women submit aesthetics surgeries. In such a way, we objectify to analyze, from the psychoanalytic point of view: how the construction of the corporal image happens in the process of becoming woman; which problematical are disclosed by these women referring to the idealizations narcissists of this body and that way are configured in the feminine imaginary the cult to the body of the present time. According to this, we collected, simultaneously, some speech of women whom already have had submitted to such surgeries and after that we made an analysis of speech of these contents, in order to chain in one comprehension psychoanalytic of the problematical now argued.

Word-key: Body, Feminine, Body image, Aesthetics surgery.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 – O CORPO: CONSTITUIÇÃO, TRAJETÓRIA HISTÓRICA E PERCURSO FEMININO.....	21
1.1 O corpo como um lugar psíquico.....	23
1.2 A cultura do corpo.....	26
1.3 A cultura estética do corpo.....	31
1.4 O corpo da mulher: breve percurso histórico.....	35
1.5 Uma descoberta feminina do corpo.....	39
CAPÍTULO 2 – A IMAGEM DO CORPO E SUA FUNÇÃO NO TORNAR-SE MULHER.....	43
2.1 A imagem do corpo: algumas significações.....	44
2.2 Imagem e esquema do corpo.....	47
2.3 A imagem especular.....	52
2.4 Os três tempos do Édipo.....	56
2.5 O Édipo feminino.....	63
2.6 O tornar-se mulher e a castração: destinos da imagem do corpo.....	68
2.7 Imagem do corpo, idealizações narcísicas e feminilidade.....	75
CAPÍTULO 3 – TESTEMUNHOS E DESEJOS FEMININOS.....	81
3.1 Caminhos da pesquisa.....	81
3.2 As entrevistas.....	86
3.3 As mulheres e seus depoimentos.....	89
3.3.1 Primeira entrevista.....	89
3.3.1.1 Breves considerações psicanalíticas.....	91
3.3.2 Segunda entrevista.....	98
3.3.2.1 Breves considerações psicanalíticas.....	99
3.3.3 Terceira entrevista.....	102
3.3.3.1 Breves considerações psicanalíticas.....	104
3.4 O que foi possível pensar diante dos depoimentos.....	107
3.4.1 A relação mãe-filha e o corpo feminino.....	108

3.4.2 Os excessos e as faltas no real do corpo: os destinos da castração simbólica.....	116
3.4.3 As cicatrizes: o real do corpo e seus efeitos simbólicos.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	132
ANEXOS.....	137

INTRODUÇÃO

O interesse em desenvolver esta pesquisa surgiu a partir da realização de um trabalho monográfico na Graduação em Psicologia, cuja temática abordou a questão do implante de silicone no seio e sua relação com a feminilidade na contemporaneidade. Além disso, a presente pesquisa está vinculada a um dos *Projetos guarda-chuva* da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, intitulado *Por uma metapsicologia do corpo*, que tem como objetivo, fazer uma leitura psicanalítica de diversas manifestações corporais patológicas e, a partir delas, construir os elementos básicos de uma metapsicologia do corpo.

Entretanto, foi na observação do atual cenário social que o interesse em discutir o feminino nas manifestações estéticas do corpo se consolidou enquanto tema de pesquisa. Isso porque, atualmente, podemos tomar conhecimento, seja por meio da mídia ou mesmo nas rodas de conversas informais, de um grande movimento feminino visando as cirurgias plásticas. Esse assunto tem ocupado um lugar de destaque no atual contexto do culto ao corpo e, expressivamente, no universo feminino. E, de modo algum, está restrito àquelas mulheres que de fato se submetem a estas intervenções. De maneira geral, as formas do corpo feminino e a grande diversidade de procedimentos cirúrgicos para moldá-lo são temas que estão no discurso e na imaginação de um número cada vez maior de mulheres. O que as tem levado, de uma maneira ou de outra, a se posicionarem diante dessa questão, partindo da imagem que fazem de seu próprio corpo.

Com efeito, dados revelados pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica – SBCP – atestam que em 2004, no Brasil, foram realizadas 616.287 (seiscentos e dezesseis mil duzentas e oitenta e sete) cirurgias plásticas, incluindo-se nesse rol os procedimentos considerados estéticos – que representaram 59% (cinquenta e nove por cento) desse total – e os reparadores. Em 69% (sessenta e nove por cento) dos casos,

foram as mulheres que aderiram a essa prática cirúrgica. Ainda segundo a referida fonte, dentre os procedimentos cirúrgicos estéticos mais realizados no país, a lipoaspiração é a mais freqüente, seguida do implante mamário e da cirurgia da face em geral.

Em publicação recente, a Revista *Época*, de 23 de outubro de 2006, corroborou esses dados, comentando que a quantidade de cirurgias estéticas dobrou no Brasil entre 1999 e 2004, estimando que, em 82% (oitenta e dois por cento) dos casos, são as mulheres que realizam essas cirurgias.

Essa problemática pareceu-nos ainda mais instigante quando observamos as diversas configurações que a estética do corpo vem assumindo para a mulher atualmente, exigindo dela uma determinada aparência. Percebemos isso quando essas configurações associam às formas do corpo feminino, diversas expressões populares, tais como: *ser sensualmente feminina, ser desejada, ser olhada, cuidar de si, gostar-se mais, ter um corpo ideal, ter o corpo que sempre se sonhou*, dentre muitas outras denominações que, implicitamente, pedem e prometem a inserção num espaço de idealização da imagem do corpo feminino a ser imediatamente alcançada.

Nessa mesma direção, Costa (2004) comenta:

O cuidado de si, antes voltado para o desenvolvimento da alma, dos sentimentos ou das qualidades morais, dirige-se agora para a longevidade, a saúde, a beleza e a boa forma. [...]. Ser jovem, saudável, longo e atento à forma física tornou-se a regra científica que *aprova ou condena* outras aspirações à felicidade (p. 190).

Mas, ao mesmo tempo em que uma grande diversidade de possibilidades de intervenções estéticas apresenta-se como uma imensa via de acesso para o corpo feminino ideal; de outro lado, parecem se configurar como uma larga porta de entrada para muitas formas de inquietações psíquicas, nas quais o corpo parece significar, simultaneamente, a chave e o enigma dessas questões. Em outros termos, paralelo ao investimento em uma imagem de corpo feminino ideal, valendo-se dos recursos que a

ciência dispõe para modelá-lo, ele – o corpo – parece ter se tornado o palco de muitos conflitos e questionamentos.

Em virtude disso, é possível conjecturar que a estética do corpo aparece nesse contexto como uma urgência feminina, como se marcasse e mediasse a relação que a mulher estabelece com seu corpo hoje. Relação esta que abrange determinadas manipulações do corpo nunca antes efetivadas com tanta ênfase e diversificação.

Surge, nesse contexto, por exemplo, o corpo *sugado* pelas lipoaspirações; *implantado* pelos silicones; *preenchido* por quantidades de gordura; *cortado* pelos bisturis; *espetados* pelas seringas com botox¹; *diminuído ou secado* pelas dietas; *apertado* pelos modernos espartilhos; *mutilado*² por novas técnicas cirúrgicas; *modelado* pelas máquinas das academias e clínicas de estética; *manipulado* enfim...

Nesse sentido, é importante questionarmos: que corpo feminino é esse que precisa ser tão manipulado? De que impossibilidade se trata, quanto à dificuldade de lidar com um corpo *naturalmente* seu? Do que fala essas formas e pesos de corpos para o ser mulher da atualidade? De que sofrimento psíquico se fala, quando se supõe que existe aí um não suportar certo corpo feminino? Enfim, que estética é essa que impõe tantos sacrifícios e manipulações ao corpo da mulher?

¹ Toxina botulínica tipo A (cujo cosmético mais famoso é o BOTOX® da Allergan) é um complexo de proteínas produzido pela bactéria *Clostridium botulinum*, a qual contém a mesma toxina que causa envenenamento alimentar. Quando usada para fins médicos, como uma forma injetável da toxina botulínica purificada, pequenas doses podem bloquear a liberação pelas células nervosas de um químico chamado acetilcolina, o qual sinaliza a contração muscular. Ao interferir seletivamente com a capacidade de contração dos músculos as linhas de expressão são suavizadas e, em muitos casos, ficam praticamente invisíveis em uma semana. Aplicação da toxina botulínica tipo A é o procedimento cosmético de maior crescimento de acordo com a American Society for Aesthetic Plastic Surgery (ASAPS). BOTOX® é visto por alguns como a fonte da juventude definitiva. (site <http://Copacabanarunners.net/botox.html>; acesso em 02/12/2006)

² Atualmente um número cada vez mais significativo de mulheres, em todo o mundo, tem retirado, por intermédio de intervenções cirúrgicas, algumas costelas, com o intuito de diminuir as medidas da cintura.

Além disso, esses investimentos estéticos no corpo tornam-no cada vez mais fragmentado; ou seja, o corpo mostra-se cada vez mais investido esteticamente aos *pedaços*, uma vez que as técnicas estéticas intervêm cada vez mais nas partes do corpo e não no seu todo, em sua unidade.

E é em nome dessa estética, que elementos externos ao que podemos chamar de *eu-corpo*, isto é, elementos vindos do que está fora do corpo, o estão invadindo com uma freqüência cada vez maior. Dir-se-ia até que, um número cada vez maior de mulheres não suporta as formas de seu próprio corpo e se oferecem a um outro para modificá-las, como se estivessem interrogando sua própria imagem corporal, intervindo no real desse corpo.

Isso nos levou a supor que é para alguma espécie de conflito inconsciente que essas questões apontam. Uma determinada inquietude que parece revelar uma tensão, marcando o ser mulher, a partir do corpo esteticamente manipulado. Neste movimento, o desejo de uma imagem idealizada de corpo parece se ancorar num grande impasse: um certo prazer em investir, através do real do corpo, nessa imagem desejada e uma inquietação, por nunca alcançá-la *plenamente*; ou quem sabe, numa ordem inversa: uma inquietação que parece levar incessantemente ao ato de investir, dessa forma, o próprio corpo.

Certamente não é ao acaso que as academias de ginástica estejam lotadas; que as clínicas de estética estejam recebendo cada vez mais, novas demandas e oferecendo fórmulas inovadoras para solucionar as *imperfeições* do corpo; e que a medicina está sempre disposta a satisfazer esse desejo, criando e investindo em novas tecnologias, cada vez mais apuradas.

Também não é sem motivo que as revistas de beleza estejam cada vez mais, destinando para o público feminino uma grande diversidade de dicas, receitas, conselhos e medidas desejáveis, mostrando na veiculação de suas imagens o corpo feminino que se deve ter e buscar incansavelmente. Enfim, não é eventual que as

intervenções estéticas estejam cada vez mais específicas, em partes cada vez mais pontuais do corpo.

Parece tratar-se, sim, de uma complexa rede de atuações, na qual o todo do corpo tem uma dívida eterna com a *adequada* soma de suas partes e onde as tramas dos desejos inconscientes formam pares que obedecem a uma espécie de gozo, numa via de mão dupla: os corpos manipulados e os manipuladores de corpos - juntos num grande projeto para um corpo feminino perfeito, sem faltas. E por que não dizer: em prol de uma *perfeita* feminilidade.

Nesse sentido, não é demais lembrar que, desde a histórica de Freud até nossos dias, a mulher consegue exprimir através de seu corpo, sinais sugestivos de conflitos e questionamentos psíquicos, que não consegue dizer com palavras. Assim, o corpo feminino aparece na cena pública e no discurso da mulher, atravessado por uma questão que se coloca, sobretudo, entre ela e o olhar do outro, seu espelho; ou entre ela e suas questões inconscientes.

É como se algo muito próprio da feminilidade atravessasse o corpo da mulher, dificultando-lhe as palavras, ou que algo muito primário na constituição feminina silenciasse o seu dizer e, nesse lugar, a concretude do corpo se oferecesse como palco para algum aspecto indizível da feminilidade.

Isso nos levou a supor que a mulher, ao invés de *ser* o seu próprio corpo, prefere apenas *portá-lo*, ou manipulá-lo ao sabor das efêmeras mudanças socioculturais. Assim, na medida em que o olha como algo que está de fora, apresenta-o nas relações interpessoais, como se fosse um instrumento que promettesse uma recorrente inserção no universo feminino.

Diante de tantas considerações, lançamos-nos, então, ao desafio de pesquisar, do ponto de vista psicanalítico, sobre possíveis significações da imagem do

corpo feminino para mulheres que já tenham se submetido, mais de uma vez, a cirurgias plásticas. Sendo este, o objetivo geral de nosso estudo. E com a finalidade de alcançá-lo, debruçamo-nos sobre alguns pontos da literatura psicanalítica: a feminilidade, o corpo psicanalítico e as teorizações sobre a imagem do corpo.

Além disso, entrevistamos três mulheres que já se submeteram a algumas intervenções estéticas, com a intenção de buscar, no discurso do sujeito feminino inserido no contexto da estética, aspectos que poderiam ser sinais de seu desejo inconsciente em relação às cirurgias plásticas. E, na preocupação em angariar subsídios que dessem suporte ao nosso estudo, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

1. Apresentar o corpo psicanalítico e sua interface histórica e cultural, contextualizando no atual *culto ao corpo*, o lugar que as cirurgias estéticas ocupam no universo feminino;
2. Refletir sobre a formação da imagem do corpo e a sua função no processo do tornar-se mulher.
3. Analisar as articulações inconscientes, presentes entre as motivações psíquicas da cirurgia plástica, a problemática da imagem do corpo e a questão da feminilidade no discurso de mulheres submetidas a mais de uma intervenção estética.

Na construção desse percurso, dividimos a presente dissertação em três capítulos. Destinamos o primeiro deles à discussão das questões que envolvem o culto ao corpo na atualidade, relacionando-as às manifestações da feminilidade na cultura. Para isso, começamos falando da constituição do corpo para a psicanálise e, posteriormente, por meio de um breve percurso histórico, descrevemos a trajetória feminina, desde o progressivo desnudamento de seu corpo, a partir de meados do século passado, até nossos dias, em que sua imagem ocupa lugar de destaque.

Nessa elaboração, recorreremos, em primeiro lugar, ao pai da Psicanálise, quando nos fala de seu essencial conceito de *ego-corporal*; revelando aí, um corpo que se distingue do corpo biológico ou do orgânico e interroga um corpo que é habitado pela linguagem: lugar onde se tece a trama das relações entre o somático e o psíquico e que exprime a linguagem dos desejos inconscientes. O surgimento desse corpo atravessado pela linguagem se dá quando o ego encontra sua primeira estruturação unitária no registro da imagem, que pode, por isso, ser investido como objeto de amor. A imagem do corpo tem, então, um papel de suma importância na constituição psíquica da existência humana e, no que concerne à nossa pesquisa, na construção feminina.

Ainda no primeiro capítulo, recorreremos a autores psicanalíticos que discutem as questões do corpo na atualidade, bem como a teóricos do campo da História; essenciais para nos apresentar o percurso feito pela mulher em relação às concepções de seu corpo.

Quanto ao segundo capítulo, ocupamo-nos em apresentar a formação da imagem do corpo e seu papel no processo do tornar-se mulher. Nesse percurso valemo-nos da imagem do corpo como um conceito de caráter histórico vivencial na formação do sujeito, bem como, dos conceitos lacanianos do *Real*, *Imaginário* e *Simbólico*, do *Estádio do espelho* e, numa medida essencial, do *Complexo de Édipo*. A partir disso, ressaltamos o Édipo feminino, na tentativa de apreender os caminhos da feminilidade e sua relação com a formação da imagem do corpo. Escolhemos nos deter um pouco nos avanços lacanianos, por entender como essenciais à abordagem das especificidades de nossa temática: o jogo entre imagem do corpo e feminilidade.

O terceiro e último capítulo foi construído com base nos depoimentos de três mulheres. Neles, estão revelações acerca das idealizações pessoais das entrevistadas, a imagem que têm do corpo e sua condição feminina, tomando por base a vivência de cirurgias plásticas. Estivemos atentos às manifestações de seus discursos e ao modo como, inconscientemente, referiram-se às instâncias ideais. Nesse sentido, a leitura das entrelinhas de seus discursos representou possibilidades de encadeamentos

significantes que, em alguma medida, nos ofereceram certos sentidos para a análise de nossa temática.

É fundamental observar, ainda, que, para a presente pesquisa, elegemos os ensinamentos freudianos e lacanianos como eixos centrais das articulações teóricas. No entanto, numa tentativa de sistematizar as mais importantes proposições, relacionadas à nossa problemática, consideramos pertinente fazer uso das reflexões de consagrados comentadores dessas obras, por entender que as explanações deles se amoldam de maneira clara àquilo que tencionamos discutir neste trabalho.

Assim dito, passemos agora ao corpo de nosso trabalho. Embora não sem antes dizer que, os contornos que improvisamos em torno de uma problemática ainda tão escassamente discutida, lançaram-nos numa missão dissertativa; ainda que com o firme desígnio de dar alguns nomes à relação entre feminilidade, cirurgia plástica e imagem do corpo.

Foi preciso nos autorizar...

CAPÍTULO 1

O CORPO: CONSTITUIÇÃO, TRAJETÓRIA HISTÓRICA E PERCURSO FEMININO.

Começamos considerando que, a evidência do corpo estético em suas diversas manifestações na cultura engendra o desejo cada vez maior de buscar posicionamentos de onde se possa, de alguma maneira, nomear novas configurações corporais na atualidade.

As cirurgias plásticas, como uma dessas manifestações, irromperam esse espaço de modo imperativo, colocando em xeque a imagem do corpo. É esta que ora trazemos em relevo, visto que é com a força da virtualidade dessa imagem e o desejo dela, que muitas mulheres têm olhado e cuidado do corpo atualmente.

Assim sendo, a multideterminação desse contexto dá o tom da complexidade e do indispensável cuidado de que é preciso se imbuir na análise psicanalítica dessas questões. Faz-se necessário, então e, antes de qualquer coisa, definir a lupa com que observaremos essa imagem do corpo. Isso será uma espécie de garantia de que um recorte dessa realidade foi feito; ou, antes, de que um caminho foi traçado, diante de tão vastas possibilidades de análise.

Nesse intento, daremos início a este capítulo pelas elaborações psicanalíticas sobre o corpo simbólico – atravessado pela linguagem – e sua função na constituição do humano, considerando suas ressonâncias nos espaços públicos atuais. Esse aspecto será a porta de entrada de nosso estudo.

Lacan (1949) propõe o corpo simbólico ao situá-lo como resultante de um processo subjetivo gradual, em que o bebê passa a tomar o corpo, apreendido numa

imagem especular, como *seu*, ou, mais propriamente, quando ele passa a nomear-se a partir de um corpo carregado de significações. Nestas, a aprovação do outro contribui, essencialmente, para a atribuição do estatuto simbólico deste corpo.

As palavras de Násio ilustram essa concepção lacaniana: “O corpo que interessa à Psicanálise não é um corpo de carne e osso, mas um corpo tomado como um conjunto de elementos significantes.” (Násio, 1993, p. 149). É desse lugar teórico que nos posicionaremos ao longo de todo o nosso trabalho.

A partir dessa premissa, o discurso sobre os lugares do corpo feminino na atualidade falará de um corpo de estatuto mutável. Um campo em que nada deve ser definido: o corpo feminino hoje precisa estar sempre aberto às mudanças e ao desejo delas. Mais ainda, a possibilidade de reinscrição das formas do corpo precisa estar assegurada. E é justamente essa possibilidade que parece garantir a nomeação de um corpo feminino. Desenha-se, em última análise, uma busca feminina por certo corpo imaginado, marcado que está por excessos e faltas.

Assim, o contexto cultural de hoje, intensamente manifestado nessa busca, põe em questão a função de uma imagem do corpo que excede e falta e o modo como a mulher se posiciona diante desta imagem para dizer-se mulher. Cumpre lançar como uma reflexão primeira, se essa imagem buscada é única - traçada nas origens de uma história corporal feminina -, ou se são infinitas imagens mapeando certo desejo feminino. De qualquer modo, está aberta uma questão entre a imagem do corpo e a feminilidade - o ser mulher.

1.1 O Corpo como um lugar psíquico

Há alguma verdade em considerar o Corpo³ como um *lugar*. E, em tempos atuais, mais ainda em poder anunciá-lo como um *lugar comum*.

Primeiramente, porque o Corpo como *lugar* surge para o sujeito quando a vivência de suas primeiras sensações visuais, táteis, auditivas, olfativas, orais e os sucessivos registros de sentidos e significações que advém dessas experiências se inscrevem no Corpo, constituindo então, uma espécie de morada simbólica. Nesse contínuo movimento, percebido interna e externamente ao corpo, tais experiências corporais vão humanizando o sujeito, constituindo sua Corporeidade⁴. Dessa maneira, as representações resultantes desse movimento intercambiante - estabelecido primordialmente entre mãe e bebê - passam a ser componentes de histórias de vida, expressos na e pela objetividade deste corpo.

É trilhando esse percurso que o Corpo vai se tornando um *lugar*: constituído, marcado e, sobretudo, habitado, ao mesmo tempo, pelos conteúdos imaginários que rondam suas vivências corporais, pelas marcas da linguagem que o atravessam e por certo saber inconsciente que segue assinalando sua constituição. De tal modo, o Corpo envereda pelo caminho das simbolizações, ou seja, permanece marcado não somente

³ A grafia desta palavra com letra maiúscula acompanha o pensamento de Paul-Laurent Assoun (1996), quando considerando o campo semântico do Corpo freudiano, define Corpo não como um conceito psicanalítico específico, mas esquematizado da seguinte forma: “O Corpo é, de fato, *Körper*, o corpo real, objeto material e visível, estendido no espaço e designável por certa coesão anatômica. Mas é também *Leib*, ou seja, o corpo captado em seu enraizamento, na sua própria substância viva, [...]: não é somente um corpo, mas o Corpo, princípio de vida e individuação.” (p. 176).

⁴ A corporeidade do sujeito pode ser definida aqui pelo conceito de Corpo erógeno, que segundo Dolto (1984) faz referência ao corpo investido narcisicamente. Para Assoun (1996), que concebe uma teoria da corporeidade, trata-se de uma “abertura do corpo na sua própria aptidão para a erotização” (p. 185); o que ele denomina de *corpo-narciso*. Nestas concepções pode ser considerada a percepção do desejo que o sujeito causa no outro a partir de seu corpo.

por suas necessidades vitais, mas a partir delas e por elas passa a ser, primordialmente, um Corpo habitado pelo desejo.

Neste sentido, é importante não esquecer que quando o pai da Psicanálise afirmou em seu livro *O Ego e o Id*, em 1923, que “o ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície” (p. 39), diz, de algum modo, que se referir ao Corpo é afastar-se de seu pretense estatuto auto-significante; o que significa dizer: um corpo que se explicaria por ele mesmo, tal como ressalta Assoun (1996).

Assim, o *ego corporal*, tal qual descrito por Freud, nos dá a idéia de um *eu* que se faz numa troca de experiências corporais e que, apesar de ter como base primordial as marcas das necessidades vitais do corpo como organismo, gradativamente se afasta delas para registrar suas significações e traçar seus destinos para este que agora se tornou um *Corpo*.

Assoun (1996) observa também que a contribuição freudiana a tal problemática se fez pelo afastamento de uma *psicofilosofia* do Corpo, que pretensamente o definiria, ou seja, Assoun considera que Freud rejeita a explicação sobre o Corpo por meio de pressupostos psicológicos e filosóficos. Diz este autor que, assim, Freud nos abriu o caminho para a importante consideração de que é preciso refletir sobre a linguagem inconsciente que se manifesta no Corpo. Na perspectiva de que o inconsciente tem uma linguagem capaz de expressar as questões do Corpo. Resume então:

Freud designa, de preferência, no “inconsciente” o lugar de interferência onde as “vozes do corpo” se misturam aos efeitos significantes, de forma que somos remetidos, para avaliar os efeitos corporais, ao vencimento do “trabalho inconsciente” efetivo. (Assoun, 1996, p. 176).

Por assim dizer, o Corpo como um lugar define-se com uma marca essencial do inconsciente freudiano. Isso quer dizer que o saber do Corpo está, de certo modo,

guardado nos enigmas inconscientes que residem na sempre inapreensível relação entre as dimensões psíquicas e somáticas do sujeito. Relação que é a própria definição do que vem a ser o Corpo.

A noção de Corpo como um lugar fica clara também nas palavras de Bastos, que define:

O corpo é assim, marcado, mapeado em zonas erógenas, por ação de um outro, nomeadamente, a mãe. Ele se converte de corpo biológico em corpo erógeno dentro de uma relação marcada pela experiência de satisfação e significada por um outro como prazer. (Bastos, 1998, p. 76).

Há nessa relação entre a mãe e seu bebê mais que uma simples troca corporal que envolve cuidados essenciais para a sobrevivência da criança. Passa a existir a possibilidade de inauguração de um lugar onde essas trocas sejam significadas: o Corpo erógeno, uma dimensão que se acresce ao simples corpo biológico. Ou seja, o Corpo que é constitutivo desse sujeito, que entra em sua subjetivação.

Dolto (1984) comunga com estas definições, na medida em que afirma: “ao organismo que faz da criança um ser de necessidade, é associado um sujeito de desejo.” (p. 69). A autora diz também que o sujeito só se manifesta através de desejos e que eles não podem separar-se de suas necessidades. Neste entendimento, é a linguagem, segundo ela, que media a diversidade de acontecimentos que ocorrem com o Corpo do sujeito.

De fato, são as palavras circuladas gradativa e permanentemente na relação mãe-bebê, que conferem sentidos ao Corpo do sujeito. Isso porque, toda e qualquer vivência corporal está, em alguma medida, sempre acompanhada da linguagem, ou seja, das palavras que, carregadas de sentidos conscientes e inconscientes, nomeiam as muitas circunstâncias que permitem os desdobramentos simbólicos do Corpo. Seguem, nessa direção, as palavras daquela autora:

Há atitudes inconscientes da mãe e do pai e palavras conscientes que, desde a primeira infância até a idade da fala, ouvidas pelo bebê, trazem o seu fruto simbólico na forma como esse bebê [...] constrói uma imagem de si mesmo, narcisada em sua pessoa e em seu sexo ou não. (Dolto, 1996, p. 109).

O fruto simbólico de que fala a autora é ponto de partida dos caminhos que serão trilhados por esse Corpo ao longo da vida do sujeito; o que oferecerá sustentáculo e servirá de base para as configurações que, porventura, o Corpo venha a assumir para a existência humana: suas manifestações culturais.

1.2 A cultura do corpo

Essas questões podem, por sua vez, ser analisadas no discurso da cultura, na medida em que o Corpo é simbolicamente considerado nos dias atuais, um *Lugar Comum*. A atribuição desse adjetivo justifica-se pelo fato de que atualmente o corpo é público – propositalmente exposto ao escrutínio, julgamento e domínio do outro (por vezes, nesta mesma ordem). Neste ponto de vista, o corpo compartilhado com aquele que o observa de fora se confirma quando os valores conferidos às suas formas precisam ser discutidos, avaliados e mensurados nos espaços públicos. De igual modo, é o corpo, enquanto tema de reportagens, título de livros, alvo de propagandas, objeto de consumo da moda e, fundamentalmente, da ciência médica e tecnológica, que se apresenta traçado, medido, pesado e esquadrinhado milimetricamente pelo discurso do outro, seja este anônimo ou não.

Costa (2004) nos descreve esse fato de modo bastante peculiar ao afirmar que:

A ideologia cientificista confere ao Corpo e a espécie o valor, anteriormente, concedido às virtudes públicas e privadas. O Corpo deixou de ser um meio de agir sobre o mundo ou de enobrecer sentimentos para voltar-se para as

finalidades de sua própria autoconservação e reprodução. Na tradição político-religiosa [...] controlamos o Corpo de modo a fazê-lo servir à causa das boas obras e dos bons sentimentos. A realidade corporal jamais foi tomada em sua nudez material como algo digno de ser cultivado com propósitos morais. Queríamos ter saúde ou longevidade para cumprir tarefas familiares, sociais, religiosas, sentimentais ou outras. Nunca, entretanto, havíamos imaginado que a forma corporal pudesse ser garantia de admiração moral. (Costa, 2004, p. 192).

Por esse entendimento, podemos afirmar que a boa forma do corpo ocupa um lugar de destaque nos atuais modos de subjetivação; tornando-se assim um valor indispensável ao sujeito, que agrega à materialidade de seu corpo aquilo que possa conferir uma especial estima à sua dimensão física. Como se atribuísse a ele mesmo um conceito de valor moral para si e diante do outro, pelas suas formas corporais.

Sant'Anna (2001) também ressalta essa realidade do corpo. Porém, faz uma importante observação quanto ao sentido que é dado ao corpo quando o ideal de boa forma, por um motivo ou outro, não é alcançado. São suas as palavras:

A boa forma passa a ser considerada uma espécie de melhor parte do indivíduo e que, por isso mesmo, tem o direito e o dever de passar por todos os lugares e experimentar diferentes acontecimentos. Mas, aquilo que ainda não é boa forma e que o indivíduo considera “apenas” o seu corpo, torna-se uma espécie de mala por vezes incomodamente pesada, que ele necessita carregar, embora muitas vezes queira escondê-la, eliminá-la ou aposentá-la. (Sant'Anna, 2001, p. 108).

Assim, hoje, mais do que desejável, é necessário falar das formas do corpo, dizer o que se pensa e de como se está cuidando delas. E, mais importante ainda, tornou-se ideal revelar qual o *segredo* para manter o corpo dentro dos padrões ditados pela cultura ou, ao contrário, declarar-se publicamente culpado quando o oposto ocorre.

Igualmente esperado e legitimado é pedir a opinião do outro sobre a boa forma do próprio corpo. Afinal, tornou-se necessário aprová-lo, ou não, na *comunidade* dos corpos, tendo como aval a opinião alheia. São dois movimentos que podem surgir daí: júbilo, vitória e satisfação pelo corpo aprovado; ou, ao contrário: culpa, remorso, autoreprovação e vergonha pelo corpo *inadequado*. Esta inadequação de suas formas

passa, muitas vezes, a ser motivo de descontentamento do eu. Corpo este que deve, então, ser remodelado para ganhar nova importância para o advir humano contemporâneo.

Esses movimentos denotam em sua base uma adoração à forma do corpo, cuja tradução se dá pela descrição de seu aspecto, sua aparência, sua cor, seu peso, seu tamanho, suas medidas enfim. Aspectos que hoje em dia se encontram elevados a qualidades subjetivas da existência humana. Nesse processo, há um significativo reconhecimento do eu, que se apresenta ligado essencialmente a uma imagem de Corpo que seja capaz de causar impacto ao outro.

Além disso, na atualidade, há uma necessidade urgente em posicionar o corpo quanto ao lugar que ocupa, ou deve ocupar no seletor *recinto dos corpos em boa forma*. Nesse momento, é como se o corpo fosse uma entidade separada do próprio sujeito e posto à prova por ele mesmo. A busca parece ser por uma sensação de adequação ou, mais pontualmente, de pertencimento a um determinado lugar onde o formato do corpo corresponde a uma imagem reverenciada – um ingresso para um sentimento de *bem-estar consigo mesmo*.

Podemos até dizer, num certo sentido, que o corpo está para além do *ser* humano, como se tivesse adquirido uma espécie de vida própria; como se, de forma independente, fosse um personagem que, pela imagem que mostra, emprestasse sentidos a quem o *transporta*. O sujeito agora parece carregar *um* corpo, residir e cuidar dele como se estivesse numa espécie de morada provisória, que pode ser conclamada a qualquer momento a rever seus traços naturais conforme a demanda posta pelos espaços públicos.

Por um lado, é verdade que, numa medida, somos nosso Corpo. Ele nos identifica tal como se apresenta a nós mesmos e ao outro, bem como a partir do modo como pode ser percebido nas relações interpessoais. Mas, atualmente, é como se a materialidade do corpo tivesse se destacado do próprio sujeito e se transformado em

alguma coisa como que à parte de seu eu. Às vezes, podendo coincidir com uma referência especialíssima de suas idealizações narcísicas mais primitivas, outras vezes discordando radicalmente delas.

Além do mais, os cuidados com as formas do corpo são também frutos, atualmente, de uma espécie de ética: o que se pode ou não fazer com o corpo; o que se deve ou não fazer dele e para ele. Essa ética é compreendida dentro da lógica do bem e do mal que é destinado a si próprio. Ou seja, as condutas adotadas para alcançar a boa forma do corpo estão sendo tomadas como valores éticos e politicamente corretos e, por isso mesmo, sendo extremamente vigiadas para que não haja perigo de que alguém possa esquecer-se delas ou transgredi-las, sob pena de ser lançado a um sentimento de desagregação social.

Certa onipresença e onipotência deste discurso sobre o corpo em boa forma nos convidam à reflexão do que possa residir na demanda de propagação dessa imagem de Corpo. Em primeiro lugar, é preciso pensar sobre as palavras que circulam ao seu redor: uma linguagem que parece tentar definir tão somente uma exterioridade de Corpo. Em segundo, a constância do assunto *boa forma do corpo* na imaginação cultural, apresentado e analisado por tantos e diferentes pontos de vista, atesta, em última análise, um desejo contínuo de falar sobre as significações que essas formas constituem.

Além do mais, as muitas discussões, sempre tão cuidadosamente analisadas sob os prismas médico, histórico, cultural e tantos outros, traduzem, de alguma maneira, o ímpeto de se continuar a trazer e deixar a *performance* do corpo em evidência. A ênfase que se conserva neste sentido é a de que o Corpo, definido e valorado por suas formas, se constitui num certo lugar para onde se deve ir e permanecer. Entretanto, parece-nos relevante questionar não apenas que lugar é esse, mas, de que nos fala essas formas corporais, que nos convidam à reverência de certo Corpo formatado. O que se passa quando o *culto ao Corpo* apresenta novas

modalidades para a persistência da adoração de suas formas? De que inquietação se trata afinal?

É fato, que conhecer a funcionalidade do Corpo nos trouxe imensos benefícios e avanços extraordinários no campo da saúde. Saber de seus minuciosos segredos fisiológicos nos proporcionou um considerável aumento da longevidade; conhecer os seus mecanismos internos nos fez entender, controlar e, às vezes, vencer muitas doenças que levavam à morte de forma mais freqüente, em tempos não muito distantes. Desvendar seus mistérios genéticos nos deu e dá a possibilidade, por exemplo, de manipular, escolher ou, principalmente, antecipar características físicas humanas idealizadas. Podemos até afirmar, com alguma segurança, e de certo ponto de vista, que sabemos de nosso Corpo por dentro, que somos capazes de dominá-lo internamente, prevendo e manipulando suas intercorrências biológicas.

Entretanto, atualmente, o Corpo nos chama de um outro lugar: do alto de sua exterioridade. Estamos particularmente siderados por sua imagem, sendo cada vez mais dominados também por esse *corpo de fora*. Trata-se de um saber que, apesar de todo o conhecimento científico construído sobre o corpo, ainda interroga nossa existência de modo incisivo. Nunca, talvez, estivemos tão submetidos e tão fascinados pelo seu exterior quanto atualmente.

Que lugar essa exterioridade do Corpo ocupa no nosso atual imaginário? De que exterior se trata?

1.3 A cultura estética do corpo

Certamente que não se trata somente de expor aqui, os significados do corpo para o homem de nossos dias, mas de pensar sobre as significações de suas formas, traduzidas pela imagem que ele veicula.

Costa (2004) nos apresenta o que ele denomina de Culto ao Corpo da atualidade e de sua conseqüente *cultura somática*. Com isso, afirma que a questão do culto ao corpo deve ser analisada, abordando não somente o *quantum* de investimento nesse movimento, mas a modalidade dessa questão nos relacionamentos intersubjetivos, esclarecendo que: “o que diferencia a atual *cultura somática* dessas outras não é a quantidade de tempo despendido nos cuidados do corpo, mas a particularidade da relação entre a vida psicológico-moral e a vida física.” (p. 204).

Por esse entendimento, é essencial destacar que o *Culto ao Corpo* dispõe de inúmeros modos para se revelar na contemporaneidade. Dentre eles, os cuidados com a sua imagem assumem um lugar preponderante. Neste espaço, a estética do corpo capturou o existir humano de modo avassalador.

De fato, na medida em que o mercado se colocou como a ordem das coisas e a tecnologia se tornou o princípio maior a oferecer conforto e segurança para toda e qualquer intervenção ao sujeito, a estética do corpo parece se apresentar como uma das muitas resultantes desse complexo jogo. Como mais um item inserido na ordem do consumo, cujo lugar de destaque atualmente é ocupado pelas cirurgias plásticas. Um item que se propõe a oferecer um leque de soluções imediatas para o alcance de um determinado formato de corpo imaginado.

Uma vez desejado, esse corpo se revela e circula na cultura, manipulado por grandes e inusitadas variedades de intervenções estéticas. Nestas, a adesão ao culto

da imagem do Corpo permanece claramente anunciada ao outro, servindo, dentre outros propósitos, como uma espécie de mediador entre os sujeitos.

Mas, que movimento é esse?

Como quer que seja, isso só evidencia que as lacunas sobre certa imagem do Corpo estão sendo presentificadas pelas intervenções cirúrgicas. Parece que algo aí ainda precisa ser dito e que, de algum modo, ainda não se fez presente nas palavras sobre sua imagem. O estatuto dela e o lugar que ocupa nos modos de subjetivação da contemporaneidade nos levam a um outro universo: àquele que faz da materialidade do corpo apenas uma passagem para alcançar uma determinada imagem.

É verdade que a imagem do Corpo, em um contexto tão virtual como o dos dias atuais, poderia parecer apenas mais uma vertente da relação do homem contemporâneo com o mundo tecnológico, uma consequência dele. No entanto, o que o corpo deve aparentar é o que consideramos relevante questionar. O corpo natural está rapidamente perdendo espaço para o corpo que deve parecer mesmo ter sido manipulado pela intervenção cirúrgica. Um corpo que se mostra maciçamente presente. Aliás, nunca esteve antes com uma objetividade tão descritível; mas, que simultaneamente, deve enganar, dissimular, apagar, enfim virtualizar; deixando entrever uma determinada *aparência de corpo* que pelo seu próprio código atual, deve ser efêmera, ou, em última análise, obrigatoriamente continuar a ser buscada. Um desejo mais que legitimado na contemporaneidade.

A necessidade atual passa a ser, então, permanecer falando sobre a imagem que esse Corpo pode apresentar e as possibilidades que se tem de modificá-la, pelas mudanças físicas impostas às suas formas. A imagem passa, então, a ser o ícone, o ponto mor de referência pessoal, e o corpo, curiosamente, apenas um modo de alcançá-la.

Para onde aponta todo esse movimento?

O Corpo concebido pela psicanálise – este que é formado pelos elementos inconscientes das vivências corporais mais arcaicas, mediados pela linguagem e por imagens que circundam tais vivências – coloca em questão esse discurso sobre o Corpo atual. Interroga o espaço que ele tem ocupado nas relações entre sujeitos e o modo como nele se humanizam.

As palavras de Fernandes, que faz uma importante observação acerca do Corpo na psicanálise, consideram:

O Corpo psicanalítico encontra seu lugar não apenas em uma anatomia e em uma fisiologia objetivas, mas também em uma anatomia própria, singular. Tal anatomia se constrói a partir do cenário fantasmático de cada um. Está claro que encontramos nas manifestações objetivas do Corpo biológico as ressonâncias desse outro Corpo, portador de múltiplos sentidos e significações em função desse cenário fantasmático. E é isso que faz do Corpo biológico um Corpo-linguagem, aberto à abordagem psicanalítica. (Fernandes, 2003, p.85).

O cenário fantasmático de que fala a autora pode ser entendido como o lugar onde a imagem do corpo tem a oportunidade de ganhar voz – sua morada mesma –; ou ainda, o lugar de expressão significativa de uma anatomia imaginada que foi e é constituída pelos acontecimentos da história corporal de cada sujeito. Nesse cenário, a palavra se propõe a resgatar os significantes subtraídos de sua cadeia, recuperar os sentidos perdidos ou acrescer-lhes outros. Mesmo porque, um Corpo, que é constituído originalmente pelas palavras ditas, nos faz pensar igualmente que pode ser também *decifrável* por elas, tal como defende a referida autora quando diz que “cabe a uma abordagem psicanalítica do corpo tudo aquilo que o toca na palavra. Isto é, todas as formas de viver o corpo e de colocá-lo em palavras [...]” (Fernandes, 2003, p. 103).

Contudo, a autora faz uma importante advertência para as presentes articulações ao afirmar que, embora o corpo da psicanálise seja atravessado pela linguagem e por isso, submetido à lógica da representação, existe igualmente a possibilidade da existência do que ela denomina como o *corpo do transbordamento*.

Com isso, ela quer dizer que nem sempre as questões inconscientes que envolvem o Corpo estão ou podem ser submetidas a um sistema de significações. Pode, nesse sentido, coexistir um *excesso* que atravessa o aparelho psíquico e não se organiza segundo àquela lógica. (Fernandes, 2003)

Isso é importante, na medida em que a imagem do Corpo tanto pode ser incluída nas tramas inconscientes, que marcam a constituição do Corpo, como pensada a partir de algo que esteja para além dessa lógica da representação. Daí o sentido da expressão *corpo do transbordamento*, como algo que excede a própria dimensão de Corpo simbólico.

Claro que conceber as presentes questões nessa perspectiva não implica encerrar nossa proposta de aproximação de significações da imagem do Corpo, mas, ao contrário, implica no desejo em buscar outras vias que possam, de algum modo, nomear tantas interrogações. Significa, sobretudo, inquirir esse excesso e buscar conferir-lhe um lugar na história de vida do sujeito, como algo que supostamente está para além do simbólico.

Na vastidão dessas questões, o universo feminino assume uma posição de destaque, uma vez que nele existe uma submissão do Corpo aos artifícios das intervenções estéticas cirúrgicas de modo cada vez mais reiterado. Esse movimento aparece marcado, fundamentalmente, por um discurso em prol de certa imagem de corpo feminino a ser cuidada. Questão pautada menos num ideal de beleza em si, que no desejo de permanecer interrogando o próprio corpo acerca de sua imagem de feminilidade.

Nesse ponto, poderíamos abrir um parêntese e perguntar: como esse entendimento de corpo feminino chegou até nossos dias? Que trajeto histórico terá sido esse?

É o que propomos discutir a seguir.

1.4 O corpo da mulher: breve percurso histórico

De fato, numerosos adventos histórico-culturais evidenciam que a aparência do corpo sempre foi uma questão importante para a expressão de feminilidade. Com efeito, inúmeros registros históricos atestam que esconder e disfarçar o que é considerado como imperfeições corporais, mais que uma simples preocupação com a beleza em si, sempre foi uma condição do universo feminino.

A afirmação de Del Priore (2000), por exemplo, reforça esse argumento quando diz que “a história das mulheres passa pela história de seus corpos.” (p. 13). Nesse percurso, um sem número de rituais, artifícios, truques, adereços, objetos, dentre muitos outros elementos que implicassem em reiterar certa aparência feminina apenas transformaram-se ao longo das épocas e das especificidades culturais de cada lugar. Porém, de um modo ou de outro, sempre objetivaram nomear e renomear algo muito próprio do ser mulher.

Isso quer dizer que as associações que envolvem a mulher, sua feminilidade e seu corpo não são inéditas. Muito pelo contrário, até os dias de hoje são extremamente exploradas pelos discursos histórico, antropológico, sociológico, médico ou por qualquer outro, no qual se queira descrever ou analisar sobre o que é ser mulher. Sem esquecer, sobretudo, o próprio discurso feminino. A autora acima citada ratifica essas proposições quando afirma que: “As noções de feminilidade e corporeidade sempre estiveram, portanto, muito ligadas em nossa cultura.” (Del Priore, 2000, p. 14).

O intuito neste momento, contudo, é de problematizar uma outra vertente dessa questão, a saber, o que reside na base desse discurso - tomado contemporaneamente – que, por meio da cirurgia plástica, parece continuamente renovar uma associação muito peculiar entre *corpo, mulher e feminilidade*.

O discurso psicanalítico, em seu entendimento específico do inconsciente, problematiza tais questões passando pela análise da linguagem que atravessa a tríade acima, para se aproximar das significações da *imagem do corpo* e suas ressonâncias na questão do ser mulher. Isso porque, para além das simples representações que o corpo feminino e suas formas vêm assumindo ao longo da história da humanidade, é de uma imagem do corpo que se fala, ainda que de modo inconsciente.

Antes de qualquer coisa, justifica-se, nesse sentido, um breve retorno a um ponto específico da história: o discurso médico-higienista do começo do século XX, que pode ser tomado como um período da história, no qual a atual configuração feminina da imagem do corpo tem uma importante referência. Inicialmente, porque segundo Matos (2003), aquele discurso com objetivos sanitaristas “criou um conjunto de prescrições que deveriam orientar e ordenar a vida, nos seus mais variados aspectos: na cidade, no trabalho, no comércio de alimentos, no domicílio, na família, nos corpos.” (p.109).

Essa autora esclarece ainda que no higienismo, o papel da mulher era preponderante, uma vez que ela era a principal responsável por colocar em prática todos os preceitos exigidos pelos parâmetros médicos-sanitaristas do começo do século XX. Estes preceitos afirmavam, implícita e explicitamente, que as normas e definições de funções, papéis e, principalmente, a sexualidade de homens e mulheres precisavam se adequar ao desenvolvimento de uma sociedade ideal: moral e sexualmente voltada para a saúde e o bem-estar da família.

De maneira geral, podemos dizer que os cuidados corporais eram, ao mesmo tempo, um meio e uma resultante de um modo de vida, em que o corpo deveria refletir, por seu aspecto saudável, uma questão de conduta ética. Nesse espaço, a mulher era

a representante maior da moral e dos bons costumes da época, bem como considerada, sob a tutela médica sanitarista, a *agente familiar da higiene social*. Estando em suas mãos a manutenção desses aspectos. Em função disso, a sexualidade feminina nessa época era indissolúvelmente associada à maternidade e, conseqüentemente, à constituição da família. As palavras de Matos (2003) resumem bem a concepção do discurso médico sobre o corpo feminino:

Para o discurso científico da medicina, as funções tradicionais atribuídas aos gêneros estariam iniludível e irreversivelmente enraizadas na anatomia e na fisiologia. Os médicos viam a mulher como produto do seu sistema reprodutivo, base de sua função social e de suas características comportamentais: o útero e os ovários determinariam a conduta feminina desde a puberdade até a menopausa, bem como seu comportamento emocional e moral [...]. (Matos, 2003, p. 114).

De fato, na primeira metade do século passado, a beleza, ainda que associada fortemente a uma dádiva divina, residia preponderantemente no bom funcionamento do aparelho reprodutor feminino e a saúde do corpo era atrelada, significativamente, às questões de higiene. Assim, nos cuidados corporais, era comum recorrer às prescrições médicas, sem desconsiderar a devida preocupação para não invadir o campo da moral duvidosa, no qual os excessos femininos com a beleza significavam um risco. (Sant'Anna, 1995).

Porém, os desdobramentos históricos e culturais do discurso higienista acabam por redefinir, numa medida importante, a relação que a mulher estabelecia com os cuidados de seu corpo. No decorrer do tempo, a partir da década de 50, o movimento de emancipação feminina, reforçado, principalmente, pelas influências da cultura norte-americana e pelas conseqüentes campanhas publicitárias da época, começou a desvincular o discurso feminino sobre a beleza das concepções médicas-sanitaristas e a não associá-lo exclusivamente à maternidade.

Sant'Anna (1995) diz, ainda, que os cuidados com o corpo incluíam, não mais os objetivos sanitaristas em si, mas, principalmente, o prazer de se cuidar e escutar as demandas do próprio corpo; sobremaneira, no ato de embelezar-se. Além disso, afirma

a autora que o desnudamento progressivo do corpo feminino descobriu não apenas as suas curvas e formas, mas fez nascer uma demanda de produtos e atitudes para que ele pudesse aparecer em público devidamente cuidado e em *boa* forma.

Del Priore (2000), entretanto, resume esse contexto, fazendo uma observação sobre o modo que considera submisso, em relação ao modo como a mulher se volta para seu corpo⁵:

Mesmo tomando posse do controle de seu corpo, mesmo regulando o momento de conceber, a mulher não está fazendo mais do que repetir grandes modelos tradicionais. Ela continua submissa. Submissa não mais às múltiplas gestações, mas à tríade de “perfeição física”. A associação entre juventude, beleza e saúde, modelo das sociedades ocidentais, aliada às práticas de aperfeiçoamento do corpo intensificou-se brutalmente, consolidando um mercado florescente que comporta indústrias, linhas de produtos, jogadas de *marketing* e espaços na mídia. [...]. A pergunta que ainda cabe é: que tipo de imagem preside a ligação entre as mulheres e essa tríade? Foi sempre assim? O que mudou? [...]. No início do século XXI, somos todas obrigadas a nos colocar a serviço de nossos próprios corpos. (Del Priore, 2000, p. 15).

De toda forma, como quer que tenha sido, o fato é que ao longo da história do discurso higienista, a mulher foi sendo conclamada a olhar seu próprio corpo de uma outra forma: passa a investi-lo estética e emocionalmente não mais exclusivamente para o homem ou tão somente para as questões da maternidade, mas para si mesma. O que, em última análise, nos impele a pensar toda uma trajetória em torno de importantes transformações de uma imagem de corpo feminino, ocorridas nesse tempo.

Assim, ainda que possamos afirmar que os investimentos corporais hoje sejam avaliados nos espaços públicos e o quanto isso se deve a um desdobramento histórico-cultural específico, existe uma dimensão importante a se destacar aí. É preciso

⁵ Reconhecemos que o filósofo Michel Foucault teorizou pioneiramente sobre a questão do controle dos corpos, quando considerou os dispositivos de poder que se desenvolveram a partir do século XVIII, articulando-os à constituição dos saberes humanos e sociais. Apresentava assim, duas formas de poderes que se organizavam sobre a vida, organizadas sobre dois eixos, a saber, o eixo corpo/máquina e o eixo corpo/espécie. Neste trabalho e neste capítulo, em especial, nossa intenção é apenas pontuar algumas passagens, do ponto de vista da história, nas quais aparece a submissão feminina em relação ao seu corpo, associada à imagem deste. Assim, para estas reflexões, a autora acima nos apresenta um importante percurso feminino da história contemporânea.

pensar o modo como o corpo passa a ser investido pela mulher e para ela mesma. É um momento em que ela lança um olhar para seu corpo e o confronta com uma imagem que idealizou e idealiza para sua própria história feminina.

Partindo especificamente desse recorte histórico – a despeito de muitos outros – operou-se um intenso e peculiar movimento feminino, no qual certo corpo foi sendo instituído até a configuração corporal feminina que destacamos neste trabalho: o corpo manipulável pelas cirurgias plásticas. A linguagem que circulou e circula neste campo da manipulação é uma questão importante. De qualquer modo, aí reside um desejo feminino que parece colocar em cena um corpo capaz de veicular certa feminilidade.

Em outros termos, ao corpo da estética cirúrgica é creditada uma responsabilidade de grandes proporções: ser o *porta-voz* do desejo feminino contemporâneo. Mas, antes de qualquer outra coisa, questionamos: como se apresenta esse corpo hoje e de que modo oferece aproximações entre a mulher e suas questões femininas?

1.5 Uma descoberta feminina do corpo

Atualmente, a questão da mulher e sua feminilidade parecem esboçar-se, numa medida bastante significativa, pelo movimento entre os *excessos* e as *faltas* no seu corpo. Grosso modo, isso quer dizer que hoje, a mulher refere-se, na grande maioria das vezes, ao que deseja tirar e/ou colocar em certas partes de seu corpo, para que suas medidas e, conseqüentemente, ele mesmo, tornem-se ideais. A cirurgia plástica é, em última instância, o ato da realidade pronto a colocar esse incômodo em circulação e em questão; sendo as lipoaspirações e os implantes (realizados na maioria

das vezes simultaneamente), os protótipos desses atos. Dentre tantos outros, esse é um fio condutor importante para abordar aqui o corpo feminino na contemporaneidade.

Isso porque, observamos com grande evidência que o discurso feminino surge profundamente imbricado naqueles opostos, movimentando-se metaforicamente entre algo que falta e que excede ao corpo. Para dizê-lo mais uma vez de modo diferente, as mulheres têm concebido seus corpos como inseridos numa alternância perene e necessária entre o mais e o menos de suas medidas e formas; algumas vezes até de maneira extremada, circulando entre o demais e o nada no corpo.

O que pensar diante disso?

Bem, podemos supor inicialmente uma imagem de corpo feminino que se situa precisamente num *entre*, expressando-se em um corpo no qual *tudo deveria estar no lugar*, mas que nunca deve mesmo ficar; apontando para um suposto desejo de manter um pêndulo imaginário entre as faltas e excessos do corpo. É possível, a partir daí, apontar para uma fundamental demanda feminina, na medida em que surge, ao mesmo tempo, um desejo de um corpo *com tudo no lugar* e um outro de não reconhecer esse corpo e até mesmo de sabotá-lo. É disso que parece se tratar quando muitas mulheres permanecem recorrendo às cirurgias plásticas, situadas entre a busca e o encontro de partes do corpo para aperfeiçoar, sempre.

É como se, a partir do ato cirúrgico estético, a realidade de uma aparência encontrasse seus ecos num padrão estético posto na cultura e, ao mesmo tempo, uma outra aparência imaginária – inconsciente - desmentisse isso. Desenha-se, então, um traço, um pedido à mulher para que ela tenha um corpo feminino: o corpo que deve permanecer faltando e excedendo em determinadas partes.

Nesse sentido, não devemos deixar de questionar mais especificamente: que significações habitam o que se denomina de *lugar*? O que está no lugar? O que não

está? Que lugares do e no corpo devem faltar e que lugares devem exceder? De que excessos e de que faltas se fala? Enfim, que desejo é esse?

Uma possibilidade inicial é pensar estas questões tomando a seguinte descrição de Assoun (1996): “O Corpo se anuncia por um paradoxo: ele designa ao mesmo tempo uma profundidade, um *dentro* insondável, e uma superfície, um horizonte de visibilidade insuperável.” (p. 177).

Com isso, podemos colocar em questão o fato da imagem do Corpo estar referida a uma inexaurível possibilidade de contradição. Ou, em última instância, de uma assimetria importante, posto que esta imagem parece referir-se a um corpo que pode ser visto, apalpado, descrito e ao mesmo tempo, dizer de um outro que não se descreve, não se vê e não se toca, mas que nem por isso é menos sentido. Antes, ao contrário, está enfaticamente presentificado de modo fantasmático.

Para dizer mais uma vez, a diferença entre o corpo que se pode ver e aquele que não é alcançado pela visão, é traduzida pelas contingências da imagem que a mulher tem e faz de seu corpo hoje. Isto significa que os efeitos dessa diferença compõem os traços dessa imagem.

Assim, atualmente, para além das questões que envolvem a liberdade da mulher contemporânea em relação ao seu corpo - relativas principalmente às importantes conquistas de autonomia da sexualidade e da maternidade -, o universo feminino se curva agora diante da imagem do corpo e das inúmeras possibilidades de reverenciá-la. No entanto, não faz isso tranquilamente: algo se descompassa todo o tempo, deixando a assimetria cada vez maior.

Desse modo, a imagem que a mulher procura alcançar, como um ideal de identificação feminina e as razões pelas quais busca essa imagem, é o que ora lançamos como questão.

Como quer que seja, podemos dizer que o advir feminino parece estabelecer um elo importante com a manipulação do corpo pelo ato cirúrgico. Pois, é na mudança das formas do corpo, como, por exemplo, diminuir a barriga, aumentar seios e nádegas, que muitas mulheres encontram, de algum modo, uma forma de se dizerem mulher ou de expressarem certa feminilidade. Mas, de que feminilidade se trata? Basicamente, de uma que fala do manejo entre o que falta e excede no corpo.

Chegamos então, a um outro ponto de nosso percurso: não basta tão somente indicar as expressões culturais do corpo contemporâneo e as significações subjetivas que a elas se associam. É preciso, sobretudo, apontar para a imagem desse corpo, investigando a sua constituição, os elementos que a compõem e suas ressonâncias na questão da feminilidade. Ou seja, pensar mais detidamente sobre os elementos que ela nos fornece para uma compreensão do ser mulher da atualidade.

A intenção é justamente contribuir para ampliar o campo, a partir do qual a função da imagem do corpo abre para a mulher uma via para fazer escoar e ecoar uma questão e uma posição que a psicanálise chama de feminina.

Trataremos, em seguida, e de modo mais específico, do que estamos chamando a imagem do corpo e de que modo atravessa o percurso do ser mulher.

CAPÍTULO 2

A IMAGEM DO CORPO E SUA FUNÇÃO NO TORNAR-SE MULHER.

Este capítulo objetiva oferecer algumas proposições psicanalíticas acerca do conceito de imagem do corpo e sua função no processo do tornar-se mulher. Como já mencionado antes, as proposições lacanianas do Real, Imaginário e Simbólico, apresentam-se aqui como imprescindíveis no deslindar desse percurso; assim como, na teoria do Estádio do espelho e, conseqüentemente, nos principais fundamentos do Édipo feminino: momentos de construção das primeiras identificações e, por isso, das idealizações narcísicas femininas – aspectos primordiais da formação da imagem do corpo.

A apresentação desses elementos justifica-se pelo fato de que a imagem do corpo constitui-se na complexidade de um jogo inerente a esse processo: o jogo inconsciente entre o real, o imaginário e o simbólico. Momento em que surge o sujeito e aqui, mais especificamente, o sujeito feminino.

Nesse percurso teórico a imagem do corpo será contemplada, inicialmente, a partir das concepções de Dolto (1984), que, de modo instigante, teoriza sobre o assunto; bem como das concepções de Mieli (2002), Jerusalinsky (2004) e Rosenfeld (2005). Esses autores oferecem uma importante apreensão psicanalítica desse conceito, de modo que nos utilizaremos de suas visões e das principais diferenças teóricas entre eles, em relação às delimitações conceituais que estabelecem entre esquema e imagem corporal para demonstrar, de um ponto de vista mais específico, qual imagem do corpo será considerada ao longo de todo o nosso trabalho.

É importante ressaltar que a imagem analisada aqui não se reduzirá ao conceito de representação mental do corpo, ainda que esse seja um elemento essencial desse acontecer psíquico; inconsciente em sua grande parte. Iremos abordar também outros elementos que estão essencialmente em jogo na formação dessa imagem e, sobretudo, discutir e analisar qual a função e o lugar dela quando a feminilidade parece posta em questão.

Quanto às reflexões teóricas sobre o trajeto entre a constituição da imagem especular e as vicissitudes das resoluções do Édipo feminino, estaremos guiados e fundamentados pelo pensamento lacaniano, mas priorizamos Dor (1989), dentre outros, na principal função de esclarecer e discutir aquilo que Lacan propôs sobre o surgimento da feminilidade.

2.1 A imagem do corpo: algumas significações

Diante do exposto, começaremos tomando as idéias de Dolto (1984), nas quais, a imagem do corpo é, de modo geral, o que podemos denominar de a herdeira de uma história pessoal. Isso quer dizer que, em sua origem, trata-se de certa composição de situações vividas inconscientemente na relação estabelecida entre mãe e bebê. É como se fosse uma sinopse de um intenso e dinâmico jogo entre as vivências corporais e emocionais mais primitivas do bebê, num tempo em que o desejo materno impera.

Assim, consistem, sobretudo, em momentos psíquicos estruturantes, que possibilitaram a agregação de sentidos subjetivos à dimensão biológica de um corpo que, gradativamente, foi sendo nomeado pelo sujeito de *meu corpo*. A imagem corporal estaria aí, desse modo, traçada; uma imagem própria, uma idéia de corpo, numa

importante distinção materna. Ou seja, algo que antes o bebê não imaginava duplicado; ao contrário, que ele imaginava como sendo uma continuidade.

Portanto, para além da idéia de uma simples representação do corpo, a imagem corporal é fundada e organizada, sobretudo, por essas marcas psíquicas inconscientes. Originadas do manejo materno das primeiras necessidades corporais do bebê e, posteriormente, constituindo uma imagem de corpo singular.

A imagem do corpo seria, enfim, uma antecipação da idéia de um corpo unificado, pela qual o sujeito, ainda anatomicamente imaturo para tal, se identifica com a imagem do outro ao tempo em que se dá conta da sua própria imagem. Instante de reconhecimento de si pela apropriação de um corpo e de conceitos sobre esse corpo, com o qual passa a se identificar.

Nesse sentido Mieli (2002) diz que:

A troca entre mãe e filho faz do corpo, de seus órgãos, do envelope que é a pele, de suas bordas que separam e religam exterior e interior, o local de uma excitação erógena que traça o mapa da sexualidade infantil. Esse mapa permite, em um momento no qual a imagem subjetiva do corpo só se constitui a partir de uma troca com o outro, estabilizar um narcisismo essencial à sobrevivência (p. 11).

A essas concepções acrescentamos, ainda, que a imagem do corpo não faz menção somente à constituição do sujeito situado na experiência dos primeiros cuidados maternos, mas também às suas experiências de vida mais atualizadas. Neste sentido, a imagem de corpo não permaneceria estática, mas seria considerada como uma espécie de tatuagem psíquica, que teve seu esboço traçado a partir dos primeiros investimentos libidinais envolvidos nos cuidados do bebê, mas que continuamente seguiu, sendo composta dia a dia: reproduzindo impressões e produzindo desdobramentos de sentidos ao longo de toda a vida do sujeito.

Nesse sentido, Mieli (2002) nos fala que a imagem do corpo atinge-nos de fora. Consiste numa “Imagem para vestir, usar como roupa; roupa sob medida, porém frequentemente malfeita.” (p. 11).

Para Dolto (1984), a imagem do corpo é ligada ao sujeito e sua história, e é específica de um tipo de relação libidinal. Segundo a autora:

A imagem do corpo é a síntese viva de nossas experiências emocionais: inter-humanas, repetitivamente vividas através das sensações erógenas eletivas, arcaicas ou atuais. Ela pode ser considerada como a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante e, isto, antes mesmo que o indivíduo em questão seja capaz de designar-se a si mesmo pelo pronome pessoal Eu e saiba dizer Eu. [...]. A imagem do corpo é, a cada momento, memória inconsciente de todo o vivido relacional e, ao mesmo tempo, ela é atual, viva, em situação dinâmica, simultaneamente narcísica e inter-relacional: camuflável ou atualizável na relação aqui e agora [...]. (p. 14).

Essa concepção resume e ao mesmo tempo demonstra, em primeiro lugar, que considerar o estatuto inconsciente da imagem do corpo permite situá-la não num tempo cronológico em si, mas em um tempo relacional; um tempo vivido, embora arcaico. E por isso, um tempo tornado para sempre inapreensível de forma consciente. Isso nos faz pensar sobre certo desconhecimento acerca dessa imagem do corpo que acompanhará o sujeito por toda sua história pessoal. Mas, por outro lado, esse desconhecimento está longe de ser inócuo, mas, ao contrário, acarretará importantes desdobramentos inconscientes, principalmente, no que diz respeito à posição subjetiva do sujeito em relação às questões corporais, sejam elas predominantemente orgânicas, físicas ou somáticas⁶.

⁶ Segundo Assoun (1998) a corporeidade do sujeito pode ser entendida sob os registros: somático, orgânico e físico. Aquilo que está sob a inscrição somática faz referência ao corpo em oposição à alma; o que pode ser tangível; o corpo sólido, vivo, lugar de captura da alma. Já o que permanece sob o registro do físico diz respeito à natureza do corpo, à fisionomia, às formas; sendo o lugar onde a matéria se encontra com o ato de geração. E por fim, o que denomina de orgânico está no registro do *instrumental* do corpo, ou seja, o corpo como máquina e dispositivo instrumentado. Este autor chama a atenção para a diferença entre somático e orgânico.

2.2 Imagem e esquema do corpo

Há nesse percurso conceitual um outro aspecto importante a ser ressaltado, a saber, a diferença entre imagem e esquema corporal. A importância em definir tal distinção justifica-se na medida em que se posicionar diante das questões corporais implica posicionar-se diante do esquema ou da imagem do corpo. O que resulta em destinos subjetivos completamente diversos para o sujeito.

Nas concepções de Dolto (1984), a imagem do corpo distingue-se do esquema corporal na medida em que aquela, em sua constituição, faz-se a partir dos destinos do desejo materno endereçado ao bebê; engendrando, assim, um desejo próprio, pertencente a um único sujeito, que então vai se situando com uma história imaginária de seu corpo próprio. Diferentemente do esquema corporal que, tal como concebe, aponta para certa generalização dos sujeitos em relação à funcionalidade de seus corpos. Apresenta-se, ainda, como o suporte da imagem do corpo, sendo seu intérprete ativo ou passivo. De modo que, permitindo a objetivação de uma relação libidinal, o esquema corporal coloca-se como meio para fazer circular e comunicar a dimensão fantasmática desta relação.

Distingue Dolto (1984):

Se o esquema corporal é em princípio, o mesmo para todos os indivíduos (aproximadamente da mesma idade, sob um mesmo clima) da espécie humana, a imagem do corpo, em contrapartida, é peculiar a cada um: está ligada ao sujeito e à sua história. Ela é específica de uma libido em situação, de um tipo de relação libidinal. Daí resulta que o esquema corporal é, em parte, inconsciente, mas também pré-consciente e consciente, enquanto que a imagem do corpo é eminentemente inconsciente [...] (p.14).

Desse modo descrito, o esquema corporal faz referência mais de perto a algo da realidade física do corpo, na qual a funcionalidade orgânica do ser humano enquanto espécie se destacaria, ainda que nas modalidades consciente, inconsciente

ou pré-consciente. Enquanto que a imagem do corpo diz respeito a algo mais singular da história desse corpo. Algo da compreensão subjetiva de uma realidade corporal que aconteceu com um sujeito e não com outro.

Mas, no que implica essa diferença no tocante ao posicionamento do sujeito em relação ao seu corpo e à imagem que faz dele?

Ainda para a referida autora, as tensões de dor ou de prazer no corpo, de um lado, e as palavras vindas de outro, colocam em relação o esquema corporal e a imagem do corpo. São suas as palavras:

Edificada na relação linguageira⁷ com o outro, a imagem do corpo constitui o meio, o ponto de comunicação inter-humano. É o que explica, inversamente, que o viver em um esquema corporal sem imagem do corpo, seja um viver mudo, solitário, silencioso, narcisicamente insensível, nos limites da miséria humana... (Dolto, 1984, p. 30)

Isso quer dizer que, quando existe um outro com sua palavra, diante daquele que está se constituindo – uma testemunha humana, real ou lembrada, tal como descreve Dolto –, o esquema corporal se cruza com a imagem do corpo. Sendo o primeiro, lugar da necessidade e da vitalidade orgânica, e o segundo, o lugar do desejo. Assim, a imagem do corpo deve sua estrutura à comunicação entre sujeitos. É nisso que cumpre referi-la – a um intersubjetivo imaginário marcado no ser humano pela dimensão simbólica (Dolto, 1984).

Para Dolto (1984), enfim, a imagem do corpo deve ser referida ao desejo e não vinculada de modo exclusivo à necessidade. Trata-se da imagem do corpo que coexiste com a expressão do sujeito e testemunha a falta de ser, que o desejo terá sempre a intenção de preencher. São suas as palavras:

⁷ Nas notas dos tradutores da referida obra encontramos a seguinte explicação: “O termo *langagier*, aqui traduzido pelo galicismo ‘linguageiro’, é um adjetivo que expressa em Dolto o sentido de ‘falar-se’, ‘comunicar-se’, nesse momento específico, ‘imagem falante do corpo’. [...] A idéia é trazermos para o português um texto tão próximo quanto possível do original de Dolto, mesmo que com isso percamos em sonoridade, fluência, em nossa língua. (N. da T.)” (p. 11)

É por meio da palavra que desejos findos puderam organizar-se em imagem do corpo, que lembranças passadas puderam afetar zonas do esquema corporal, tornadas, conseqüentemente, zonas erógenas, ainda que o objeto do desejo não esteja mais ali. [...] Se não houve palavras, a imagem do corpo não estrutura o simbolismo do sujeito, mas faz deste um débil ideativo relacional. (p. 30).

Jerusalinsky (2004), em sua maneira de abordar o problema, afirma que o esquema e a imagem corporal são produzidos pelo significante. De modo geral, isso significa dizer que, o esquema e a imagem corporal se articulam igualmente em função da posição subjetiva na qual o sujeito se coloca em referência a um e outro aspecto. Tudo irá depender do sujeito, que, em função das identificações primeiras ao seu semelhante, pode ser lançado pelo significante em direção ao real ou ao registro simbólico de seu corpo.

Esse autor diz, ainda, que o esquema corporal isoladamente, nada seria e nem teria limites se não fosse uma contenção simbólica que lhe desse sentido, que lhe desse significação. O esquema então, faz sim, certa referência aos automatismos do corpo, mas a intervenção do significante lhe dá molde e ordena certo funcionamento do corpo que, por sua vez, fará referência ao desejo inconsciente. O entrelaçamento do esquema com o que é da ordem do simbólico engendrará, portanto, uma posição subjetiva em relação ao que é impossível apreender: o real do corpo, ou melhor, sua objetividade mesma (Jerusalinsky, 2004).

Essa complexidade das interações inconscientes presentes na formação da imagem do corpo e sua interface com o esquema corporal dão o tom e a forma à singularidade do desejo, em nome do qual nos posicionamos com nosso corpo e por ele, diante do outro.

Por conseguinte, essas concepções nos fazem retornar à problemática ora proposta, quando colocamos em questão o movimento que impele algumas mulheres a intervir na materialidade do corpo de modo tão contundente – tal como nas cirurgias plásticas –, mas que parece evidenciar, por outro lado, o quanto elas permanecem

situadas na dimensão imaginária desse corpo. Atreladas como parecem estar a uma imagem idealizada de corpo, como uma promessa de *realização corporal*.

Neste sentido, Rosenfeld (2005) traz um elemento que nos interessa sobremaneira, a saber, a dinamicidade da imagem do corpo, a qual demonstra, em última instância, a possibilidade de sempre repensá-la. Assim, descreve:

A imagem do corpo é incessantemente criada e recriada. As carícias e as primeiras manifestações de ternura das pessoas que cercam a criança pequena dão molde e forma a essa imagem de seu próprio corpo através da contenção (*containment*) e do contato ocular. Trata-se de um processo dialético, no qual o meio ambiente desempenha também um papel. (Rosenfeld, 2005, p. 930).

Sobre a citação, importa assinalar os elementos que, segundo o autor, estariam envolvidos na gênese da imagem do corpo. Conceitual e teoricamente, a interação desses elementos, presentes entre mãe e bebê, dá a importante idéia da forma que tomará essa imagem do corpo para o sujeito. Mas, cumpre destacar o modo como ele afirma que a imagem do corpo é *incessantemente criada e recriada*. À vista disso, podemos supor que é aí que residem as demandas do sujeito em relação a essa imagem que, apesar de já ter sido inscrita lá nos primórdios de sua história pessoal, continua a interrogar o sujeito em busca de certa compreensão de seu corpo. E que, de algum modo, pede a ele que repense a imagem de seu corpo.

Mesmo entendendo que esta é uma condição humana, não podemos deixar de questionar: o que permanece dessa imagem primeira? O que se dá nos desdobramentos posteriores? Que elementos inconscientes do estatuto dessa imagem ainda continuam demandando tais desdobramentos? De que falam esses desdobramentos?

Em termos outros, não se trata tão somente de afirmar que uma imagem de corpo é criada e recriada incessantemente, mas chamar a atenção para o que habita nesse movimento de criar e recriar uma imagem. Ou seja, pensar em como podemos

mapear um desejo que não cessa de questionar a imagem do corpo, tal como tem ocorrido nos dias atuais. Esse ponto ocupa lugar essencial em nossa problemática e nos interessa de perto poder pensar mais especificamente sobre as ressonâncias psíquicas dessa dinâmica da imagem do corpo.

Refletindo assim, é possível questionar certas intervenções no real do corpo – como já ressaltamos acima – e o modo como se apresentam articuladas às dimensões imaginárias e simbólicas do corpo. Diante disso, o que poderíamos colocar aqui em jogo? A objetividade de um corpo que se faz *exaustivamente* presente, mas que, paradoxalmente parece jamais se deixar apreender? Os apelos imaginários ao real desse corpo, com todo seu mapeamento milimétrico? Ou a dimensão simbólica de um corpo esculpido pelas mãos e olhar do outro, ou seria do Outro? Que discordâncias e concordâncias podemos crer existir entre tais espaços?

Como quer que seja, há sempre certo desconhecimento a respeito da imagem corporal; aquilo que não se apreende mesmo, tal como abordamos acima quando discutimos alguns elementos da formação da imagem do corpo e aqui tornamos a insistir. Algo que sempre fará eco e enviará continuamente apelos ao real desse corpo. De modo que, uma questão importante poderia ser interrogar, no discurso que circula a questão dos excessos e das faltas desse corpo, certo desajuste que não há como sanar: o imaginário e o simbólico tentando mapear esse real do corpo.

A origem disso tudo está certamente na passagem da primeira experiência de corpo, que é a de um corpo fragmentado, para a dimensão da primeira imagem, um primeiro movimento de unificar esse corpo, sentido antes como despedaçado. O estádio do espelho apresenta-se então como essa possibilidade, o espaço que favorece a percepção do corpo como unificado, essencial para a existência humana.

É sobre esse processo que nos debruçaremos agora.

2.3 A imagem especular

Considerada a primeira encruzilhada lógico-estrutural do sujeito, o estágio do espelho é, para dizer mais uma vez, o nosso ponto de partida e o nosso fundamento maior para a compreensão da formação da imagem do corpo em si. Grosso modo, porque é nesse marco predominantemente imaginário da existência humana, tal como Lacan o descreve (1998), que o sujeito é capturado por certa imagem de si, vislumbrada na identificação com seu semelhante. Nessa captura especular, que o campo visual coloca em jogo o erigir das imagens e das identidades, o bebê, apesar de certa imaturidade anatômica e biológica, identifica-se e se aliena na imagem que vê; constituindo-se então, gradativamente, como sujeito.

Em suas teorizações, Lacan (1953-1954) nos diz que o estágio do espelho é a “aventura original através da qual, pela primeira vez, o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo – dimensão essencial do humano, que estrutura toda a sua vida de fantasia.” (p. 96).

Nesse acontecimento, no qual se dá o domínio imaginário do corpo, o simbólico, o imaginário e o real são por Lacan considerados, registros essenciais da realidade humana. Essa afirmação nos leva a entender que o jogo desses três elementos nos apresenta, acima de tudo, momentos estruturais para a ascensão do sujeito. Em outras palavras, instantes psíquicos que formam uma complexa rede de significações, através da qual, o sujeito, tentando dar conta de sua falta estrutural, constitui-se como eu.

Sobre isso, Lacan afirma que “o estágio do espelho, [...], não é simplesmente um momento de desenvolvimento. Tem também uma função exemplar, porque revela

certas relações do sujeito à sua imagem, enquanto *Urbild* do eu.” (Lacan, 1953-1954, p. 91).

E é justamente sobre essas relações do sujeito com sua imagem, abordado nesse processo de construção da existência humana, para onde dirigiremos nossas interrogações. Principalmente, porque o estágio do espelho aponta fundamentalmente para a constituição do imaginário na formação do eu. Assim sendo, podemos afirmar que: o que está em jogo é o determinismo que a imagem capturada nesse campo imaginário exerce, de algum modo, sobre o sujeito. Uma imagem que estrutura o próprio sujeito; mais ainda, que tem um efeito imaginário sobre o real e a realidade de seu corpo.

Assim, a despeito da complexidade da teoria do Estádio do espelho e das infinitas considerações que se pode fazer a partir deste marco teórico lacaniano para abordar e analisar o conceito de imaginário e de imagem do corpo em si, destacaremos aqui um breve entendimento daquela teoria nas palavras de Chemama (1995). Com isso, queremos ressaltar, principalmente, a forma como no advento do imaginário se constitui a imagem do corpo – a relação do sujeito com suas identificações primeiras, evidenciada no processo do estágio do espelho:

Para compreender o imaginário, é preciso partir da fase do espelho. Ela é uma das fases da constituição do ser humano, situada entre os 6 e os 18 meses, período caracterizado pela imaturidade do sistema nervoso. A criança antes disso se vê como fragmentada, não fazendo nenhuma diferença entre o que é dela e o que é o corpo de sua mãe, entre ela e o mundo exterior. Carregada por sua mãe, irá reconhecer sua imagem no espelho, antecipando imaginariamente a forma total de seu corpo. Mas é como um outro, o outro do espelho, em sua estrutura invertida, que a criança se vê e se observa pela primeira vez; assim instaura-se o desconhecimento de todo ser humano quanto à verdade de seu ser e sua própria alienação da imagem que irá fazer de si mesmo. (p.104).

Vê-se claramente que a lógica lacaniana do estágio do espelho se apresenta como um acontecimento fundamental para a organização do eu do sujeito. Em outras palavras, uma organização em que a questão da imagem de si, ou mais propriamente, a imagem do corpo, é um significativo fundamento. Em nosso estudo, no entanto, torna-

se importante destacar de modo especial certo desconhecimento de si, instaurado no instante do reconhecimento dessa imagem no espelho.

Isso porque, quando o corpo se reúne diante do outro; isto é, unifica-se, deixando pouco a pouco o seu estatuto de fragmentado; nesse momento em que a imagem especular do corpo é antecipada e apreendida diante do outro, ocorre como uma espécie de engano imaginário. Dito de outro modo, no momento em que o olhar do bebê cruza com o olhar e o reconhecimento do outro, que o sustenta também imaginariamente diante desse espelho, aí, nesse momento imaginário por excelência, circulam e para sempre circularão as idéias e os fantasmas sobre a imagem desse corpo que acaba de ser apreendida, a identificação de si. Nas palavras de Lacan: “A função do estágio do espelho revela-se para nós, por conseguinte, como um caso particular da função da *imago*, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade.” (Lacan, 1949, p. 100).

Por outro lado, o engodo se faz e permanecerá nessa relação, também, na medida em que o jogo recíproco entre o Real, o Imaginário e o Simbólico se coloca necessariamente a serviço da identificação de um corpo próprio, mediado pela imagem especular. E isso, para dizer mais uma vez, não se faz sem enganos ou sem o recurso a certa instância fantasmática do sujeito.

Por este fato, isso acarretará efeitos simbólicos importantes para o bebê ainda se constituindo naqueles momentos, principalmente pelo desejo materno e pelas palavras que são circuladas na ocasião, em torno da imagem apreendida na identificação com o outro. Assim, ainda que seja uma operação imaginária por excelência, o estágio do espelho é, acima de tudo, uma operação em que o jogo do Real, Imaginário e Simbólico faz nascer o sujeito. De modo que, o imaginário só pode de alguma forma se constituir, quando o simbólico intervém no real, este considerado como sendo da ordem do impossível de se apreender. De modo mais claro, o imaginário é um mundo fantasmático, um mundo interior e o sujeito não ascende a uma

possibilidade de constituição de um mundo interior se não houver uma intervenção de algo simbólico na obscuridade do corpo real.

Sobre isso, Roudinesco (2006) afirma que:

[...] o estágio do espelho é assim o momento ou o estado durante o qual a criança antecipa o domínio de sua unidade corporal por uma identificação com a imagem do semelhante e pela percepção de sua imagem num espelho. [...]. Assim, é construída a estrutura narcísica do eu tendo como elemento central a imago do duplo. Quando o sujeito reconhece o outro, sob a forma de um laço conflituoso, ele alcança a socialização. Quando, ao contrário, regride ao narcisismo primário, perde-se numa imago materna mortífera. (p. 42).

Por sua vez, Chemama (1995) também diz que nessa relação intersubjetiva é sempre introduzido algo fictício, que consiste na “projeção imaginária de um sobre a tela simples em que o outro se transforma. É esse o registro do eu, com aquilo que comporta de desconhecimento, de alienação, de amor e de agressividade, na relação dual.” (p. 104).

Assim, em torno da formação da imagem do corpo, circula de um lado um horizonte de contradições, enganos e ambigüidades e de outro, um mar de possibilidades no campo das identificações e idealizações narcísicas para o sujeito. Em meio a tudo isso, a problemática do Édipo vai revelando toda a sua essencialidade na formação do sujeito e de sua imagem de corpo ao conferir formas simbólicas a tais intercorrências psíquicas. E, por isso mesmo, desdobra-se em corrente acontecer subjetivo, a partir de suas vias de identificações e de seu delineamento da pertença sexual do sujeito.

Isso nos detém na análise do encontro dessas interfaces, fazendo uma referência especial ao acontecimento edipiano - aqui em razão de nosso objeto de estudo - para o sujeito feminino. Assim sendo, o Complexo de Édipo aparece como uma problemática que, em sua resolução, permite um avanço subjetivo em relação às primeiras identificações pertencentes à fase do espelho, constituindo dessa forma, uma identificação feminina.

Com isso, temos a intenção de refletir e, ao mesmo tempo, interrogar a respeito desse tempo em que se desenham os primeiros esboços da constituição feminina. Um tempo em que as primeiras concepções da imagem do corpo e suas conseqüentes intersecções com a determinação simbólica da posição feminina traçam, por claras razões, um vasto campo para reflexão e análise de nossa problemática.

2.4 Os três tempos do Édipo

Em termos gerais, a teoria lacaniana nos diz que, o momento edipiano guarda certa contemporaneidade com o período em que se desdobra o Estádio do espelho, ao indicar que as situações psíquicas próprias da fase especular já anunciam e preparam os rudimentos do Édipo. Isso porque, naquela fase, mesmo em um cenário onde a relação mãe-bebê ainda comporta o traço da alienação, uma primeira noção de identificação de si já se operou. A apreensão da primeira imagem de corpo, que já fez o primeiro desenho estrutural do Eu, a partir de certa composição, ainda que imaginária, entre a mãe, o bebê e a referência do pai.

A partir desse momento o sujeito segue na aventura edipiana em si; na qual, em um determinado tempo lógico, o pai faz sua entrada na relação mãe-bebê. Aventura essa que estruturalmente culmina, em termos gerais, na apreensão simbólica da lei operada no Édipo, onde a função paterna⁸ é, enfim, significada. Isso implica, por sua vez, na posição subjetiva do sujeito, no que concerne à modalidade de identificação com seu sexo.

⁸ Em linhas gerais, consiste na função do Pai no complexo de Édipo – “a instauradora da lei simbólica, por uma escrita significante fundada na escrita da metáfora.” (Conté, 1996, p. 338). Assim, a referência paterna não é propriamente sinônima da presença paterna; podendo psiquicamente coincidir com ela.

Na verdade, o que é fundamental na compreensão deste processo é o fato de que o pai consiste, de toda forma, num elemento terceiro que se interpõe entre a mãe e seu filho – mesmo que ainda não tenha entrado de fato nessa relação, e aí esteja apenas imaginariamente. De modo que, gradativamente e na forma de uma função simbólica, esse pai vai ocupando lugares psíquicos cada vez mais diferenciados para a criança (dos dois sexos), ao longo do desenrolar psíquico de seu desenvolvimento, e para a mãe, em sua função materna.

Com as palavras de Lacan, “o complexo de Édipo tem uma função normativa, não simplesmente na estrutura moral do sujeito, nem em suas relações com a realidade, mas quanto à assunção de seu sexo [...]” (1957, 1958, p. 171). Podemos dizer, nesse sentido, que os caminhos trilhados na situação edipiana demarcam os lugares psíquicos, em relação à posição masculina ou feminina do sujeito, em conformidade com a significação paterna e a conseqüente circulação do objeto fálico no triângulo filho-pai-mãe.

Sendo assim, o complexo de Édipo, nas considerações teóricas de Lacan (1957-1958), acontece em três tempos. De modo que descreve:

A identificação que pode ser feita com a instância paterna realiza-se aqui, portanto, nesses três tempos. Em primeiro lugar, a instância paterna se introduz de uma forma velada, ou que ainda não aparece. Isso não impede que o pai exista na realidade mundana, ou seja, no mundo, em virtude deste reinar a lei do símbolo. Por causa disso, a questão do falo já está colocada em algum lugar da mãe, onde a criança tem de situá-la. Em segundo lugar, o pai se afirma em sua presença privadora, como aquele que é o suporte da lei, e isso já não é feito de maneira velada, porém de um modo mediado pela mãe, que é quem o instaura como aquele que lhe faz a lei. Em terceiro lugar, o pai se revela como aquele que tem. É a saída do complexo de Édipo. Essa saída é favorável na medida em que a identificação com o pai é feita nesse terceiro tempo, no qual ele intervém como aquele que tem o falo. Essa identificação chama-se *Ideal do eu*. Ela vem inscrever-se no triângulo simbólico no pólo em que está o filho, na medida em que é no pólo materno que começa a se constituir tudo o que depois será realidade, ao passo que é no nível do pai que começa a se constituir tudo o que depois será o supereu. (p. 200):

Numa medida importante, o Complexo de Édipo lacaniano nos chama a atenção para as possibilidades de identificação sexuada, regida pela lógica fálica. As

implicações psíquicas decorrentes dessa lógica inconsciente assinalam-se pelo intenso jogo simbólico formado pelas modalidades das primeiras identificações maternas, seguidas de seus peculiares destinos em direção ao pai.

Nas articulações de Dor (1989) sobre tal assunto, ele comenta que a saída da fase do espelho, na qual a criança acaba de firmar suas primitivas identificações e delinear seus primeiros traços de sujeito, ainda está marcada por uma relação de indistinção com a mãe. E é por esse motivo que ela busca primeiramente identificar-se com o objeto de desejo dessa mãe, ou seja, ser o que falta a ela, permanecendo assujeitada ao seu desejo. Condição amplamente favorecida pelos intensos cuidados maternos, destinados ao bebê, nesse tempo. O autor observa ainda que: “Só existe relação fusional com a mãe na medida em que nenhum elemento terceiro parece mediatizar a identificação fálica da criança com a mãe.” (p. 81).

Este é, portanto, o primeiro tempo do Édipo. Nele, destaca Dor (1989), a criança, por estar alienada à problemática fálica, inscreve-se sob a forma do ser ou não ser o falo para a mãe. Ou seja, acredita ser o que falta à ela e por isso, está a sua mercê. Mais ainda: seu desejo não é, senão, o próprio desejo de sua mãe.

Mas, no seguimento das situações, mesmo rejeitando a castração, já que a criança confia plenamente ser *tudo* para a mãe, algo vai se interpondo nessa maciça identificação da criança com o objeto fálico da mãe. E, então, o próprio movimento de reiterar tal identificação acaba, paradoxalmente, expondo a própria possibilidade dela, da castração. A criança avalia a situação e se pergunta: sou mesmo tudo para esta mãe? Ou em termos estritamente psicanalíticos: sou ou não sou mesmo este falo?

É justamente isso que marca o segundo tempo do Édipo. Nele, continua o mesmo autor, a mediação paterna desempenhará um papel importante na relação mãe-criança-falo. Aí ele intervém sob a forma de privação, seja do ponto de vista da criança, seja do ponto de vista da mãe. Então, como mencionamos acima, começa a surgir uma oscilação dialética entre ser ou não ser esse falo. A criança é, por conseguinte,

introduzida no registro da castração pela introdução da dimensão paterna. Em outros termos, o pai interdita a satisfação do impulso, frustrando a criança da mãe (Dor, 1989).

Sobre isso, vale aqui destacar as próprias palavras do autor: “A intrusão paterna na relação mãe-criança-falo se manifesta em registros aparentemente distintos: a interdição, a frustração e a privação.” (Dor, p. 83). Isso é importante, na medida em que a relação mãe-criança – devemos sempre lembrar – é uma via de mão dupla. Os conteúdos circulam de forma ininterrupta, de um pólo a outro dessa dupla, de modo a traduzir e destraduzir, também continuamente, uma gama de significações inconscientes dessa ligação mãe-filho.

A respeito do assunto, seguem as palavras de Dor (1989):

Do ponto de vista da criança, o pai intervém sob a forma de interdição, apresentando-se a ela como “tendo direito” (Lacan) no que diz respeito à mãe. É por isto que esta intervenção é vivida pela criança “como uma frustração, ato imaginário que se refere a um objeto bastante real, a mãe enquanto objeto de necessidade para a criança” [...]. A criança é, pois, intimada a questionar sua identificação fálica e, ao mesmo tempo, a renunciar a ser o objeto do desejo da mãe. Correlativamente, do ponto de vista da mãe, o pai a priva do falo que ela supostamente tem sob a forma da criança identificada com o objeto do seu desejo. (p. 85).

Aqui abrimos um brevíssimo parêntese para dizer que isso tem um enorme valor de reflexão quanto ao sentido que é fornecido à falta do objeto e, conseqüentemente, quanto às significações da castração para as questões referentes à imagem do corpo (ainda recém apreendida na fase especular) e à identificação sexual do pequeno sujeito em constituição. Tais elementos podem, assim, constituir certas marcas psíquicas ou pontos de fixação, que muito provavelmente terão implicações importantes no desenvolvimento do sujeito adulto.

De fato, Dolto (1984) diz textualmente que “ao longo da evolução de um ser humano, a função simbólica, a castração e a imagem do corpo estão estreitamente ligadas.” (p. 65).

Talvez seja interessante supor que o entrelaçamento psíquico, citado pela autora acima, esteja na base das situações em que o sujeito lança mão de transformações plásticas no corpo. Como se, inconscientemente, quisesse entrar em contato com as questões da simbolização da castração. Principalmente, se pensarmos mais uma vez no discurso feminino, no qual as mulheres parecem tentar operar ou, quem sabe, reparar, pelas formas corporais, um equilíbrio entre o que falta e o que excede e o que pode ser *mostrado* ao outro – movimento muito próprio do processo da castração.

Regressaremos a essas ponderações mais adiante, quando discutirmos o desfecho do Édipo.

Assim, para continuarmos com Dor (1989), ele diz ainda que o que marca a gênese da oscilação da criança em relação à dialética do ser, regida que está sob a dupla relação da frustração e da privação, é o fato do pai aparecer como *outro* na relação mãe-criança. Nesse sentido, ele surge na vida da criança como um objeto fálico possível com o qual a criança rivaliza junto à mãe. De modo que, o que está em jogo nesta rivalidade imaginária é um deslocamento do objeto fálico, que leva a criança a entrar em contato com a *lei do pai*.

Mas, o que ocorre aí?

Dor (1989) explica que a criança se depara com esta lei ao descobrir que a própria mãe também depende desse mesmo regulamento simbólico para atender, ou não, as demandas de seu filho. É assim que o endereçamento do desejo da criança acaba por questionar a lei do outro através da mãe.

Com outros termos, a criança aos poucos descobre que o seu desejo está submetido a uma outra instância além da materna. Pois percebe que, além de não ser aquilo que falta à sua mãe, não tem o que pode completá-la. Mas, por outro lado, supõe

quem tem esse objeto tão precioso, baseando-se no fato de que a mãe começa a desviar o olhar de seu bebê para outra direção. É então que a onipotência da mãe é abalada e a significação do desejo dela é remetida ao pai, que agora é quem dita essa lei e possui o objeto fálico.

O que fazer então para ir em busca disso que está com o pai? Como conquistar algo tão valioso?

É o terceiro tempo do Édipo que se anuncia, pois não há mais como rivalizar esse objeto com a mãe. É preciso identificar-se, de algum modo, com essa instância que porta o objeto fálico; identificação que faz referência a uma saída para dar conta da questão de ter ou não tal objeto. Ocorre então uma forma de passagem da mãe para o pai. Passagem que expõe toda a complexidade do jogo das identificações masculinas e femininas.

Segundo Dor (1989), o terceiro tempo do Édipo caracteriza-se pelo seu próprio declínio, no sentido de que esta etapa encontra-se marcada pela simbolização da lei. O que implica, por sua vez, que a criança apreendeu, enfim, a significação desse processo. O desejo da mãe ganha, em virtude disso, um lugar simbólico para a criança. Assim, continua o autor, ela deixa a problemática de ser o falo para negociar o fato de ter ou não tê-lo. Na verdade, a criança e a mãe inscrevem-se nesta dialética do ter, ou seja, a mãe que passa a desejá-lo naquele que o tem e a criança que pode cobiçá-lo onde ele se encontra. É isso que coloca em questão o jogo das identificações. E é nesse espaço que a criança, segundo o seu sexo, vai se inscrever de forma diferente.

Essa operação identificatória simboliza a via escolhida para falar das questões entre ser e não ser, ter e não ter esse cobiçado falo; bem como, simboliza os lugares nos quais foram acomodados o desejo materno, a referência paterna e o que resultou disso para a criança: o significante da *lei do pai* ou a metáfora do Nome-do-pai.

É neste ponto que, nas palavras de Millot, “os destinos da menina e do menino se separam.” (Millot, 1996, p. 205). A partir daí, cada a um, ao seu modo peculiar, significará essa passagem de modo diferente.

A peculiaridade dessa situação se distingue para Freud em *Algumas Conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925), a partir da descoberta da castração, abordada numa perspectiva do desenvolvimento sexual. Diz ele:

A diferença entre o desenvolvimento sexual dos indivíduos dos sexos masculino e feminino no estágio que estivemos considerando é uma conseqüência inteligível da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da situação psíquica aí envolvida; corresponde à diferença entre uma castração que foi executada e outra que simplesmente foi ameaçada. (p. 285)

Assim, em termos generalizados, diremos que, o menino por se sentir ameaçado em sua virilidade, desiste do amor incestuoso da mãe e identifica-se com o pai; e a menina, *não tendo o que perder* e sabendo da castração de sua mãe, volta-se para o pai (ainda que sem deixar plenamente o amor da mãe) para reparar essa ferida. Daí em diante, as vicissitudes dessas situações desdobrar-se-ão em outra grande diversidade de traços psíquicos, em relação às posições masculinas e femininas.

Sobre isso, Morel (1996) afirma que:

[...] para aquele que tem um pênis, a percepção de sua ausência na menina dará seu peso de real à ameaça de castração do adulto; para aquela que não tem pênis, é diante de sua visão que ela sucumbirá ao *penisneid*. Sem contar a importância decisiva da anatomia materna, de uma parte, para estrutura – neurótica, perversa ou psicótica – de outra parte, para o processo de diferenciação sexual. (p. 120).

De acordo com esse autor, a natureza indica, de fato, uma clara diferença anatômica, ainda que operada sob critérios fálicos. Isso porque, *Menino* não é somente o portador de um pênis, mas, com capacidade de ser viril, de *ser homem*. De igual modo, *Menina* perde seu sentido anatômico e passa a ser sinônimo de privação, falha,

e ao mesmo tempo, de feminilidade, beleza e enigma perpétuo, por exemplo. Nesse sentido, a natureza sucumbe ao significante único que categoriza a diferença anatômica em termos de falo e castração: aspectos simbólicos primordiais dessa diferença anatômica (Morel, 2002).

Nas concepções lacanianas, enfim, a bifurcação subjetiva referente às peculiaridades do posicionamento feminino e masculino, fala da forma como a criança dos dois sexos passa a se situar em relação à metáfora paterna. Ou, mais especificamente ainda, ao falo que porta o pai. Sendo assim, quanto ao menino, ele pondera que é preciso deixar de ser o falo, procurando identificar-se com quem o tem, solucionando o Édipo. Já a menina, ao descobrir que a mãe não é tão fálica quanto ela acreditava, dirige seu amor àquele que tem o que ela precisa: o pai. É assim que faz sua entrada no Édipo. (Lacan, 1957-1958).

Mas, o que acontece no princípio e no cerne desse processo de diferenciação da menina em relação ao menino e dessa marca feminina em si? Que traços instalam-se nesse processo de descoberta da castração? O que acontece com a imagem do corpo e seu entrecruzamento com a assunção da feminilidade? O que há nesse encontro com o que é sempre considerado inencontrável - a mulher?

2.5 O Édipo feminino

É uma menina! É por essa anúncio que devemos começar.

Não o começo em si, é verdade. Porque quando essa frase é proferida, muitos dos desejos mais primitivos já foram edificados há muito tempo, por aqueles que

esperavam aquela criança: justamente aquela, que, a certo acaso genético, foi concebida *uma menina*.

Dolto (1996) fala sobre isso quando faz seus comentários em torno do acolhimento do casal parental ao nascimento da criança. Este fato, segundo a autora, marca o sujeito para sempre, seja um menino ou uma menina. Isso porque, a criança é investida afetivamente de acordo com as questões inconscientes do pai e da mãe. Mais especificamente, em relação ao que cada um tece em torno de sua própria feminilidade e masculinidade e, conseqüentemente, aos desejos que projeta no bebê de um sexo ou de outro. Até podemos dizer, com certa segurança, que a diferenciação do sexo da criança começa já com as primeiras palavras circuladas nos primeiros cuidados ao bebê, já sexualmente definido em sua anatomia.

Por conseguinte, é a partir dos nomes que a mãe vai conferindo *àquela menininha*, que certa base psíquica do feminino se inicia, ainda que sem a devida significância própria da posterior identificação sexual. Por isso, o encontro com a feminilidade, mesmo ocorrendo algum tempo depois desses primeiros cuidados, deve muito, senão tudo, a este tempo primitivo.

Mas, é preciso considerar que o que ocorre nesse espaço entre o nascimento da menininha até o momento em que ela se encontra com sua feminilidade está repleto de lacunas, entre elas, a primordial: sua relação com a mãe. A complexidade desta estreita aproximação entre uma mulher, que se tornou mãe, e a pequena candidata a ser mulher, que ainda é somente filha, far-se-á presente por toda a vida da menina e mais tarde, na vida da mulher que ela um dia será.

A *Paixão primitiva*⁹ do personagem materno pela filha e a possibilidade de nomear o pequeno corpo de futura mulher compõe, por um tempo considerável do desenvolvimento da criança, uma cena em que cabe somente as duas. A cumplicidade

⁹ Termo usado por Assoun (1993).

aí envolvida é difícil de descrever, mas certamente consiste num elemento chave do percurso edipiano.

Trata-se, acima de tudo, de um amor. Um grande amor que deixará importantes seqüelas, representará abismos psíquicos, simbolizará paixões, mas, antes de qualquer coisa, traçará os destinos da menina, quando ela *escolher* tornar-se uma mulher. Na realidade, é preciso não esquecer de algo essencial: o fato de que são duas mulheres nesta relação. Uma que já trilhou seu próprio caminho feminino e outra, que nesse tempo pode contar apenas com o gênero que a realidade anatômica lhe concedeu e o desejo - por ora irrefreável - de sua mãe.

Nesse tempo há o pequeno corpo da filha a mercê de uma mulher – sua mãe – e o que esta oferece em termos de primeiras significações à imagem do corpo dessa menina. Há, associado a isso, um primeiro modelo de feminilidade a ser posto em circulação, tal como lembra Zalcborg (2003): “É do corpo da mãe que se desprende inicialmente a imagem de um corpo de mulher que pode sustentar o desejo de um homem, imagem da qual cabe a cada filha separar-se para tornar-se mulher ela própria”. (p. 149).

De fato, essa imagem de corpo constitui-se a partir das mensagens que a mãe repassa à filha. Sobre o que ela lhe diz e o que faz diante daquele pequeno corpo de menina, mas futuro modelo de mulher. Uma promessa de feminilidade, na qual a mãe pode, muitas vezes, encontrar uma possibilidade de reparar ou rever suas questões femininas.

Mas, essa relação não deverá seguir muito tempo numa característica tão fusional. Em algum momento, temos a entrada do pai nessa relação de amor entre mãe e filha. A essencialidade disso, tal como já dito antes, está em que a estruturação psíquica da criança deve-se à função simbólica com que esse pai é investido.

Isso porque, em favor da saúde psíquica da criança, as mensagens que a mãe repassa à filha já aparecem entrecortadas pela presença do pai e o respectivo valor de sua função simbólica. O que circula entre as duas passa a portar, pouco a pouco, a interdição do pai. Aí se coloca justamente o jogo edípico que aqui nos interessa: uma mãe, uma criança do sexo feminino, o lugar que o pai ocupa entre as duas e o quarto elemento, aquele que escapa à mão de todos: o falo, símbolo da falta que circula nessa triangulação.

Nesse sentido, é importante formular algumas questões que remetem à nossa problemática: como falar do Édipo feminino e a imagem do corpo que se depreende a partir daí? Em outras palavras, o que acontece no Édipo feminino e que espécie de elo estabelece com a imagem do corpo? E, ainda, o que é possível dizer sobre o momento em que a mulher simboliza o que supostamente *não tem* e o confronto com algo que o homem *tem*? Que especificidade feminina é atada à realidade anatômica das meninas?

Essas questões são, na verdade, passagens psíquicas pertencentes ao momento em que se descortinam duas possibilidades subjetivas, nas quais o sujeito de ambos os sexos vai inconscientemente escolher trilhar: as vias do acontecimento masculino ou feminino.

Freud (1933), diante da diferença edípica entre a menina e o menino, diz que o que acontece com ela é o oposto do que ocorre com ele, pois, ao contrário deste, que pela ameaça de castração, abandona o Complexo de Édipo e instala o supereu como seu herdeiro; para a menina, é o Complexo de castração que prepara para o Complexo de Édipo, em vez de destruí-lo. Assim, a menina é forçada a abandonar a ligação com sua mãe através da influência de sua inveja do pênis e entra na situação edípica como se esta fosse um refúgio. Como não existe o temor da castração, esclarece Freud, “as meninas permanecem no Complexo de Édipo por tempo indeterminado, destroem-no tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto.” (p. 129).

Millot (1996) bem observa que Freud depreendeu as modalidades do Complexo de Édipo feminino com muita dificuldade. Sendo apenas em 1931, em seu artigo *Sexualidade Feminina*, que reconheceu a importância do vínculo original da menina com a mãe. A partir dessa peculiaridade, a questão passou a ser, segundo a concepção freudiana, como e por que a menina, primitivamente ligada à mãe, liga-se depois ao pai. Em outras palavras, como a menina evolui da fase viril para a fase feminina a que está biologicamente destinada.

De outro lado, a mesma autora lembra também que é de Lacan a valorização da dimensão paterna na questão edípica. Dimensão que, além de ter a função de limitar o gozo da mãe, libera a criança da missão de assegurar o gozo materno. Nessa concepção, Lacan situa a inveja do pênis na menina numa perspectiva diferente da freudiana; uma vez que, numa vertente imaginária da castração, essa inveja do pênis passa a significar o desejo de ter o falo para ser o que falta à mãe.

Quanto ao universo simbólico, Millot (1996) diz que a dimensão paterna indica à criança que a mãe não é onipotente; sendo o pai o verdadeiro detentor do falo. De modo que, a conseqüente passagem do amor da mãe ao amor do pai para a menina traça a seguinte característica edípica: a menina é mantida na sua aspiração de ser amada pelo pai na esperança de obter dele a compensação de sua falta; ou para repetir o já dito acima: ser o falo para tê-lo.

Isso nos faz pensar sobre os destinos simbólicos da compensação dessa suposta falta, aos quais as mulheres parecem lançar-se de maneira tão contundente. Em nosso recorte de pesquisa, supomos que é exatamente nesse momento de permanecer na posição de ser o falo para o Outro, que a menina interpela seu corpo, posicionando-o segundo a problemática fálica, no sentido de que também ele precisa ser o falo. Em outras palavras, o corpo, disponível a toda sorte de intervenções para se tornar fálico, torna-se um cenário ideal para dar conta da falta que se inscreve quando é instaurada a resolução da problemática edípica feminina.

Mas, que posição é essa? O que é tornar-se uma mulher a partir da modalidade edipiana feminina?

2.6 O tornar-se mulher e a castração: destinos da imagem do corpo

A literatura psicanalítica sobre o ser mulher é, sem dúvida, vasta e complexa. Mas, é justamente esse o motivo que ainda mantém abertos os caminhos a mais considerações sobre o assunto. No nosso caso, o ponto que desejamos privilegiar tomando por base a análise do Édipo feminino, é o complexo de castração. Isso porque, é a partir da significância da castração que se desenha aquilo que se denomina posição feminina: o tornar-se mulher. O que, provavelmente, ajudar-nos-á na compreensão dos posicionamentos femininos em relação à estética do corpo.

Para dizer de modo abrangente, o tornar-se mulher faz referência ao encontro com a feminilidade. E, de forma mais precisa, refere-se aos destinos dados à vivência da castração. Momento em que a posição inerente à identificação sexual evidencia certo arranjo diante da problemática fálica.

Em Freud (1931) primeiramente, temos três linhas de desenvolvimento no tornar-se mulher, a partir do reconhecimento da castração: na primeira, a menina, ao se comparar com o menino, cresce insatisfeita com seu clitóris, abandona sua atividade fálica e, com ela, sua sexualidade em geral e boa parte de sua masculinidade em outros campos. Na segunda, aferra-se à sua masculinidade ameaçada e persiste com a fantasia de ser homem, fato que pode resultar em uma escolha de objeto homossexual manifesta. Na terceira atitude, por fim, a menina toma o pai como objeto e encontra o caminho para a forma feminina no Complexo de Édipo, embora, com muita frequência, não seja superado pela mulher.

Assim descritos, os destinos para alcançar a feminilidade, indicados a partir da descoberta da castração, aparecem como resultantes da comparação da menina com a sexualidade do menino, a qual, nesse contexto, é considerada como paradigma de sexualidade. Porém, aqui nos interessa destacar a dimensão simbólica dessas destinações femininas, refletindo sobre as especificidades dos caminhos subjetivos a partir da castração, nos quais a mulher passa a nomear-se como tal.

Sobre a castração freudiana, Rocha (2002) comenta acerca de sua inscrição simbólica, introduzida pelas significações da fase fálica e primado do falo na organização pré-genital da libido. Assim sendo, a descoberta da castração e sua união estruturante com o complexo de Édipo conferem valor simbólico aos destinos da masculinidade e feminilidade. O autor diz que, além da diferença anatômica entre o menino e a menina, a identidade sexual entre eles supõe um complexo processo de identificações, no qual estão em jogo as instâncias ideais do eu (eu ideal, ideal do eu e supereu).

Numa compreensão lacaniana, Mannoni (1999) propugna que:

As mulheres, ao contrário dos homens, não estão *inteiramente* sujeitas à castração e à Lei. Falta na origem (como aconteceu com os homens), o “pelo menos *uma*” mulher que teria escapado a ela. Assim, a mulher *não* existe *toda*, a título de uma universalidade. Se para Freud, falta algo à mulher, para Lacan, um *gozo suplementar* lhe é aberto. Só se pode interrogar a feminilidade a partir do lugar de um não-saber [...]. (p.90).

Por essas afirmações podemos observar, mais uma vez, que a feminilidade acontece a partir do momento em que a castração é significada, levando-nos a questionar sobre o que ocorre com o corpo e sua imagem nesse processo. Mais especificamente seria interrogar: qual o lugar da imagem do corpo no pacto que é firmado entre a castração e a feminilidade? O fato é que se anteriormente questionávamos a formação da imagem do corpo e os destinos subjetivos desse processo na questão feminina, avançaremos um pouco mais agora para relacionar, de modo mais incisivo, os destinos da imagem do corpo a partir das vias que são abertas

pela castração feminina: o momento em que a menina entra em contato com sua feminilidade.

Mas, o que ainda podemos dizer sobre isso?

Em relação à nossa problemática, na realidade, há um real do corpo sendo tocado, modificado ou, para retornar à nossa questão do capítulo anterior, há de fato nos procedimentos das cirurgias plásticas em si, algo que é retirado ou acrescentado ao corpo. Há de fato um *passar a ter* ou um *não ter mais* que é, de forma clara, colocado em um jogo dialético. Algo que muito provavelmente remete ao movimento da castração feminina. Como se existisse aí uma renovada esperança de feminilidade: uma eterna expectativa de reparar uma balança imaginária - longe de ser equitativa - que tenta remeter certo equilíbrio entre os *excessos* e as *faltas* simbólicas para o real de um corpo. E um corpo que possa ser reconhecido como sendo de *uma mulher*.

Isso não impede que algo escape a esse movimento de tentar simbolizar, ao mesmo tempo, o *ter* e o *não ter*. É como se o simbólico tentasse dar conta do que é impossível de dizer: o real do corpo. Que, por sua propriedade de *não dizer*, volta incessantemente a se inscrever e registrar novas demandas de feminilidade; esta também indizível. E para ilustrarmos tais considerações destacamos as palavras de Julien quando diz que “a experiência da feminilidade é precisamente aquilo que, de um gozo, escapa ao saber de uma qualificação, seja ela qual for.” (Julien, 1997, p. 96).

Mas, por outro lado, vale considerar as proposições de Mieli (2002) ao nos indicar que, pelo real do corpo, existe também a possibilidade da metaforização das intervenções corporais irreversíveis (como no caso das cirurgias plásticas), ocorrida por certa transformação de cisões e cortes feitos no corpo, depois de elevados à condição de inscrições simbólicas. Seria como uma determinada definição de demarcações e

limites inconscientes para a imagem de si, resultando em um *traço*¹⁰. Segundo a autora, esse traço fixa no corpo sua imagem, que, ainda assim, “tem a instabilidade como característica.” (p. 12).

Isto posto, o que nos parece interessante deixar sempre em relevo é o fato de que parece haver mesmo uma questão de feminilidade sendo tocada pela via da imagem do corpo. Esse é o ponto nodal de nosso trabalho. Ao que acrescentamos agora as intercorrências da castração feminina.

Nesse sentido, é importante apresentar as questões levantadas por Pommier (1987) quando analisa que a castração se coloca diferentemente para ambos os sexos. Pois, como já dissemos antes, para o menino a ameaça de castração o compele a sair do Édipo, enquanto que para a menina a ausência do pênis tornada significante, reside na origem de um amor edipiano interminável pelo pai. De modo que questiona: “Qual é o valor da *constatação* que organiza essa diferença? É mesmo a anatomia que a comanda, ou o corpo só está ali para dar forma a uma questão que precede seu aparecimento? O que mostrar a anatomia pode ser visto sem essa questão?” (p. 19).

Fazemos dessas questões também as nossas.

Ainda segundo Pommier (1987) “A castração é o resultado da ameaça implícita que resulta da comparação entre falo e pênis, e a constatação da diferença anatômica entre os sexos é o acidente secundário que lhe dá forma”. (p.20).

A importância desse fato reside em considerar o momento da percepção da diferença anatômica como o instante em que a forma do pênis se transforma justamente no significante dessa diferença. É porque o falo vem antes do pênis, que podemos considerar as modalidades de castração para uma menina. De modo que, a

¹⁰ Em seu texto, a referida autora define *traço* como um “*termo simbólico primordial* que confirma e estabiliza a imagem especular, permitindo a satisfação narcísica ligada ao eu ideal. Sua inscrição é a condição dessa satisfação.” (Mieli, 2002, p. 14).

castração diz respeito à mulher na relação que esta mantém com sua própria imagem. Assim, o membro viril não lhe poderia fazer falta, senão quando comparado a esse símbolo da falta que é o falo (Pommier, 1987).

Como quer que seja, a comparação entre o pênis e o falo fornece uma compreensão lógica aos três destinos da feminilidade descritos por Freud em 1931. Sobre isso, Pommier (1987) diz que, no primeiro destino, quando a menina descobre a ausência do pênis, surge um sentimento de que essa falta esteja associada ao gozo fálico. Assim a associação é: *não tenho pênis, logo não tenho falo*. No segundo, ao contrário, a falta do pênis é caracterizada por uma manutenção da masculinidade, que só é ameaçada quando ligada à presença do pênis. A associação, portanto, é: *já que tenho o falo, então tenho um pênis*. Enfim, no terceiro destino, que seria próprio à feminilidade, a distinção entre falo e pênis é inscrita. Isso significa que a ausência do pênis não incorre no desaparecimento do gozo fálico. Nesse sentido, o pênis difere do falo por não ser nem uma frustração nem uma privação, mas a castração.

De toda forma, quaisquer que venham a se inscrever como marcas psíquicas, essas modalidades de castração passam a revelar não somente uma posição sexuada, como também, e fundamentalmente, modulações éticas e estéticas, que possam ser culturalmente identificadas como femininas.

Reflitamos sobre o que Pommier (1987) diz:

O protótipo feminino é um enigma, qualquer que seja a aparência que o imaginário tente lhe dar. As incessantes modificações de sua apresentação encontram seu fundamento numa ausência de fundamento e sua forma evolui indefinidamente. Como o desejo, a feminilidade escapa às palavras e se mantém em outra parte que não aquela onde se mostra. A mulher não tem identificação, mas sim, identificações, que exprimem a falta de consistência do traço identificatório e revelam a impossibilidade de definir um modelo feminino. [...]. Sem dúvida existem vários marcos do feminino. Trata-se de sinais seguros, que acarretam uma certeza para aqueles que os percebem: o tom da voz, os gestos, o olhar e o andar constituem índices, formas de reconhecimento universal mais estáveis do que as contingências da moda. Uma imagem aparentemente específica é, pois, mostrada pela maioria das

mulheres e também por alguns homens. [...] O penteado, as jóias, o vestido, o perfume são os adornos inessenciais que margeiam o furo [...] (p. 33).

Na verdade, a questão estética começa a se colocar muito primitivamente. De sorte que, já na fase passiva e oral, segundo Dolto (1996), entre as necessidades da criança e os desejos da mãe, algo já vai sendo nomeado e valorizado como belo ou desvalorizado por não ser bom ou não ser belo. O que igualmente segue mais adiante, nas fases anal e fálica, quando nesta última ocorrerá diferentes modalidades de valorização dos órgãos genitais, bem como dos seios. E é isso que, de algum modo, dará forma à diferença anatômica entre os sexos quando esta se tornar importante. Também a forma como esse fato é conduzido pelas figuras parentais delineará, enfim, as resultantes do complexo de castração e o encontro com a feminilidade.

Sobre a castração na menina, Dolto (1996) comenta que “não ter o falo permite-lhe simbolizar o terceiro objeto, esse objeto parcial que o menino tem entre ele e a mãe, simbolizá-lo em muitas coisas que têm para ela valor de um falo parcial.” (p. 122).

De todo modo, trata-se de um corpo de mulher que, imaginária e simbolicamente castrado, deve, de algum modo, estar pronto para levá-la a um espaço próprio de feminilidade. Um corpo que possa ser chamado de feminino, pertencente não somente à posição subjetiva feminina, mas a certo lugar onde a mulher possa se reconhecer como tal.

Não é demais lembrar que quando essa mulher assume uma posição feminina, o faz em razão de já ter percorrido o caminho desde as primeiras experiências de totalização de seu corpo, até o momento em que se posicionou em relação ao objeto fálico com todas as intercorrências da metáfora paterna. Assim, a relação entre ter e não ter algo que simbolicamente conferiria certos poderes ou completaria supostas faltas, permanece como um traço psíquico, constituindo e reconstituindo uma demanda

permanentemente situada entre atar e desatar uma feminilidade à imagem de um corpo feminino.

E aí a pergunta se forma outra vez: porque tomar o corpo para cuidar do equilíbrio entre o que falta e o que excede?

É interessante chamar atenção para o fato de que, mesmo recorrendo à diversidade dos subterfúgios das cirurgias plásticas, algumas mulheres continuam a lançar seu olhar na esperança de novas possibilidades de mudar seu corpo e, assim, movimentar sua posição feminina para além da posição fálico-castrada¹¹.

Diante de tudo isso, ainda nos parece interessante deixar em relevo o fato de persistir uma questão de feminilidade sendo tocada pela via da castração. Questão que talvez ainda tenha que ser confrontada no espaço agora das idealizações narcísicas.

Antes e como reflexão, tomamos por ora as palavras de Julien (1997): “quanto à mulher, uma negação se impõe: não há um universal da mulher; há uma mulher, uma e uma, cada uma singular em seu gozo próprio, sem a adição de uma com outra, para fazer a soma.” (p. 96).

É esse o nosso eixo.

¹¹ Veremos mais adiante, que, de certa forma, as entrevistadas desta pesquisa apresentaram um discurso que não seguiu propriamente na direção de um desejo contínuo em se lançar às intervenções estéticas.

2.7 Imagem do corpo, idealizações narcísicas e feminilidade

Para Freud a problemática narcísica coloca-se nos termos de uma fase necessária da evolução da libido, antes que o sujeito se volte para um objeto sexual externo. Além disso, o narcisismo, na concepção freudiana, é considerado um investimento pulsional imperioso à vida subjetiva: um estado original do eu, o qual, absolutamente investido pela libido, se apresenta primeiramente entregue a uma onipotência absoluta – o chamado narcisismo primário; e posteriormente, caracterizado pelo retorno a si dos investimentos gradativos sobre os objetos externos – o dito narcisismo secundário. Assim entendido, o narcisismo seria uma atitude que faz referência à retirada da libido do mundo externo para o eu, um dado e um momento estrutural do psiquismo (Lambotte, 1996).

Avançando um pouco mais, agora na concepção lacaniana, podemos dizer que, em termos gerais, o narcisismo primário resulta da formação da primeira imagem de si. Esta, para instituir-se enquanto tal, comporta certa identificação primordial com elementos psíquicos vindos do Outro. Assim, o exercício da antecipação de uma imagem unificada de si implicará na primeira estruturação narcísica: o *eu ideal*. O narcisismo secundário resultaria, por sua vez, do investimento de um objeto exterior ao sujeito, mas que, ao mesmo tempo, é a imagem por meio da qual ele se identifica enquanto eu – o *ideal de eu* (Chemama, 1995).

Sobre essa distinção feita por Lacan, Lambotte (1996) observa:

Ele distingue então um primeiro narcisismo, que se situaria no nível da imagem real do esquema e indicaria um certo número de quadros pré-formados da realidade; e um segundo narcisismo, refletido pelo espelho, que estaria ligado à relação com o outro (p. 354).

Em que pese a essencialidade e a abrangência de todas essas proposições, nosso objetivo agora é fazer um recorte em torno da constituição da imagem de si –

que inicialmente tem no *eu ideal* uma representação imaginária e da qual o narcisismo é indissociável – para interrogar o que, a partir desse ponto específico, seguiu em direção à constituição do *ideal do eu*: a referência simbólica do sujeito. Em termos outros, refletir sobre a travessia realizada desde a inauguração do narcisismo até o momento em que o sujeito elegeu determinados objetos externos para simbolicamente investir seu eu.

Nesse atravessamento, importa ressaltar mais uma vez a formação da imagem do corpo e, a partir dela, refletir, de modo especial, sobre as bases que favorecerão mais adiante as vias possíveis da feminilidade. Isso porque, uma vez que o narcisismo é uma primeira modalidade de investimento feita na imagem de si e a feminilidade uma espécie de ponto de chegada em relação ao modo como essa imagem foi investida e conduzida, cumpre interrogar aqui sobre o espaço que se inscreve entre o *eu ideal* e o *ideal de eu* para o sujeito feminino.

A importância em situar nossa problemática na seara narcísica reside, nas seguintes interrogações: qual o lugar da imagem do corpo em relação à formação das idealizações narcísicas? E associado a isso, como a feminilidade pode ser pensada aí?

Em relação à primeira questão, podemos começar dizendo com as palavras de Dolto (1984) que:

É na imagem do corpo, suporte do narcisismo, que o tempo se cruza com o espaço, e que o passado inconsciente ressoa na relação presente. No tempo atual sempre se repete em filigrana algo de uma relação de um tempo passado. (p. 14).

De fato, se pensarmos desde a passagem do auto-erotismo – onde o corpo é vivido como despedaçamento – às primeiras organizações narcísicas, temos como uma nova ação psíquica a unificação do corpo pela antecipação de uma primeira imagem de si. Nessa compreensão, a imagem de si reside na base dos ideais mais primitivos do sujeito. E pensando assim, a imagem do corpo tem certamente a função de ser uma

espécie de suporte dos elementos inconscientes que perpassaram essa travessia narcísica.

A imagem do corpo é, por assim dizer, a porta voz dessas primeiras idealizações e de seus infindáveis desdobramentos. Tanto de seus conteúdos imaginários quanto de suas simbolizações. Dizemos isso nos termos de Nasio, quando afirma que: “A imagem do corpo representa o primeiro ponto de engate dos significantes e, inicialmente, dos significantes da mãe.” (Nasio, 1993, p. 61).

Ora, é essa imagem que, a nosso ver, fertiliza o solo onde o narcisismo nasce, que, por sua vez, fará florescer mais tarde as instâncias ideais do sujeito. E isso certamente inclui, numa medida essencial, as futuras posições da feminilidade.

Assim entendido, passemos à segunda questão: a assunção do feminino pensada a partir da problemática narcísica. Seria pensar em como situar as idealizações na questão da feminilidade; ou, de modo mais pontual, questionar: o que dizer sobre a relação entre a posição feminina e as instâncias ideais narcísicas?

Por ora, essas questões nos levam a observar, com cuidado, um fato ligado à realidade das cirurgias plásticas: quando se trata de cuidar para que o corpo feminino e a imagem dele transmitam uma mensagem ao *outro*; essa mensagem se apresenta como sendo da ordem do ideal. Isso parece remeter, inconscientemente, ao tempo dos primeiros ideais narcísicos do sujeito, no qual a identificação era com a imagem idealizada de si.

Mas, por outro lado, para fazer esse jogo subjetivo movimentar-se, é preciso lançar mão das ferramentas simbólicas adquiridas na estruturação do eu. É, então, que surgem as formas corporais ditas femininas, as quais se apresentam de pronto na realidade objetiva para tentar – apenas tentar – dar conta dessa demanda que chamamos agora de narcísica.

Nesse sentido, quando refletimos sobre as mulheres que, em nome de um corpo feminino ideal, submetem-se – sem hesitação – à prática das cirurgias plásticas, não podemos deixar de supor a existência de uma tentativa inconsciente de fazer aproximações entre aquilo que se constituiu como um *eu ideal* e como um *ideal de eu*. O intuito seria de supostamente recuperar ou, em última análise, reaver o que falta a essa aproximação, por intermédio das significações postas nos arranjos das formas corporais. Assim entendido, perguntamos como as idealizações narcísicas marcam o desejo das formas anatômicas do corpo feminino nas cirurgias plásticas.

Há que se pensar assim, no momento da apreensão da imagem de si na fase do espelho e no estatuto que essa imagem vai ganhando, principalmente se considerarmos que, a princípio, trata-se de uma imagem ideal de si; mas que aos poucos vai agregando conteúdos da alteridade. Os traços subjetivamente inscritos em torno dessa primeira imagem idealizada de si, certamente desenharão o caminho até o instante em que será preciso descolar dessa imagem ideal para atualizar as possibilidades do ideal do eu.

Além disso, supomos que esses conteúdos, de um modo ou de outro representam mensagens, inconscientemente carregadas de desejos, pedidos, apelos e imposições feitas ao sujeito feminino para que ele siga os caminhos da feminilidade. Um sujeito que – é preciso lembrar – está se constituindo e, por isso mesmo, ainda ensaiando e angariando elementos para instituir simbolicamente sua própria feminilidade.

A função de tudo isso parece ser a de marcar e, de certa forma, balizar a relação que o sujeito feminino estabeleceu com as muitas imagens de si, instituídas ao longo da formação de seu eu. Algo essencial para o momento da passagem do *eu ideal* para o *ideal do eu*, no qual a posição feminina vai adquirindo contornos mais precisos, ainda que assinalada por muitas incógnitas.

Vale a pena lembrar as palavras de Nasio (1997) quando diz que:

[...] É o ideal do eu – simbólico – que pode regular as relações entre um eu e um eu ideal. O ideal do eu corresponde, como vimos, a um conjunto de traços simbólicos implicados pela linguagem, pela sociedade e pelas leis. Esses traços são introjetados e fazem a mediação na relação dual imaginária: o sujeito encontra um lugar para si num ponto – o ideal do eu – de onde se vê como passível de ser amado, na medida em que satisfaça a certas exigências. O simbólico passa a prevalecer sobre o imaginário, o ideal do eu sobre o eu. Assim, o simbólico se superpõe ao imaginário e o organiza. Em 1954, Lacan diria que é o ideal do eu, simbólico, que sustenta o narcisismo. O ideal do eu representa uma introjeção simbólica (em oposição ao eu ideal, assimilado a uma projeção imaginária) que se constrói com o significante do pai como terceiro na relação dual com a mãe (p.61).

Por conseguinte, retomando a nossa questão de pesquisa, podemos também supor que a posição feminina situa-a a partir da concepção de corpo que demanda uma *gestalt*, que possa veicular uma imagem ideal do ser feminino. Um arranjo corporal que tem como referência maior, formas imaginariamente perfeitas, que parecem remeter a uma anatomia narcisicamente idealizada (pertencente ao *eu ideal*). Arranjo esse que, na lógica do inconsciente serviria para inscrever, se assim é possível dizer, uma certa feminilidade no corpo.

Em outros termos, apontamos para um posicionamento psíquico que parece circular entre o *eu ideal* – um lugar imaginariamente concebido – e o *ideal do eu*. Principalmente por revelar, enfim, que o olhar do outro que *me vê* e o como *eu quero que o outro me veja* são elementos arraigados no discurso feminino, a serviço supostamente de regular suas idealizações mais inconscientes; ajustar o que permaneceu aquém ou além dessas instâncias – seus excessos e suas faltas.

Citamos Násio (1997) mais uma vez:

Por fim, para que servem as imagens? O mundo simbólico é preexistente ao sujeito, já está ali; entretanto, para se revelarem, os símbolos têm que passar pelo suporte corporal. O que acontece no nível simbólico acontece nos seres vivos. O eu e a relação imaginária com o outro são indispensáveis para que se produza uma inserção da realidade simbólica (a linguagem, a lei etc.) na realidade do sujeito. (p. 61).

Até este ponto, procuramos seguir um fio condutor, com o qual nos guiássemos para focalizar essa configuração atual do feminino. O resultado disso foi abrir questionamentos, seguir suposições e oferecer algumas hipóteses; baseados na literatura psicanalítica sobre o assunto e sobre o que esta nos faz pensar e sugerir sobre as mulheres e as cirurgias plásticas.

Claro está que as observações da realidade são dados preciosos; principalmente, quando fazem florescer nosso pensamento, levando-nos a movimentar as articulações teóricas. Mas, ouvir o discurso das mulheres diretamente inseridas no contexto dessa temática, certamente não significará uma mera ilustração dos princípios psicanalíticos, mas também oportunizar o confronto do seu discurso com o que já está posto no campo psicanalítico.

O que dizem então as mulheres sobre isso?

CAPÍTULO 3

TESTEMUNHOS E DESEJOS FEMININOS

3.1 Caminhos da pesquisa

Nos capítulos anteriores, seguimos um percurso psicanalítico, no qual o corpo e sua imagem, ao compor uma complexa trama inconsciente, constroem um campo psíquico, em que a feminilidade definirá as muitas possibilidades de seus ensaios e arranjos subjetivos. Nestes, reconhecemos e propusemos certos elementos teóricos importantes que, em alguma medida, são convenientes para pensar o modo como se articula o desejo feminino nas cirurgias plásticas.

Neste capítulo, em especial, temos a finalidade de apresentar os depoimentos de três mulheres e seus relatos pessoais, acerca das experiências subjetivas pelas quais passaram, quando se submeteram às cirurgias plásticas. É preciso ressaltar, no entanto, que o olhar psicanalítico e as conseqüentes suposições e inferências sobre tais depoimentos, não pretendem fazer um estudo exaustivo sobre isso. Todavia, eles podem oferecer um solo fértil a novas conjecturas teóricas, acerca do feminino e a imagem do corpo submetido à cirurgia plástica.

É importante observar, antes de qualquer coisa, que o encontro com as participantes da pesquisa não se configura aqui, como uma experiência clínica propriamente dita. Isso porque, em se tratando de entrevistas, previamente elaboradas e submetidas a autorizações, inexistente a demanda pessoal própria da situação analítica e em função disso, inexistente também a transferência enquanto objeto de intervenção. Por esse motivo, prescindimos do uso de pontuações, intervenções e interpretações

sobre o discurso das depoentes – dentre outros elementos próprios do fazer clínico psicanalítico.

Mas, ainda assim, o conteúdo dessas entrevistas não deixa de oferecer sua contribuição, ao apresentar, em última análise, um discurso impregnado de elementos inconscientes acerca da problemática que por ora cuidamos de apresentar.

E é com base nesses elementos que desenvolveremos nossas considerações psicanalíticas sobre o assunto. Isso não nos impede de considerar, no entanto, a possibilidade de que nosso estudo possa contribuir para pensar a clínica do feminino, bem como, suas intervenções clínicas.

Assim posto, faz-se necessário dizermos de qual ponto de vista nos lançaremos na análise psicanalítica dessas entrevistas. Em suma, deixar claro por qual método abordaremos o discurso de nossas entrevistadas. Começaremos falando sobre isso, tomando emprestadas as palavras de Silva (1993):

[...] o método da psicanálise caracteriza-se por abertura, construção e participação. Diria também que se trata de um método receptivo, valorizando mais a escuta do que a fala, mais a espera do que a indução de um sentido. Porque seu objeto é esquivo, não se deixando apanhar por táticas experimentais ou técnicas de laboratório, admitindo apenas furtivas observações de sua presença. A força dessa presença quando sentida, compensa a delicadeza do processo e a insegurança de alcançar resultados, pela clareza com que ilumina a situação vivenciada (1993, p. 20).

Esta autora diz, além disso, que a transposição das condições de investigação do consultório para o campo de pesquisa, sofre ajustes em função da fonte do material em estudo. Tal como acontece em nosso caso, quando propomos a análise das entrevistas, realizadas em contexto diferente da clínica. Mas, apesar disso, e para que a pesquisa possa continuar a lançar mão de um método considerado psicanalítico, algumas características precisam ser conservadas para a preservação da possibilidade de emergência do significado oculto. (Silva, 1993).

Uma dessas características, continua esta autora, diz respeito, principalmente, ao fato de que a investigação não pode se pautar em conhecimentos ou teorias pré-estabelecidas. Não pelo menos, ao ponto de tomar todo o cenário da pesquisa, antecipar a descoberta ou mesmo impedir a busca do desconhecido. O que situaria a questão de pesquisa eminentemente na seara consciente. Seria, segundo Silva (1993), deixar livres as representações surgidas a partir das observações, permitindo que elas se organizem *gestalticamente*.

Assim sendo, nossa pesquisa tem a intenção de, ao mesmo tempo, abrir-se à possibilidade do novo e referenciar-se pelo já conhecido e instituído. De tal sorte, que os preceitos teóricos possam ser analisados e discutidos de um outro lugar, daquele de onde possamos – pelo menos em nosso caso – propor algumas contribuições psicanalíticas, no sentido de atribuição de sentidos à problemática que ora colocamos em destaque.

Além desse posicionamento de pesquisa, tomamos também a idéia de Rezende (1993), quando afirma que “investigar em psicanálise, é interpretar a polissemia das situações observadas.” (p. 105). Essa perspectiva muito nos chama a atenção e nos interessa de perto, adotá-la como método psicanalítico investigativo. É por onde nossa pesquisa finca suas escoras metodológicas.

Isso porque, à investigação psicanalítica não se deve negar a possibilidade das diversas suposições. São elas que seguem à frente abrindo os caminhos da pesquisa; muito embora - devemos dizer – que essas suposições nem sempre são confirmadas. O importante é que permaneçam na sua função pensar as manifestações do feminino, sem se fechar em aspirações interpretativas em si mesmas.

Desse modo, trabalhamos na intenção de apreender os sentidos das entrevistas, tendo como pano de fundo, realidades concretas, ou seja, a mulher, seu corpo, a cirurgia plástica, bem como o que ela mesma diz do seu desejo. E tentando

dar este sentido, faremos o papel do hermeneuta tal como nos lembra Rezende (1993) quando afirma que:

[...] o hermeneuta envolve-se com o sentido do texto, a tal ponto que também sua ética passa a ser caracterizada pela autenticidade em viver o que entendeu. É vivendo que o hermeneuta “comenta” o sentido do texto. Sua leitura-viva completa o sentido dado pelo autor, e vice-versa. (p. 110).

E se assim é possível, vale dizer que consideramos *texto* como sendo aquilo que escrevemos sobre nossas entrevistas. Incluindo então, todas as considerações que nos foi possível fazer. Desse modo, destacaremos mais uma vez o que diz Rezende (1993) sobre a hermenêutica: “É a tentativa de interpretar o sentido da história como sendo o sentido de um texto de que somos ao mesmo tempo autores e leitores.” (p. 111).

Assim fazendo, destacaremos o sentido inconsciente que articula a relação entre feminino e corpo, que nos instiga e nos convoca a pensar.

Diante disso, é possível dizer que as entrevistas são aqui, os instrumentos dessa orientação hermenêutica. Na análise dos depoimentos colhidos nas entrevistas vamos distinguir, então, elementos que se apresentaram com certa ênfase.

Dessa forma, consideramos primeiro as particularidades daqueles elementos que marcaram, eminentemente, o campo do singular: ou seja, o discurso que caracterizou cada entrevistada de modo muito peculiar, segundo sua dinâmica inconsciente e as especificidades de sua história de vida; enfim, aquilo que marcou cada entrevistada como *Uma* – ainda que conteúdos semelhantes tenham perpassado as três entrevistas. É importante observar que tais conteúdos não serão explorados de modo aprofundado, uma vez que não nos propusemos a fazer deles estudos de caso.

Em seguida, consideramos tais conteúdos de modo mais abrangente, explicitando-os por meio de três importantes configurações psíquicas, a saber; A

relação mãe-filha e o corpo feminino; Os excessos e as faltas no real do corpo: os destinos da castração simbólica; e As cicatrizes: o real do corpo e seus efeitos simbólicos. Assim, a despeito das singularidades de cada discurso, estes conteúdos mostraram-se possíveis de nomear, sob certo ponto de vista, a realidade das três mulheres entrevistadas.

Assim disposto, narraremos, primeiramente e de modo breve, a história pessoal das entrevistadas e a vivência das cirurgias plásticas por que passaram. O objetivo dessa narrativa é o de apresentar, em linhas gerais, o cenário, no qual as motivações psíquicas inconscientes para o desejo de fazer a cirurgia plástica se destacaram de algum modo.

Em outro momento, faremos recortes desse material de entrevista, tanto com o intuito de ilustrar algumas proposições teóricas apresentadas nos capítulos que antecederam a este, bem como, e numa medida essencial, possibilitar a construção de sentidos subjetivos dessas proposições. O que é feito, partindo de fragmentos do discurso dessas entrevistadas de modo a propiciar, por sua vez, alguns posicionamentos psicanalíticos acerca dos destinos da feminilidade hoje.

Entendemos, com isso, que a investigação em psicanálise, em alguma medida, deixa sempre em aberto a possibilidade de novas significações acerca de suas proposições teóricas. Assim, o debruçar-se sobre os depoimentos de nossas entrevistadas permite-nos certa retomada de suas marcações teóricas, ao mesmo tempo em que acena para a construção de um novo lugar, de onde olharemos agora nosso objeto de pesquisa.

Enfim, o eixo que nos conduz na análise desses depoimentos, pode ser entendido e descrito como uma abertura ao campo das significações; o que torna possível a construção de sentidos psicanalíticos aos fragmentos dos relatos das entrevistadas. Isto significa um rico campo semântico, se pensarmos nas representações dos sentidos, implícitas nos discursos dessas mulheres.

3.2 As entrevistas

Para realizar as entrevistas, entramos em contato com dois médicos - uma cirurgiã e um cirurgião plásticos - ambos atuantes na cidade de Natal/ RN e solicitamos a indicação de algumas pacientes mulheres que já tivessem se submetido a cirurgias plásticas mais de uma vez. Assim, em função da disponibilidade das pessoas indicadas e do critério do número de intervenções cirúrgicas, selecionamos três mulheres, as quais concordaram prontamente em participar de nossa investigação.

A escolha de mulheres que se submeteram a mais de uma cirurgia plástica justifica-se pelo valor que a recorrência dessas demandas e suas implicações psíquicas, ofereceram para uma leitura psicanalítica de tais cirurgias. Neste sentido, interrogamos as significações que residem numa demanda que, de algum modo, se repetiu na história de vida dessas mulheres.

Além disso, trata-se nessas entrevistas, de breves recortes; uma vez que dispomos apenas de um único depoimento, do qual inferimos algumas suposições. Assim, o número de mulheres justifica-se, em primeiro lugar, pela disponibilidade das participantes; e em segundo, em função do pouco tempo que tínhamos para, minimamente, analisar esses discursos.

Não foram alvos da pesquisa as cirurgias estéticas reparadoras, que são realizadas por indicação médica, por ocasião de acidentes ou de lesões em partes do corpo, em virtude de doenças ou outras motivações semelhantes. Os procedimentos cirúrgicos realizados nos três casos aqui descritos, justificaram-se eminentemente por motivos estéticos.

O contato inicial com as entrevistadas foi feito por telefone, quando explicamos brevemente o objetivo da nossa pesquisa.

Assim, as entrevistas aconteceram no dia e hora marcados e em um só encontro com cada entrevistada. É importante acrescentar que os depoimentos foram gravados com a autorização das participantes, que se mostraram bem disponíveis para colaborar com nossa pesquisa.

Foi solicitado inicialmente às entrevistadas que respondessem a algumas perguntas previamente elaboradas. Isso não impediu, no entanto, que formulássemos outros questionamentos, conforme os desdobramentos das respostas solicitadas. Até porque, a proposta metodológica era realizar uma entrevista semi-dirigida, mantendo necessariamente aberta a possibilidade de formular outras perguntas que, no momento da entrevista, se fizessem pertinentes.

Nesse sentido, é imprescindível ressaltar que aquilo que essas entrevistas nos fizeram pensar e aqui destacar, não constitui verdades absolutas, nem tampouco, proposições definitivas. Em primeiro lugar, pelo fato de que a apreensão da polissemia de um discurso é algo inalcançável; principalmente, se considerarmos a inesgotabilidade do inconsciente, que aí se vela e revela a todo instante. Em segundo lugar, porque o nosso objetivo é, antes, oferecer recortes desses relatos, servindo-nos de seus fragmentos para propor algumas possibilidades de sentidos. Isso porque, sabemos que a validade de uma interpretação ou inferência reside, em grande parte, no encadeamento desses conteúdos numa cadeia associativa mais ampla. O que não é possível nesse momento.

Assim, não propomos uma análise minuciosa dessas entrevistas. Mas sim, como já dissemos antes, propomos algumas vias que possam, ao mesmo tempo, ocupar certo lugar ilustrativo em nossas apresentações teóricas anteriores, bem como, algumas inferências e suposições psicanalíticas que possam instigar nessa temática, a

crítica, a reflexão, os questionamentos e, acima de tudo, a continuação da investigação de pesquisa.

Para uma leitura fiel desses relatos, é preciso acessar os depoimentos, que foram devidamente transcritos e anexados no final deste trabalho. Os nomes Sueli, Madalena e Ana, observados durante os relatos, são fictícios e foram atribuídos a cada entrevistada, de forma aleatória. Além disso, as passagens que relatam conteúdos e situações mais reservadas justificam-se aqui, para tornar compreensível algumas de nossas suposições. Àquilo que entendemos não se relacionar diretamente com nossas articulações, foi deixado em anexo, ou seja, na transcrição literal das entrevistas.

3.3 As mulheres e seus depoimentos

3.3.1 Primeira entrevista

Por que essa mulher está triste? O que essa mulher quer? O que essa mulher quer mais?
(Sueli)

Sueli tem aproximadamente cinquenta anos de idade, é casada e tem duas filhas adultas. Desde o primeiro contato por telefone, mostrou-se muito disponível para participar de nossa pesquisa. Caracterizamos seu depoimento pela presença de respostas extensas e longos comentários pessoais que eram acrescentados às questões propostas.

A entrevistada se diz uma mulher extremamente organizada e decidida nas coisas que quer fazer. Para ela, trabalhar sempre veio em primeiro lugar; costumava assim, dedicar muitas horas ao trabalho, quando não via o tempo passar.

Sobre a família, Sueli relata que sempre foi extremamente obediente à mãe. Segundo nossa entrevistada, as palavras de sua mãe eram *leis*. Esta sempre dizia à filha que estudasse e se formasse, que vaidade era *besteira* e que não queria que ela aprendesse a cozinhar ou arrumar, mas sim que se dedicasse a ter uma boa formação profissional.

Decide fazer a primeira cirurgia plástica após sua aposentadoria, quando resolve *cuidar de si*, já que, segundo ela, tinha passado a vida toda entre trabalhar e

cuidar de suas duas filhas. Revelou que tinha vontade de *ser daquelas mulheres* que costumava ver no supermercado *empurrando o carrinho de compras*. Decidiu então, que iria começar *cuidando* de seu corpo. Quanto a isso, Sueli fala do sentimento de uma cobrança externa. O que a levou a modificar sua maneira de se vestir.

Quando procurou um cirurgião plástico pela primeira vez, desejava fazer uma plástica no nariz, em função do traço característico, que tinha herdado de sua mãe e avó materna e que muito a incomodava.

No entanto, na consulta inicial, o médico sugere que ela faça uma cirurgia plástica também na área dos olhos, ao que ela concordou prontamente. Diz que o pós-operatório foi extremamente traumático e que o resultado da cirurgia do nariz não foi o que ela esperava.

Enquanto ainda almejava os efeitos dessa plástica do nariz, decide se submeter à segunda intervenção cirúrgica: plásticas de abdômen e redução de mama. Procura o mesmo cirurgião que fez a primeira cirurgia. Sobre o resultado da segunda cirurgia plástica, considera que ficou muito bom. Principalmente, pelo fato de as cicatrizes da cirurgia não terem ficado aparentes. No entanto, em relação ao nariz, Sueli permaneceu com expectativas de que ao longo do tempo, os efeitos cirúrgicos iriam dar a ele outra conformação anatômica.

Isso, segundo Sueli, nunca aconteceu. Em função disso, decide fazer a terceira intervenção cirúrgica, refazendo a plástica do nariz.

Mais uma vez, segundo a entrevistada, o resultado dessa terceira intervenção plástica não atendeu suas expectativas. Atualmente, revela seu receio quanto às cirurgias plásticas, afirmando que não deseja mais fazer nenhuma intervenção cirúrgica dessa ordem. Sueli conta que não foi advertida de que os resultados poderiam não ser os que ela havia imaginado.

3.3.1.1 Breves considerações psicanalíticas

Como primeira observação de seu discurso, podemos observar que a compreensão de corpo no depoimento de Sueli aparece associada a uma espécie de impedimento; como se seu corpo estivesse simbolicamente marcado por certas interdições inconscientes. Pensamos isso a partir de um fragmento de seu discurso, quando afirmou que, para ela, o corpo sempre foi um tabu; algo que ela não tinha coragem nem de olhar no espelho. O sentido dessas palavras parece significativamente referido às concepções e proibições maternas, vivenciadas por Sueli ao longo de sua vida.

De fato, quando questionada sobre o que era o corpo, Sueli prontamente revela:

Corpo? Virgem Maria! Olhe, o corpo é assim: eu fui criada assim, que o fator assim, né? Mamãe foi criada assim, era aquela rigidez, assim, que eu acho que eu nunca tive coragem nem de chegar num espelho e olhar... E olhar o corpo, porque não era coisa [...] de fazer isso, né? De olhar assim, sabe? Era um tabu! Muito tempo, eu fui criada muito rigidamente. Então depois que eu casei, meu casamento foi assim, sabe? O grito de liberdade é... Princesa Isabel quando libertou os escravos! Ai, eu não acredito! Eu posso fazer o que eu não podia fazer. Eu tinha que fazer sempre o que era assim... O que minha mãe dissesse.

Em vista disso, destacamos primeiramente, o momento em que Sueli decide por uma intervenção em seu corpo. Assim, resolve fazer sua primeira cirurgia estética – a plástica de nariz – quando se aposenta; afirmando assim, que iria, daí por diante, cuidar de si. Dentre outros possíveis sentidos, podemos pensar sobre a decisão inconsciente de Sueli de mitigar o traço que herda de sua mãe (o nariz) ao mesmo

tempo em que resolve adotar outros posicionamentos relacionados às manifestações de sua feminilidade. Disse ela:

Ave Maria! Eu acho muito lindo quando eu vou ao supermercado que eu vejo aquelas mulheres bem arrumadinhas. Assim, empurrando o carrinho, assim bem arrumadinhas, tudo pintadinhas; e eu não tenho tempo de cuidar de mim. Agora eu vou ser daquelas mulheres. [...]. Mas esse ano eu vou cuidar da casa. E eu fiz a reforma da casa, ajeitei a casa, troquei móveis... Agora eu vou cuidar de mim, vou operar esse nariz.

Com efeito, o olhar sobre seu corpo parece redimensionar-se a partir de sua primeira cirurgia plástica, associando-se ao surgimento de certo posicionamento subjetivo. Percebemos isso quando Sueli revela textualmente que *agora vai ser daquelas mulheres*. Esse discurso da entrevistada parece sugerir, inconscientemente, o desejo de rever suas manifestações femininas, tomando como ponto de partida, um outro *olhar* que passa a lançar sobre seu corpo (manipulado por intervenções estéticas).

O *novo* estatuto subjetivo do corpo de Sueli e o conseqüente movimento psíquico que parece ter sido operado aí, são pontos interessantes para refletirmos sobre a imagem que Sueli supostamente tem de seu corpo. De tal modo que percebemos dois fatos de significativa importância na história da entrevistada, os quais fazem alusão a essa imagem.

Em primeiro lugar, Sueli inicia certa mudança depois que começa a viajar a trabalho, quando passa a ter necessidade de *se apresentar melhor* nestas situações. Segundo Sueli, a mudança foi *de fora para dentro*; aparentando a imposição de uma cobrança. Em parte, como diz ela, pela proximidade da velhice e em parte, por sentir-se *diferente de todos os outros* naquelas ocasiões. É como se a partir daquele momento, ela quisesse ser uma mulher como as outras; parecendo com isso, sentir-se diferente das outras mulheres.

Afirma Sueli:

Assim, mais de eu me sentir que eu tinha que, que me apresentar melhor, que, que eu ia pras reuniões, que eu viajava, que eu ia pra não sei pra onde, e eu nunca nem me preocupava em me vestir, em me arrumar e em me maquiar. E aí eu não tinha essa preocupação. Eu assim, senti como se fosse uma cobrança, de fora, mais do que de dentro pra fora, entendeu? E agora eu acho assim, ultimamente eu acho que é porque a velhice vai chegando e a gente vai começando a se sentir meio enrugada, aí realmente hoje eu me preocupo um pouco mais. Mas, que eu acho que a mudança começou mais de fora, de eu me sentir cobrada. Eu não tinha assim... Pra mim tanto eu fazia tá ali de sandália, como tá de camiseta... Eu... Pra mim era eu tá trabalhando e eu ficar até sete oito horas pro que fosse preciso. Aí eu me sentia bem que eu estava doando ali despreocupada, mas aí você começa a participar... Começa a ver que você tá diferente de todos os outros. Na verdade eu acho que foi mais de fora para dentro do que de dentro para fora em mim.

É como se essas palavras traduzissem uma possível passagem formada entre a concepção de uma imagem de corpo já constituída e uma outra, em que os sinais de feminilidade pudessem aparecer ao outro. Nessa passagem, notamos a presença implícita da mãe de Sueli; seja por meio das implicações psíquicas dos interditos que transmitiu à filha, seja pelo desejo desta de apagar um traço que herdou da mãe. Assim, esse caminho parece marcado por uma demanda inconsciente, traduzida pela cobrança que Sueli atribui ao externo: parecer mais feminina ao outro. O que aqui propomos, como um elemento situado no campo de suas idealizações inconscientes.

Como se a partir de um determinado momento de sua vida, surgisse a demanda de novos sentidos a imagem de seu corpo feminino. Por ora podemos apenas indagar: como pensar esse momento, que impeliu certa retomada de sua imagem do corpo?

O segundo fato faz referência ao caráter traumático do pós-operatório da primeira cirurgia plástica de seu rosto. Assim, quando ela se olha no espelho, a imagem que vê parece contradizer-se com aquela que Sueli esperava ver após a cirurgia. Parece haver nesse instante, um questionamento em relação a essa imagem

especular. Sueli afirma que não lhe disseram o que ela iria ver ali. Ela se sente *cortada e deformada*.

Nessa passagem, podemos nos arriscar a inferir mais pontualmente que o real da castração¹² parece ter irrompido de forma impactante. Diz a entrevistada:

Assim, eu até achava que era assim uma cirurgia que eu ia com dez dias, eu ia estar sabe? Mas foi assim muito traumática, a cirurgia. Foi aquela cirurgia que eu fiquei um monstro, sabe? Teve corte aqui, teve corte aqui, cortou aqui (indica os lugares no rosto), o nariz,... Era, era deformada. Eu não tinha, realmente eu não tinha noção que ia ser daquele jeito. Eu fiquei... Não pode se olhar no espelho, não sei quanto tempo, mas aí eu disse: *eu quero ver, eu quero ver* aí C.: *Não pode, porque você tá muito...* Foi muito traumática, sabe?

Algo parece ter retornado de um tempo arcaico, inconsciente. A mensagem que parece atualizar-se é a de que Sueli não pode olhar-se no espelho – ver seu corpo – tal como sua mãe sempre dizia pra que ela não se olhasse. E para continuar com nossas suposições, podemos dizer também que inconscientemente ela se colocava a seguinte questão: Como vou me olhar assim castrada?

Nossa intenção, ao formular esse suposto questionamento, é a de retomar o sentido da castração simbólica, na qual o corpo é confrontado em seus limites e diferenças e supor a vivência de Sueli em relação a essa experiência inconsciente, aparentemente revivida a partir desse episódio da cirurgia plástica.

Assim, o confronto de Sueli com sua imagem especular parece tocar significativamente o movimento inconsciente entre o que compõe seu *eu ideal* e o *ideal*

¹² Relembramos o sentido que aqui desejamos atribuir a esse termo, partindo da compreensão de Násio (1997) quando afirma que a castração “designa uma experiência psíquica completa, *inconscientemente* vivida pela criança por volta dos cinco anos de idade, e decisiva para a assunção de sua futura identidade sexual. O aspecto essencial dessa experiência consiste no fato de que, pela primeira vez, a criança reconhece, ao preço da angústia, a diferença anatômica entre os sexos. Até ali, ela vivia na ilusão da onipotência; dali por diante, com a experiência da castração, terá de aceitar que o universo seja composto de homens e mulheres e que o corpo tenha limites [...] [...] A experiência inconsciente da castração é incessantemente renovada ao longo de toda a existência e particularmente recolocada em jogo na cura analítica do paciente adulto. Um dos objetivos da experiência analítica é, com efeito, possibilitar e reativar na vida adulta a experiência que atravessamos na infância: admitir com dor que os limites do corpo são mais estreitos do que os limites do desejo”. (p. 13).

de eu. Daí resulta que, a divergência que emerge traduz-se para Sueli, como uma forma de angústia. Quando se imaginou fazendo uma plástica no nariz, supôs que *resolveria* todas as *outras coisas*; como se a intervenção no real do corpo pudesse simbolicamente suprir as suas possíveis demandas. Suas palavras parecem apontar nessa direção:

Meu problema era esse nariz. Se eu melhorasse desse nariz, se eu melhorasse desse nariz, eu acho que eu, pronto, ia resolver todos os problemas da minha vida, que eu ia me sentir bem, toda vez.

Em relação aos resultados da cirurgia, Sueli diz-se insatisfeita em relação à primeira, pelo fato de não ter observado mudanças visíveis no formato de seu nariz e, ao mesmo tempo, satisfeita em relação à segunda cirurgia – realizada no corpo – em função das cicatrizes não aparecerem.

Nesse sentido, observamos também a percepção de Sueli em relação às formas do corpo feminino e a maneira como lida com a perspectiva dos resultados das cirurgias. Isso parece configurar-se para ela como uma forma de angústia; principalmente, quando parece responsabilizar um outro, que *não a preparou suficiente* para resultados tão diferentes dos que havia imaginado. São suas as palavras:

Eu acho que eu fiquei assim meio... Não sei dizer a palavra assim. Eu até poderia assim ter sido melhor orientada do que iria acontecer... Depois. Eu achei que eu não tinha sido bem orientada. Podia ser... Eu não tinha... Eu fui sem essa consciência que ia ser esse trauma todinho no meu rosto. Eu fiquei assim um monstro.

Assim, ao decidir não mais fazer cirurgias plásticas, parece afirmar inconscientemente, que não deseja mais passar pelo real da castração. Como se, de algum modo, Sueli falasse de certa impossibilidade em se aproximar simbolicamente de seus ideais. Afinal – devemos lembrar – ela sempre assumiu certa posição fálica em sua vida. Ter que reconhecer a não existência desse ideal, talvez seja para ela de fato aquilo que denominou *um horror*. Será que isso apontaria para uma falta do significante

feminino?¹³ Em última instância, uma dificuldade daqueles que se situam na lógica fálica: lidar com a impossibilidade de ser o falo. Movimento para o qual, o feminino aponta.

Comenta Sueli:

Eu criei uma expectativa e acho que até eu fui alimentada de uma expectativa que não é real. Cirurgia plástica não é assim. Se alguém conversando... Olhe, tenha uma expectativa, mas você sabe que não era sempre assim, né?

Por outro lado, também podemos considerar a decisão de Sueli em não fazer mais cirurgias plásticas, nos apoiando na idéia de que, de algum modo, ela tenha alcançado, por meio das intervenções estéticas que realizou, demarcações simbólicas em torno de sua imagem de corpo. Demarcações essas que, minimamente, parecem ter movimentado questões inconscientes em torno de inquietações com a silhueta de seu corpo.

Sobre sua posição feminina, Sueli diz que ser mulher é bom e que queria nascer mulher novamente. Para a entrevistada, ser mulher é conseguir fazer muitas coisas ao mesmo tempo, entre elas, ser mãe. Além disso, Sueli diz que a mulher tem *algo a mais* – a sensibilidade.

Quando questionada sobre como era ser mulher com o seu corpo, responde: *Ser mulher com esse corpo... Eu acho ótimo ser mulher. Eu estou muito satisfeita com o meu corpo.* Vale observar aí duas questões importantes, que para a nossa entrevistada, pareceram caminhar em separado: ser mulher e corpo.

¹³ O sentido desse questionamento segue a afirmação de Lacan (1972-1973) quando diz que a mulher não existe. São suas as palavras: “o sexo corporal, o sexo da mulher, embora justamente não exista a mulher, a mulher não é toda – o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo.” (p. 15). As considerações de Millot (1996) sobre a posição feminina lacaniana, afirmam a sua divisão entre dois modos de gozo: gozo do Outro e gozo fálico. Assim, a divisão do gozo feminino situa-se entre a passividade e a castração, ocorrendo no lugar de uma essência inencontrável da feminilidade. Sobre isso, diz a autora: “As mulheres são não-todas, não totalmente inteiras, ao contrário dos homens, do lado do falicismo, mas igualmente não sem ter relação com o falo.” (p. 205).

Importa observar, além disso, que Sueli realizou suas cirurgias com cirurgiões homens, mas preferiu mulheres para cuidar de seu pós-operatório (dispensando-os). Supomos que são elas que cuidam das marcas simbólicas desse processo de castração no real do corpo; no sentido de deixá-las quase imperceptíveis.

De suas constantes variações de humor, surgem algumas perguntas que em sua fantasia todos parecem fazer a Sueli: *Por que essa mulher está triste? O que essa mulher quer? O que essa mulher quer mais?* Sueli não responde, apenas diz que as respostas estão em algum passado.

Hoje, ela deixa clara sua posição quanto à relação que estabelece com seu corpo:

Hoje eu me sinto bem com o meu corpo. Eu acho que hoje a minha visão é um pouco diferente da época em que eu fiz aquelas cirurgias. Hoje eu me sinto bem. Eu acho que eu ainda podia cuidar assim... Mais do meu físico. Fazer ginástica, cuidar melhor dele... Entendeu? Hoje eu tenho mais preocupação de ter algum problema de doença no meu corpo, não é? Com tanto problema de câncer, dessas coisas. Então, de uma maneira geral eu me sinto bem com meu corpo. Eu perdi peso... Se queria mudar alguma coisa no meu corpo, eu não queria. Independentemente assim de dizer você vai fazer ou não vai fazer, mas se tivesse de fazer eu não queria. Hoje eu me sinto que eu estou bem assim... Mais ou menos bem.

3.3.2 Segunda entrevista

É aquele ponto de cada uma...
(Madalena)

Madalena tem 56 anos, é viúva, dona-de-casa e mãe de dois filhos. A entrevistada é filha única entre três irmãos homens. Na sua infância, conta que gostava de jogar bola e soltar pipa, brincando de boneca até os quinze anos de idade. Hoje, costuma se ocupar de atividades consideradas culturalmente do universo feminino, tais como fazer bijuterias e crochê.

A primeira, das três cirurgias plásticas a que a entrevistada se submeteu, foi feita aos 40 anos de idade, quando aconselhada por indicação médica para fazer uma segunda cirurgia de vesícula, ela aproveita a ocasião para reduzir o abdômen e refazer as cicatrizes, tanto da primeira cirurgia de vesícula quanto de suas cesáreas. Segundo Madalena, nessa primeira cirurgia plástica, ela uniu *o útil ao agradável*.

Na segunda intervenção estética, fez suspensão de mama. Acrescentou que sua mama estava *desarrumada* e que acha muito bonito uma mama *arrumada*. Para Madalena, este foi o *presente* de aniversário dos seus cinquenta anos de idade. Na terceira plástica, enfim, fez *lifting* nos braços, uma cirurgia para retirar o excesso de pele e gordura que neles havia.

Recentemente, refez também a cicatriz dessa última cirurgia, pelo fato de ter ficado insatisfeita com ela, que, segundo sua opinião, ficou de aparência grosseira. Madalena se diz *exigente* quanto a isso.

A entrevista de Madalena foi breve. Suas respostas foram, de modo geral, significativamente objetivas.

3.3.2.1 Breves considerações psicanalíticas

Para Madalena, o corpo pode ser traduzido por um sentimento de estar bem consigo mesma; uma certa aceitação de si. Assim, aquilo que incomoda no corpo deve ser *retirado* dele. É o que a entrevistada nomeou como *aquele ponto de cada uma*, que para ela, era o formato de seu braço – uma herança materna, tal como disse. Isso significou, ao longo da vida de Madalena, um certo incômodo.

Assim, afirmou:

Não me incomoda de dizer assim: ah! Você tem perna fina! Você é aquilo que lhe incomoda. O que me incomodava era o meu braço. Então, eu tirei um pedacinho do braço, entendeu? E o corpo eu acho que é... Você se sentir bem, estar bem... [...] O rosto, eu não me incomoda, a pele também não me incomoda, entendeu? O nariz não me incomoda, o cabelo não me incomoda sabe? É assim, aquele ponto de cada uma.

É possível supor a partir desse fragmento, que a entrevistada concebe seu corpo a partir de um olhar escrutinador sobre as partes que o compõem, analisando-as e avaliando-as separadamente, como se fossem partes do corpo independentes entre si, mas em cujas significações psíquicas reside ou não a correspondência ao desejo inconsciente de *cada uma* ou às particularidades dele.

Além disso, se considerarmos que esse *incômodo* faz referência a certa angústia, podemos supor, que em Madalena, algo parece tocar o campo daquilo que é impossível nomear; ou, em palavras psicanalíticas – o inapreensível que constitui o real

do corpo emerge, evocando o estranho em cada mulher. É disso que parece depender para Madalena, a aceitação de si; ou seja, a aceitação do que é estranho em seu corpo.

Em vista do exposto, podemos dizer que a imagem do corpo para Madalena parece veicular uma certa fragmentação simbólica. Ilustrativamente, podemos destacar uma passagem de seu relato que parece fazer referência à construção da imagem de seu corpo, suposta e inconscientemente atualizada no tempo da adolescência. Assim, conta que ao ir à missa, tinha que usar um véu, não usar calça comprida, manga cavada ou saia curta.

De fato, Madalena parece referir-se a um movimento inconsciente entre mostrar e esconder o corpo feminino, a partir dos rigores da educação que recebeu e que na adolescência devem ter adquirido um novo sentido para seu corpo. Hoje, Madalena tenta se adaptar às suas medidas corporais. As roupas, que veste, indicam para ela a adequação ou não deste corpo.

Assim, entre os acontecimentos da infância, quando era muito *magrinha* e os de sua adolescência, quando *não tinha tempo* de olhar para seu corpo por causa de sua vida corrida, Madalena parece ter constituído inconscientemente alguns sentidos para sua história corporal. Hoje, sua opinião atual é que o corpo, ao ser mais valorizado, deve ser submetido às intervenções que forem necessárias, para promover o bem estar em cada um.

Dessa forma, as possíveis significações em torno do formato de seu braço ganham um traço de certa inquietude e passa a regular, de certa forma, sua dinâmica feminina. Em função disso, observamos aqui, as implicações psíquicas de uma característica física herdada da mãe e o desejo de apagá-la pela intervenção estética. Nessa empreitada, no entanto, Madalena refaz a cicatriz dessa cirurgia, como em um desejo inconsciente de ainda continuar interrogando a marca desse traço materno.

Madalena se diz uma mulher muito vaidosa. Para ela, o corpo feminino precisa de cuidados cotidianos de beleza; segue com afinco diário esses cuidados corporais, permanecendo sempre às voltas com cremes, batons, caminhadas e ginásticas. Para ela, são esses cuidados que indicam como é ser mulher com seu corpo. Diz Madalena:

Esperem aí, vou ajeitar... Ih esperem aí! Vou ajeitar a sobrancelha, vou ajeitar, entendeu? Você tem mais tempo disponível... A cobrança é grande, na sua apresentação, no seu visual.

Ao discorrer sobre seu corpo, o faz através de outras mulheres, as quais representam, por suas formas consideradas perfeitas, modelos ideais de corpo e de mulher. Como se o saber de Madalena sobre seu corpo estivesse atravessado pela imagem dessas mulheres *perfeitas*, situadas em um plano inalcançável de protótipos femininos. São suas as seguintes palavras:

Não vou querer ser uma Gisele Bündchen, não vou querer ser uma Adriane Galisteu, mas... Por que... Não é... Não, é um... Estereótipo das mulheres... Do que se fala, do que se faz, não é?

Madalena enfatiza, além disso, a relação que a mulher estabelece entre seu corpo e os cuidados que se deve ter com ele. Ela considera a existência de uma *vigilância acirrada* em relação a tais cuidados. Como uma espécie de cobrança imaginária. Sobre isso, fala sobre o que ela chamou de uma *obrigação estética*:

Eu acho que você tem a obrigação de... Esteticamente, se você acha que aquilo lhe agride, você tem que... O homem é engraçado, quer dizer nós, somos mutantes, né? A gente sempre tá vendo a vida de um outro jeito, os valores mudam, né? Então eu acho que agora estou com mais tempo de me olhar e tô vendo mais defeito... [...]

Atualmente, Madalena considera que atingiu seu objetivo; se diz satisfeita com os resultados das cirurgias a que se submeteu. Fala sobre o resultado de suas cirurgias, afirmando que foi *satisfatório*, assim como ela imaginava. Quanto à cirurgia dos braços, revela prontamente: *A do braço que estava feia eu refiz!*

3.3.3 Terceira entrevista

Gordura localizada. Coisa... Sujeira... Você tem que jogar fora, né? Tem que tirar, né? Limpar, pronto. A sujeira pra mim, só a limpeza. Pra mim tava sujo e agora tá limpo.
(Ana)

Ana tem 43 anos, é fisioterapeuta, casada e tem três filhas. Conta que se casou ainda adolescente e muito cedo se tornou mãe. Mas, relata que *faltava essa parte* da profissão. O que a fez retomar os estudos e terminar sua formação profissional posteriormente. Hoje, realizou-se como mulher - *em todas as partes*, tal como proferiu.

Durante seu relato, a entrevistada respondeu às questões de forma breve. Suas respostas eram sempre com depoimentos curtos; ficando sempre em silêncio olhando para a entrevistadora, esperando a pergunta seguinte. Assim, suas observações foram, em sua grande maioria, muito objetivas.

Ana conta que na infância se achava *horrorosa*; considerava-se *feinha e gordinha*. Relata também, que quando era criança, sua mãe mantinha seus cabelos sempre muito curtos; segundo ela: *tosados*. De forma que, nas festas juninas do colégio feminino onde estudava, ela era sempre o menino do par, nas danças. Conta que hoje só usa cabelos grandes, assim como suas filhas.

No que concerne à adolescência, diz que seu corpo era muito bonito. Diz que resolveu fazer plástica, justamente, *para não perder o que tinha*: um corpo perfeito.

Em relação às cirurgias plásticas a que já se submeteu, conta que na primeira colocou um implante de silicone. Ana diz que decidiu, por impulso, fazer a primeira cirurgia e se arrepende. Pois, na intenção de *levantar* a mama que considerava caída, colocou uma prótese muito grande, de modo que a mama caiu ainda mais.

A segunda cirurgia, já muito bem planejada, segundo contou, trocou a prótese por uma menor e fez lipoaspiração, embora considere que *não tirou quase nada e sofreu muito*. Na terceira cirurgia, faz nova lipoaspiração, dessa vez retirando a quantidade adequada de gordura. Refaz também a cicatriz da mama direita. Atualmente, diz-se muito satisfeita com seu corpo e sem pretensões de novas cirurgias plásticas. Disse ter recuperado o corpo que tinha na adolescência.

3.3.3.1 Breves considerações psicanalíticas

O discurso de Ana sobre seu corpo deixa entrever certa compreensão objetivada dele. Isso porque, para a entrevistada, o corpo tem um papel, uma função essencial: a de proporcionar uma completude - Ana diz que seu corpo *é tudo*. Em função disso, dedica-se intensamente aos cuidados corporais, tais como ginástica e programas de reeducação postural, afirmando que o corpo precisa ficar *arrumadinho, bonzinho*. Justifica esses cuidados pela profissão que exerce. É como se para Ana o corpo representasse um objeto a ser esteticamente investido; ou, um instrumento apto a proporcionar um bem-estar a si mesma.

Em outras palavras, tudo ocorre como se o corpo para Ana precisasse estar anatomicamente numa forma perfeita e devesse ser, por isso, enquadrado tanto numa estética idealizada, quanto em um funcionamento orgânico saudável; compondo assim, uma imagem de corpo fisicamente ideal. Dessa forma, se apresenta apto a exercer sua função essencial: uma gratificação narcísica. Tal como afirma:

... Eu sempre tive um... Assim, um corpo bonzinho, não é que... E eu sempre... Eu gosto do meu corpo, sabe? Eu curto meu corpo, eu curto me arrumar, eu faço porque eu gosto, eu acho que meu corpo é... É tudo. Eu gosto do meu corpo.

A imagem que Ana tem de seu corpo, podemos assim supor, é a de um corpo moldável, funcional e necessariamente admirável aos olhos do outro. Atributos que precisam ser mantidos à custa de muito empenho, no sentido, talvez, de reter para si certa imagem, marcada pela ênfase nas conformações físicas. É assim que ela permanece investindo em seu corpo. Diz ela:

Eu gosto do meu corpo. Acho que eu tenho um corpo muito legal porque eu tenho quarenta e três anos e me cuido muito pra ter o corpo que eu tenho, tá entendendo? Eu faço musculação, eu faço aula de Pilates... Você tá falando corpo, corpo físico, não é isso?

Em seu discurso, as cirurgias plásticas pelas quais passou, parecem significar, numa importante medida, um resgate do seu corpo da adolescência – um corpo de aparência mais feminina – de linhas e formas bem delineadas. Também sob o aspecto do resgate inconsciente de características físicas, situa-se o desejo de Ana por cabelos longos. Aqui, porém, o desejo parece ser o de romper com o corpo de menino de sua infância, talvez idealizado por sua mãe.

Por outro lado, a cirurgia para refazer a cicatriz abaixo de sua mama direita parece revelar certo incômodo em sustentar aquilo que talvez considere esteticamente inadequado. Como no parágrafo anterior, também supomos o resgate inconsciente de um tempo onde o corpo ocupava certa posição fálica¹⁴ – um corpo que *ela tinha* e que, de alguma forma, perdeu ao longo do tempo. Sobre isso, Ana afirma:

Eu sempre tive esse corpo e o meu corpo quando eu era solteira ele era realmente muito bonito, eu acho que por isso que eu fiz cirurgias plásticas, até para não perder o que eu tinha. [...] Eu tinha um corpo legal.

Associado a essa idéia e ao afirmar que a mulher ocupa vários espaços, Ana parece dizer que a mulher precisa necessariamente realizar seus ideais narcísicos . Supomos isso quando ela afirma que a mulher tem que *agitar, se arrumar, se produzir, sair, badalar, passear, lutar e vencer*. Como numa cadeia associativa, na qual a última instância é a da vitória. Seria, de certo modo, afirmar que a mulher não pudesse ter faltas. Como se ela precisasse ser onipotente e onipresente para ser mulher.

Entretanto, nessa passagem, parece inscrever-se certa angústia de castração, em que a idéia da passividade feminina é considerada como aterradora. É como se através da negativa, Ana estivesse deixando em certa evidência, a ameaça inconsciente em ser uma mulher faltante. Exalta assim, seus papéis de mulher:

[...] Aquela mulher passada, dona de casa, eu tenho verdadeiro horror... A mulher tem que ir à luta, tem que vencer. [...] Pra mim faltava, como mulher,

¹⁴ Compreendendo essa posição do corpo a partir da concepção lacaniana dos Três tempos do Édipo, discutida no capítulo anterior.

essa parte da profissão, tá entendendo? Aí agora eu acho que eu tô altamente satisfeita com tudo que me rodeia. Como mulher, assim... Mulher em todas as partes, de esposa, de mãe, de empresária, de profissional eu me realizo, tá entendendo? Hoje eu tô altamente realizada, graças a Deus.

Podemos dizer também, que, para Ana, o corpo parece representar um acesso para exercer sua posição feminina. Posição essa que aqui aparece expressivamente veiculada pela idéia de um corpo *arrumado, direitinho*. Ou seja, um corpo que foi, de certo modo, retomado através de uma imagem inconsciente passada e que agora, pode ser mostrado numa organizada e adequada perspectiva estética. É o que disse prontamente quando questionada sobre como se via hoje como mulher:

Hoje eu tô super... Assim, super feliz com meu corpo. Tô realizada com tudo o que eu fiz. Gosto do meu corpo, gosto de ver assim... Me arrumar, de ver tudo arrumadinho, tudo direitinho. Gosto de botar uma roupa legal, que fique... Que mostre que o corpo tá legal. [...]. Eu tô super feliz com meu corpo hoje. Em todos os sentidos.

Enfim, o que chama nossa atenção é o lugar que a cirurgia plástica parece ocupar em função do desejo de reviver inconscientemente um processo de perda. Ou melhor, diante de uma perda simbólica – o corpo feminino ideal da adolescência – Ana parece seguir em busca do resgate de suas formas, da *perfeita* adequação de seu desenho estético. Refaz sua cicatriz, intervindo no real do corpo, para que algum processo simbólico a possa reconduzir a certo lugar inconsciente: a imagem idealizada de seu corpo. Só então pode dizer-se hoje, uma mulher realizada - *em todas as partes*.

3.4 O que foi possível pensar diante dos depoimentos

As considerações anteriores objetivaram mapear, em cada entrevistada, a dinâmica inconsciente em torno das questões do corpo, sua imagem, o feminino e o ser mulher. Mas, por outro lado, as singularidades de cada entrevista e as observações sobre elas representam, também, a intenção de favorecer uma reflexão mais abrangente em torno de nossos questionamentos de pesquisa. Assim, ainda que possamos correr o risco de estender, em demasia, o campo que queremos investigar, é preciso considerar alguns conteúdos de maneira mais ampliada.

Nesse sentido, foi possível perceber alguns elementos que marcaram, de modo bastante expressivo, o discurso das três mulheres. O objetivo em apresentá-los de modo agrupado, reside no fato de poder favorecer uma melhor compreensão desses importantes pontos psíquicos da investigação dessa problemática.

Pensamos nisso com as palavras de Rezende (1993): “A psicanálise é um campo que investiga o particular para tentar compor modelos abrangentes do psiquismo humano.” (p. 129).

De modo que, o enfoque nesses aspectos, pelo caráter de certa repetição, tem o importante objetivo de aprofundar nosso espaço de discussão teórica. Assim, a partir da leitura nas entrelinhas das entrevistas, foi possível fazer germinar algo de efeito mais abrangente. Importando lembrar, ainda, que toda proposição teórica é, em certa medida, fruto mesmo de um processo de especulação sobre o que foi observado de alguma situação ou de algum discurso proferido sobre algo.

É preciso ressaltar, por fim, que a leitura das entrevistas e de suas considerações pode suscitar muitos outros pontos que se tenham repetido e que sejam igualmente interessantes para analisar nosso objeto de pesquisa. Mas, em nome de

certa concisão deste trabalho, é preciso destacar os pontos que mais nos chamaram a atenção. Para dizer mais uma vez, consideraremos isso um recorte em nossa investigação.

Podemos apresentar, agora, alguns dos pontos que se fizeram presentes ao longo das três entrevistas.

3.4.1 A relação mãe-filha e o corpo feminino

Percorrer as complexas sinuosidades da relação mãe-filha certamente constitui tarefa difícil, extensa e, por que não dizer, árdua. Portanto, não é nosso objetivo discorrer de maneira aprofundada sobre tal temática. Certamente, correríamos o risco de ser insuficientes, visto que um assunto tão amplo mereceria, sem dúvida, um enfoque exclusivo enquanto objeto de pesquisa.

Mas, por outro lado, não pudemos fechar os olhos para a emergência dessa relação nos discursos das nossas entrevistadas. O que nos leva a, minimamente, tecer alguns comentários sobre determinadas passagens de seus relatos que faz referência a esse assunto. A intenção é a de propiciar algumas reflexões psicanalíticas sobre a relação inconsciente que existe entre a assunção da feminilidade, o lugar do corpo feminino e a função da figura materna nestes espaços psíquicos.

Isso porque, o modo como a configuração subjetiva descrita acima se apresentou no discurso das entrevistadas, nos levou a supor um desdobramento psíquico tal, que as conduz inconscientemente – em um tempo posterior de suas vidas – aos artifícios das intervenções estéticas no corpo. Claro que não devemos afirmar aí uma linearidade propriamente dita, no sentido de uma relação direta de causa e efeito.

Mas, de outro lado, talvez devamos analisar com mais cuidado a possibilidade desses dois acontecimentos psíquicos estarem, numa importante medida, associados: a vivência inconsciente das particularidades da ligação com a figura materna e a demanda, igualmente inconsciente, das intervenções estéticas no corpo.

Por conseguinte, antes de qualquer coisa, importa ressaltar que, já é bem sabida a essencialidade da referência materna na constituição psíquica do bebê; bem como e, principalmente, de seus desdobramentos até a definição da identidade sexual do futuro menino ou menina.

Sobre isso, Freud, em 1931, já nos falava da fase pré-ediapiana, na qual a criança estabelece com a mãe uma ligação de caráter exclusivo e de como tal fase “tem nas mulheres uma importância muito maior do que a que pode ter nos homens.” (p. 238). Em sua concepção, a menina – diferentemente do menino – ascende à condição feminina, redirecionando seu investimento libidinal, antes dirigido exclusivamente à mãe, para a figura paterna. A condição para isso é a descoberta da castração.

Temos, então, que a constatação da menina em relação a sua conformação anatômica e a conseqüente implicação psíquica dessa diferença torna-se um precioso significante, com o qual ela irá partir em busca de quem possa reparar os infortúnios dessa descoberta: o pai. Ela inaugura, assim, seu processo edípico.

Nessa direção, André (1998) comenta que:

É preciso, com efeito, explicar como e por que, sendo a mãe também aqui o primeiro objeto, a menina é levada a renunciar a ele para substituí-lo pelo pai. Resulta disso que o complexo de Édipo, primário no menino, é secundário na menina. O complexo de castração desempenha, assim, um papel dissimétrico num e noutro sexo: ele tende a fazer desaparecer o Édipo do menino e, pelo contrário, é a origem do Édipo a menina, ou seja, a origem da renúncia à mãe e da eleição do pai. (p. 175).

A grande significação psíquica envolvida aí é que, apesar desse redirecionamento libidinal, permanecerá a mulher num constante retorno à figura materna, da qual herdou infindáveis traços psíquicos para a construção de sua feminilidade e para a qual continuará lançando seus questionamentos sobre o seu próprio *ser mulher*. O que se revelará na vivência de seu Édipo.

Interrogamos então: qual o lugar que o corpo ocupou nessa trajetória psíquica rumo à feminilidade?

A ênfase com que a relação mãe-filha veio à tona nos discursos das mulheres, enquanto falavam de seus universos femininos e da percepção de seus corpos aí situados, nos revela a importância desse questionamento. Isso porque, a presença inconsciente das *palavras maternas*, marcando simbolicamente o corpo da filha, como também as implicações psíquicas da herança de traços físicos da mãe deixaram entrever um retorno à mãe, traduzido hoje, por suas formas de se conduzirem subjetivamente, no tocante a suas feminilidades.

Observemos essas palavras de Zalcberg (2003):

A menina se vira, como toda criança, para a mãe, em cujos braços ela se aninha. Primeiro, ela pede à mãe que lhe dê uma imagem antecipada de seu corpo e a confirmação subsequente de que aquele corpo é dela mesma; confirmação com a qual cria uma matriz de seu eu. Depois, a menina, diferentemente do menino tornará a se voltar para a mãe para certificar-se de que a mãe reconhece a especificidade de seu corpo feminino; este, marcado de falta de uma definição clara (p. 180).

Nesse ponto específico, poderíamos então perguntar em relação à posição materna: o que espera uma mãe de sua filha? Ou ainda mais pontualmente: o que deseja uma mãe do corpo de sua filha? E, finalmente, a questão que queremos sublinhar: que insígnias maternas as filhas ostentam simbolicamente em seus corpos?

Para as mulheres entrevistadas, a herança materna – representada pela transmissão genética de algumas características físicas ou por alguns padrões estéticos impostos por suas mães – parece, de alguma forma, ter constituído as motivações inconscientes, pelas quais elas se submeteram às cirurgias plásticas na fase adulta. Isso porque, a herança genética formada por traços corporais peculiares, como nariz e braços, parece ter composto o desejo inconsciente de Sueli e Madalena em apagar, pela intervenção estética, essas marcas corporais vindas de suas mães.

Podemos dizer de modo geral que, o desejo inconsciente presente nas entrevistadas parece ser o de evitar que o traço materno se manifeste; neste caso, no real do corpo.

Nessa direção, Mieli (2002) comenta que:

[...] A intervenção voluntária sobre o real do corpo se impõe com freqüência, como uma “necessidade”; trata-se, então, de interrogar as razões estruturais do que, no nível subjetivo, apresenta-se como “necessário”. Em geral, diria que a manipulação irreversível é uma tentativa de dar estabilidade a uma forma que oscila; ela intervém, por exemplo, na cirurgia plástica, para integrar ou excluir um traço físico particular, vivido sob o signo do “em excesso” ou do “excessivamente pouco”. (p. 15).

Com esse sentido, a autora afirma que a intervenção irreversível, ocorrida por meio de cortes, incisões e outras manipulações do corpo, levam a invocação de um traço no real que inscreva um corte simbólico, definido por uma função de borda; um contorno, antes flutuante. E isso pode ser feito tanto na forma de um marco, ocorrido na vida do sujeito, como na forma de um *apagamento*.

Sobre este último aspecto, Mieli (2002) também diz:

Trata-se de uma inscrição visível, no sentido de que ela altera um traço do corpo, mas quer passar despercebida. O apagamento em questão é relativo a um traço que muitas vezes é sentido e descrito como parental e familiar, e em certos casos definido como “traço étnico”. (p. 17).

Assim, para Sueli, que afirma logo no início da entrevista que *tem coisas da mãe*, o formato de seu nariz parecia constituir o ponto, do qual se sentia observada e incomodada. Nesse sentido, submete-se a duas cirurgias plásticas, imbuída do desejo de apagar esse *traço étnico*¹⁵ materno. Além disso, a relação entre seu corpo de filha e o lugar em que a mãe situa esse corpo deixa entrever a força da palavra materna, que imprimiu traços importantes em torno de sua concepção de corpo. Isso porque, para Sueli, o corpo era um tabu; referido significativamente a algo sagrado, intocado. Só posteriormente decide se submeter às cirurgias plásticas, afirmando que daí por diante iria cuidar de si. Antes disso e durante muito tempo, o dito de sua mãe parecia ter uma importante significação, tal como ela relatou:

Porque, assim pra mim era relevante o que minha mãe me cobrava. Que eu tinha que estudar. Que foi um negócio que foi muito bom, que ela coloc... Que primeiro era estudar, ela não dizia... *Eu não quero que você cozinhe, que você arrume*. Eu quero que você tenha uma formação. Que naquela época não era nem a formação que as mães davam, normalmente né? Você tem que saber cozinhar, arrumar, mas a minha mãe sempre deu isso: eu não quero que vocês... Então meus anseios não eram os anseios dela. Ela nunca dizia assim: esse negócio de roupa, de sapato. Isso tudo é besteira, você tem que investir em estudar. Então meus anseios assim... Roupa era irrelevante, a vaidade. Nunca ela se preocupava, nem tinha essa preocupação...

Era como se a mãe de Sueli negasse à filha a valoração das vaidades femininas, ao tempo em que exaltava, ainda que de forma inconsciente, certas atribuições masculinas.

No caso de Madalena, a herança materna lhe trouxe o sentimento de incômodo em relação ao desenho anatômico de seus braços. A cirurgia plástica investida para apagar essa característica corporal é considerada satisfatória, mas Madalena ainda se sentiu compelida a rever as marcas desse *apagamento*. Por isso, refaz suas cicatrizes.

Além disso, a imposição de sua mãe no sentido de obrigá-la a usar sapatos com tamanhos menores do que seu pé, também revela uma outra forma de transmitir à

¹⁵ Expressão utilizada por Mieli (2002).

filha sua herança materna. Esta, com uma marca de feminilidade observada com mais evidência: dizia ela que mulher não tinha pé grande (como os de Madalena). Ela conta na sua entrevista:

A minha mãe, quando eu era mocinha comprava sapato com um número a menos do que eu calçava. Aquilo doía tanto meu pé! Mas, eu tinha que usar. Passei minha vida todinha usando um sapato menor do que meu pé, porque minha dizia que mulher não podia ter um pé grande daquele jeito como o meu, que 37 era muito grande. Eu me lembro que no meu casamento o sapato apertava demais meu pé, meus dedos eram tudo encolhido. Mas, depois que eu casei, aí eu passei a comprar sandália bem folgada. Só uso assim ó! (mostra os pés). Não suporto nada me apertando, não quero nada apertando meus pés. Hoje eu compro um número a mais que meu pé. Toda vida quando vou comprar uma sandália, peço um número a mais. Eu quero que fique sobrando aqui ó! Era horrível!

Já para Ana, a presença materna se fez perceber no corte de cabelo masculino, imposto pela mãe durante a infância, ocasião em que costumava ocupar a posição do menino nas danças folclóricas da escola. Atualmente, Ana se considera uma mulher extremamente vaidosa. Hoje, faz uso de alongamento artificial de cabelos¹⁶, assim como suas filhas, que, para sua indisfarçável satisfação, os mantêm na cintura.

Ana diz:

Mas eu pequenininha, eu vendo minhas fotos eu era bochechuda, gorda, cabelo curto, tanto é que hoje eu tenho cabelo longo, minhas filhas têm cabelo longo, porque minha mãe tosava meu cabelo, eu tinha ódio porque na época do... Do colégio, eu tinha que ser sempre o homem da quadrilha, porque na época eu estudava no A. ... O A. na minha época só era de... Só tinha mulher, entendeu? Tanto é que, quando eu cresci, um pouquinho assim, que eu pude ter cabelo, eu sempre tive cabelo grande, acho que é trauma e as minhas duas filhas hoje têm cabelo na cintura. Eu acho lindo cabelo grande.

Ana, claramente, faz aí uma espécie de retomada inconsciente dessas questões, como uma forma de compensação. À parte as questões inconscientes de sua mãe, não podemos deixar de ressaltar a maneira como ela manifestava uma certa repulsa às determinadas características femininas de sua filha, como o cabelo, por

¹⁶ Técnica atualmente denominada de *Mega hair*.

exemplo. Atualmente, Ana segue desenhando e redesenhando, por meio de implantes, lipoaspirações e ginásticas seus atributos femininos.

Por meio desses fragmentos, queremos chamar a atenção, além disso, para a produção significativa que parece surgir a partir das mensagens de feminilidade que a mãe inconscientemente transmite à filha. Principalmente pelo fato de que essas mensagens são, em sua transmissão, atravessadas por certas características de masculinidade. E é justamente o atravessamento dessa feminilidade e suas ressonâncias, que parecem ter constituído uma imagem do corpo feminino para cada uma das mulheres entrevistadas.

Nesse sentido, Zalcberg (2003) comenta:

Uma mãe pode inconscientemente sentir-se inadequada por causa da impossibilidade de fornecer um traço identificável do sexo feminino, acreditando e fazendo a filha crer que isso seria viável. Para evitar essa questão que a existência de uma filha acentua, uma mãe pode tender abraçar uma solução predominantemente fálica para sua filha, como adotou para si mesma, e não abrir espaço para uma identificação no campo do mais-além do falo, no qual reside tudo o que é específico do feminino (Zalcberg, 2003, p. 181).

De fato, podemos observar e supor, nas histórias de nossas entrevistadas, uma forma inconsciente em procurar, nas cirurgias plásticas, também uma espécie de compensação, no sentido de reaver uma vaidade feminina que suas mães não puderam lhes transmitir.

Sendo assim, questionamos em relação à posição da filha: como será que uma menina recebe o reconhecimento materno sobre seu corpo? A partir desse recebimento, a que destinações inconscientes a menina remete a compreensão de seu próprio corpo? Como se engendra a feminilidade desse modo?

São questões extremamente importantes, que certamente devem nos ajudar a pensar sobre as manifestações da feminilidade. Questões que bem resumimos com as palavras de Zalcberg (2003):

Só a menina precisa voltar-se para a mãe para encontrar um sentido no seu ser mulher a partir do seu corpo, já que o menino, à saída do Édipo, recebe do pai, pela identificação fálica, um reassuramento do seu corpo masculino. Como a mãe não pode oferecer à sua filha um significante de identidade especificamente feminino, como o pai dá ao filho, cabe-lhe tomar outras vias para assegurá-la de uma identidade feminina. Como acolherá o corpo da menina, corpo marcado de indefinição no campo do significante? (p. 180).

Ao propormos uma articulação inconsciente entre as vicissitudes da relação mãe-filha e a demanda de cirurgias estéticas no corpo, estamos apenas falando de um dos muitos prováveis elos inconscientes, nos quais a feminilidade pode apresentar um sentido. Na verdade, a maior importância em apresentar possibilidades de acontecimentos psíquicos da relação mãe-filha reside mesmo na função que exerce na constituição do Corpo, da feminilidade e, fundamentalmente, de seu entrelaçamento.

É a partir do que foi possível fundar nesses laços psíquicos, que a menina torna-se mulher e precisa seguir para a cena social propriamente dita, com tudo o que constituiu, castrou e marcou seu corpo simbolicamente. Será preciso, então, apresentar ao outro sua demanda: a configuração psíquica de sua feminilidade e suas manifestações no Corpo.

Como podem se apresentar, atualmente, essas possibilidades?

3.4.2 Os excessos e as faltas no real do corpo: os destinos da castração simbólica

Com a articulação psíquica proposta anteriormente, dissemos que a forma como a menina recebe as primitivas mensagens maternas, de algum modo, acaba por traduzir-se nas demandas de seu corpo; que, por sua vez, representam alguns dos artifícios que se referem à sua feminilidade. Mas, a forma como isso é, atualmente, representado no real do corpo é sobre o que agora vamos falar.

Com efeito, observamos nos relatos das entrevistadas a maneira como se referiram ao que supomos ser as manifestações de suas demandas: lidar com aquilo que entendem exceder ou faltar nas formas do corpo de cada uma. Sobre isso, inclusive, discorreremos com certa ênfase no capítulo anterior, quando propomos uma associação com uma certa revivescência inconsciente da castração simbólica, que nas palavras de Teixeira (1991) é considerada como *um sentido*.

Isso significa que, apesar do desejo inconsciente de cada entrevistada, observamos com expressiva regularidade, um movimento psíquico dessas mulheres em ponderar sobre aquilo que deveria ser retirado ou colocado em algumas partes de seus corpos. Claro que cada uma falou de um lugar muito próprio e a partir de um desejo único. Mas, de todo modo, elas pareciam referir-se a um movimento mais amplo, no qual situam, no real do corpo, suas questões inconscientes; relacionadas, provavelmente, àquilo que excede ou falta em toda constituição psíquica – àquilo que provém dos acontecimentos nas histórias de vida do sujeito.

De fato, aquilo que nos faltou, ou que nos foi excessivo ao longo de nossa constituição psíquica, poderá se transformar em conteúdos recalçados. E como tais, sempre retornarão, emergindo em busca de uma reedição inconsciente. Esse é o movimento do sujeito da psicanálise: sempre em busca de realizar seu desejo. Nesse

intento, acaba por encontrar vias simbólicas que servem para, mesmo que parcialmente, dar conta desse desejo.

A atualidade, com a excessiva valorização dos contornos do corpo feminino, tem oferecido à mulher essas vias simbólicas. Isso porque, ao movimentar o real de seu corpo pelas cirurgias plásticas, serve-se, ao mesmo tempo, de seus efeitos simbólicos para, com isso, atualizar a sua imagem de corpo. São como *nuances* inconscientes, em que os efeitos da castração simbólica se manifestam nas medidas e formas estéticas do corpo; advindo daí a apresentação de uma feminilidade possível.

Lembremos as palavras de Pommier (1987):

A relação entre uma mulher e sua imagem é problemática, flutuante: Ela é objeto de uma inquietude narcísica [...] que não poderia dispensar essa incerteza, essa máscara frouxa lançada sobre a aparência. (p. 35)

Sueli, por exemplo, faz redução de mama. Sua intenção era evitar que a mesma caísse. E tal como em outros momentos de sua entrevista, a associação entre a castração simbólica e o corpo aparece de forma velada. São suas as palavras:

Dá pra tirar. Eu não tinha excesso de mama aqui que desse problema na minha coluna, mas na minha cabeça como era um pouco grande, isso aqui ia pendurar. Eu digo: E se eu ficar com uma mama bem pequenininha é muito mais fácil de eu ficar mais tempo sem [...]. Ele disse: *eu faço, eu faço aqui e faço aqui*. Aí eu ainda disse: E porque você não tira essa gordura que fica aqui? Porque você vai tirar aqui... Aí ele disse: Não, porque é muito traumático.

A leitura desse fragmento parece revelar uma demanda inconsciente relativa a uma função fálica: ter a medida entre o mais e o menos, que regulará as possibilidades de representação dessa demanda; ou seja, aquilo que a aproximará da realização de seu desejo. Dito de outra forma, é por meio das palavras sobre as alternâncias de seus contornos corporais, que Sueli, simbolicamente, toca a imagem de seu corpo, e nesta, a imagem de si mesma.

Também no relato de Ana, observamos seu cuidado em definir – com a ajuda do outro – aquilo que deveria permanecer, ou não, em seu corpo. Assim, com uma precisão quase milimétrica, a entrevistada avalia as medidas do corpo apropriadas para lhe conferir uma satisfação psíquica. Ana parece julgar então, que, por ora, não há mais o que fazer. Seguem partes de seu relato:

Não, ele vai tirando... Na hora. Só que, a segunda pessoa que me operou, ele não tira muito, ele tira pouco... Ela tira pouco. E esse não, ele tira na medida, ele tira o excesso, tá entendendo? E eu nunca fui gorda, então... Eu não tinha muita coisa... Pra ele tirar. Até brinquei: *você tirou pouco*. Aí ele: *Aí, você queria que eu tirasse de onde?* entendeu? Eu colocava uma calça, antes dessa lipo, aí ficava aquela gordura atrás, um pouco. E me incomodava muito. Aí eu... Juntou um com o outro, aí eu resolvi fazer e deu certo... Aí agora não tem mais o que fazer não. Graças a Deus eu tô... Bem. Não quero mais nada. Mais nada, tá bom!

E em outra passagem, diz também:

Gordura localizada. Coisa... Sujeira... Você tem que jogar fora, né? Tem que tirar, né? Limpar, pronto. A sujeira pra mim, só a limpeza. Pra mim tava sujo e agora tá limpo.

Já para Madalena, essa questão aparece associada à cobrança de um outro.

Ela relata:

Eu fiz Lifting de braço. O meu braço parecia uma coxinha de peru. Eu tirei esse pedaço aqui, um triângulo. E minha neta me cobrava isso demais, ela ficava assim: *vovó, vovó...* Eu tinha ódio, eu tinha ódio (risos). Eu ficava assim: *M. eu ainda vou tirar um pedaço do meu braço para você não ficar...*

Para dizê-lo mais uma vez, o que parece haver, são tentativas de organizar, por meio do real do corpo, as oscilações inconscientes de sua imagem. O que significa dizer: a atualização simbólica do desejo de um corpo feminino idealizado. O objetivo seria atualizar inconscientemente uma imagem que melhor fale da feminilidade; que melhor reflita seus anseios; que melhor veicule seus sentidos, enfim, que melhor lhe favoreça uma consistência psíquica diante de seu ser mulher.

Teixeira (1991) fala desse ideal, acrescentando à citação de Melman:

É a distância desse ideal que vai marcar a vida de uma mulher que “[...] vive, assim regularmente em falta em relação *A mulher* que ela pensa dever ser”. (p. 21).

Enfim, na tentativa em corresponder ao universo feminino contemporâneo – um universo expressivamente fálico – a mulher recorre a produções simbólicas que como tais, deixam traços visíveis; detalhes palpáveis e significantes. A resultante de toda essa configuração simbólica pede um outro aporte teórico. Aquele que possa ajudar a pensar nos sentidos subjetivos das marcas no real do corpo – as cicatrizes das cirurgias plásticas que permanecem, produzindo significações em torno do corpo e do ser mulher.

3.4.3 As cicatrizes: o real do corpo e seus efeitos simbólicos

A aparência das cicatrizes das cirurgias plásticas e, sobretudo, a sua visibilidade no corpo foram aspectos aos quais as entrevistadas conferiram significativa importância. Como se, de fato, fosse imperativo para elas camuflar, disfarçar ou, fundamentalmente, esconder do outro a marca das intervenções cirúrgicas.

O que podemos dizer diante desse arranjo psíquico?

De um lado, essa cicatriz faz referência direta ao real do corpo e de outro, aponta indiretamente para aquilo que a antecedeu, a saber, as motivações inconscientes da cirurgia plástica. Assim, uma vez que o corpo, para a psicanálise, pode ser considerado sob os aspectos real, imaginário e simbólico, essa cicatriz pode falar, a um só tempo, de uma marca visível no corpo, da simbolização de um movimento em direção a um desejo, bem como, das concepções subjetivas advindas

daí; dentre elas, as concepções de corpo feminino que a mulher atribui a si, após a cirurgia plástica.

Podemos supor com isso, que algo pode ir, tanto ao encontro de uma imagem de corpo idealizado, como de encontro ao que imaginou antes da intervenção cirúrgica: um corpo feminino de formas ideais. E a incumbência da cicatriz seria a de finalizar; arrematar essa imagem, deixando-a ou não ao nível aproximado do que foi idealizado pela mulher. Os destinos simbólicos dessa cicatriz dizem da mulher, de sua feminilidade e de como o corpo passa a ser visto e aceito por ela.

Sob esse ângulo, Mieli (2002) nos diz que o corte traumático e seu rastro indelével podem adquirir o valor de um corte simbólico que define um contorno flutuante, marcando uma virada decisiva na vida do indivíduo. A autora diz ainda que, o corte e seu rastro inapagável podem se fazer representantes de uma inscrição simbólica, que solidifica a identificação narcísica, celebrando um acabamento da imagem subjetiva.

Madalena parece falar sobre isso:

Não! Graças a Deus correspondeu à expectativa, a cicatriz desse braço eu refiz a cicatriz, eu fiquei muito chateada, eu fui lá, eu disse: eu não estou satisfeita com a cicatriz, eu não estou satisfeita... Porque ela ficou, a cicatriz, bem grosseira, aí eu refiz a cicatriz, eu sou exigente, sabe?

Como quer que seja, exaltar o real desse corpo feminino através de suas formas e, ao mesmo tempo, negar as próprias marcas que possibilitaram, de um modo ou de outro, a valoração dessas mesmas formas, parece apontar para um trabalho psíquico inconsciente, cujas reflexões nos convidam, não a concluir, mas a continuar debatendo sobre as enigmáticas significações do Corpo, do ser feminino e do entrelaçamento entre esses dois campos.

Observemos os discursos das entrevistadas :

Aí fiz, ficou muito bom, muito bom. A mama ficou uma cicatriz por culpa minha, que eu sou meia elétrica e eu tinha que ficar não sei quanto tempo assim... E eu realmente não consigo. Se não tiver o que fazer eu arranjo assim, [...], eu me mexo. Eu acho que foi... É tanto que eu... Não me incomoda. Primeiro porque é aqui, é embaixo da mama, a cicatriz. Então, eu acho que não é... Até eu posso ir pra praia, posso [...]. (Sueli, Entrevistada um)

Eu queria ajeitar a cicatriz da cesárea, então para fazer a de vesícula, ela é transversal, então eu disse, já que eu vou fazer a de vesícula eu aproveito e ajeito essa outra cicatriz e tiro a cicatriz e a pele. Então foi o útil ao agradável, liguei as trompas, fiz a cirurgia de vesícula e ajeitei a cicatriz. (Madalena, Entrevistada dois).

I. é bom e mostrei a mama; aí ele disse: não, então vamos refazer, aí eu refiz a cicatriz inteira da mama e fiz a lipo nas costas e na frente: no abdômen. (Ana, Entrevistada três)

Diante desses relatos, pensamos mais uma vez na problemática da castração feminina. Mais propriamente, no segundo tempo da castração, quando a menina descobre visualmente sua condição de castrada, depois de se comparar ao menino; como também no terceiro tempo, quando percebe essa condição em outras mulheres, incluindo sua mãe.

O que queremos destacar é o significante que surge daí, pois o que parece emergir para a condição feminina é um sentimento de infortúnio que lhe acomete após esta constatação visual; a de que é, como sua mãe e como todas as outras mulheres: castrada.

Assim, também o olhar sobre a cicatriz das cirurgias plásticas parece evocar certos sentimentos, talvez não de infortúnio propriamente falando, mas de insatisfação, pois algo ficou inadequado e precisa ser retomado – o refazer cirurgicamente a cicatriz; ou ainda, a sensação de que algo não pode mesmo ser visto no corpo, precisando ficar encoberto pelas roupas.

Numa tentativa de nos aproximar das posições inconscientes aí existentes, propomos os seguintes questionamentos: não seria essa atitude aquilo que Assoun (1993) denomina da *postura* da mulher diante da castração? Um estilo de seu *complexo de castração*?

Como diz sabiamente Assoun (1993), o universo feminino é inesgotável:

O feminino, trata-se de um Saber axiomáticamente inesgotável, pois na falta de um significante que o designe, ele permanece sempre em aberto à possibilidade de respostas e novas indagações. Situado para além do recalque, o feminino diz respeito não ao que se inscreve na cadeia simbólica, mas àquilo que, incessantemente, não pára de não se inscrever, o que equivale dizer, pede para se inscrever (p. 10).

Podemos dizer enfim, que, para dar conta do inapreensível do real que constitui o corpo, o simbólico *inventa* muitas histórias. A cirurgia plástica, uma delas, consiste numa intervenção no real do corpo. Mas, não basta somente isso. O sujeito ainda terá que construir suas amarras simbólicas para conferir sentidos a esse real, *guardando-os* assim, no imaginário. A cirurgia plástica pode, de fato, corrigir o que se considera culturalmente como *os defeitos* das formas do corpo, mas as construções simbólicas terão que ser necessárias e enigmaticamente empreendidas.

Em nossas entrevistadas não podemos deixar de considerar que, a despeito das motivações inconscientes e suas designações particulares, a partir das quais elas se lançaram às intervenções estéticas, parece ter sido possível a reinscrição de um *traço errante* à manutenção narcísica da imagem de si. (Mieli, 2002). Portanto, podemos dizer que, de alguma forma, essas mulheres delimitaram certas fronteiras inconscientes em torno de suas imagens corporais, após realizarem suas cirurgias plásticas. Com base em seus relatos, foi possível considerar que intervenções no real do corpo podem representar, em algumas histórias de vida, um acontecimento simbólico de importantes efeitos subjetivos para os caminhos da feminilidade.

Como quer que seja, parece ser de novo ela, a imagem do corpo, que é inconscientemente retomada. Dessa forma, tomamos esses aspectos como tentativas de compreender o universo feminino. Assim, interrogamos o desejo de *Uma* mulher. Pois, percebemos que é na radical diferença de cada mulher, que é possível reconhecer os desejos que habitam o mundo feminino contemporâneo.

Mas, diante de tudo, é preciso finalizar; pois reconhecemos que cada reflexão proposta descortina outros caminhos possíveis e infindáveis. E, justamente por isso, para que os caminhos que ora sugerimos e sobre os quais refletimos no presente trabalho possam se desdobrar em novos caminhos, terminamos essas reflexões, esperando que elas ressoem em novos temas de pesquisa sobre o feminino e a estética do corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegou o momento de finalizar a presente jornada dissertativa. Um tempo de concluir sobre aquilo que nos foi possível pensar e edificar, após tão instigante e laborioso percurso. Um tempo, principalmente, de apresentar as principais idéias e proposições que apreendemos, bem como nossos principais posicionamentos em relação ao assunto.

E, nesse sentido, é também o momento de falarmos daquilo que foi preciso superar ou transpor para nos aproximarmos do campo das contribuições que tanto almejamos oferecer à compreensão da problemática proposta.

Voltemos ao início de nossa jornada então. O que lá propomos? O que já esperávamos encontrar? O que descobrimos? O que não conseguimos apreender? O que continuou enigmático? O que se tornou assim? E diante disso, indagamos: O que dizer agora?

Em primeiro lugar, é preciso lembrar que as cirurgias plásticas, embora já existam há muito tempo no campo da medicina estética, passaram nos últimos anos, por velozes avanços tecnológicos. As rápidas inovações estéticas nos levam a pensar que, falar de suas implicações psíquicas no universo feminino, significa oferecer um recorte que, por essas razões, deve permanecer necessariamente em aberto.

Dito isso, como discorrer sobre nossas *provisórias* conclusões?

Na retomada dessa trajetória, lembremos nossa proposta principal: apreender as significações da imagem do corpo feminino em mulheres que já se submeteram a mais de uma cirurgia plástica. Na busca de subsídios para falar sobre esse assunto,

nossa primeira dificuldade foi a de lidar com um tema tão atual e por isso mesmo, ainda de escassa literatura no universo da psicanálise.

Mas, por outro lado, o caminho do feminino, este tão vasto e tão amplamente já discutido na psicanálise, foi, obviamente, nossa estrela guia. Igualmente importante, foi a extensa literatura sobre o Corpo em Psicanálise que, sem dúvida, representou nosso segundo alicerce. Entretanto, como entrelaçar esses dois campos? Como pensar em um entrecruzamento que pudesse nos oferecer caminhos para pensar o feminino nas cirurgias plásticas?

A resposta foi: escutando-as... Elas, as mulheres que se situam e se submetem a esse universo da estética do corpo. Formou-se então, a trilha e o desafio que enfrentamos, na busca de compreender a mulher, seu corpo e o que ela diz da imagem dele.

De outro lado, sendo a psicanálise já tão dividida e em alguns pontos, divergente entre os próprios teóricos, seria preciso definir de qual deles nos acompanharíamos em nossa empreitada. Freud, o pai da psicanálise, evidentemente foi, como sempre deve ser, a base de tudo. Mas, ao lado dele e para nos ajudar nas especificidades que nossa temática demandava, escolhemos peregrinar um pouco pela teoria lacaniana.

Assim, caminhamos com Lacan e com alguns de seus comentadores mais reconhecidos. Servimo-nos assim, dos principais fundamentos lacanianos na intenção de embasar a questão da imagem do corpo e da constituição do feminino, que ele tão brilhantemente avançou após as descobertas e os construtos freudianos. Principalmente, em relação à sua incalculável contribuição com os conceitos de *real*, *imaginário* e *simbólico* e o de *Complexo de Édipo*. É evidente que outros autores contemporâneos foram igualmente importantes para discutirmos as questões que, nesse mesmo sentido, iam surgindo ao longo de nosso trabalho.

Mas, durante a confecção de nossa pesquisa nos deparamos com outra grande dificuldade: como contornar dois universos tão vastos e articulá-los de modo produtivo: o Corpo e o feminino? Como não fazer de nosso trabalho um arsenal de proposições ou um exaustivo tratado sobre o que seria a imagem do corpo para a mulher que se submete hoje a cirurgias plásticas?

Foi preciso recortar, delimitar nossas idéias e refrear nossas ambições. Tivemos que encurtar nossas palavras, resumir nossos posicionamentos; admitindo que, deixamos de fora tantas outras idéias que poderiam ter sido igualmente importantes e interessantes.

E como era de esperar, aquilo que poderia ter sido acrescentado ou discutido, a despeito do prejuízo que possa ter ocasionado à compreensão de nosso trabalho, será destinado posteriormente, a outras investigações, bem mais aprofundadas.

Mas, o que foi possível pensar afinal?

Em primeiro lugar, nossa pesquisa ofereceu uma possibilidade de percorrer o trajeto do eterno labirinto que constitui o feminino na psicanálise. Sem dúvida, mais uma, dentre tantas outras tentativas de contornar as vias da feminilidade contemporânea. Nesta, a atualidade do contexto social é sua maior característica. No entanto, devemos advertir que, não nos aprofundamos nas tramas do movimento social mais amplo, o qual compele as mulheres a se submeterem a essas cirurgias; mas, por outro lado, não as desconsideramos inteiramente, uma vez que este contexto funciona aqui como nosso pano de fundo. Assim, nos detivemos com maior empenho e ênfase nas tramas do desejo que é único em cada uma das mulheres, a despeito de uma rede social em que elas se inserem. Essa foi a *lupa* com que olhamos o nosso objeto de pesquisa.

Mas, ainda assim, esboçamos, inicialmente, um breve trajeto histórico do corpo feminino, no qual foi possível apreender minimamente a configuração atual desse aspecto. O mais importante dessa discussão foi observar que, ao longo dos últimos sessenta anos, aconteceu um *voltar-se* da mulher para o seu próprio corpo. Isso, por diversas razões, dentre elas, a influência da cultura norte-americana.

De modo que, ao olhar para o seu próprio corpo e se apropriar dele, a mulher pareceu assegurada daquilo que poderia, ou não, lhe proporcionar prazer. Certa, ainda, de que o cultural desnudamento progressivo de seu corpo, lhe acarretaria uma responsabilidade em apresentá-lo bem; sentimento que parece acompanhá-la até os dias de hoje em suas preocupações com a imagem do corpo e no que se dispõe a fazer em prol disso. É isso que muito provavelmente, a tem levado às intervenções cirúrgicas para cuidar de suas formas estéticas.

Os ditames e as exigências sociais, bem como os imperativos silenciosos para os cuidados do corpo, parecem constituídos, sobretudo, de ameaças vindas de fora. Mas, não devemos esquecer – mais uma vez dizendo – que elas são sentidas, interna e inconscientemente, no campo da singularidade e do desejo particular; naquilo que define *Uma* mulher. Afinal, os apelos vindos da sociedade servem para umas e não serve para outras.

Quanto aos fundamentos psicanalíticos que acompanham essas questões, foi imprescindível trabalhar os conceitos que apresentam e discutem a imagem do corpo. A idéia de que a imagem do corpo é, acima de tudo, uma construção histórica e inconsciente das vivências corporais mais primitivas do sujeito, foi-nos imprescindível para abordarmos, principalmente, a assunção da feminilidade – a constituição do feminino propriamente dito. Pois é nesse campo, que o ser mulher se desdobra e se manifesta. Françoise Dolto fala brilhantemente sobre isso e é essa idéia que queremos deixar como herança maior de nossa pesquisa.

Com efeito, o percurso da constituição da imagem do corpo e sua função no processo de formação do eu e do tornar-se mulher representaram o eixo principal de nossa dissertação, a partir do qual foi possível pensar sobre o universo feminino e, principalmente, ouvir as mulheres implicadas nessa problemática, de quem falamos e supomos tantas coisas a seu respeito. Foi imperativo dar-lhes voz, solicitar que nos apontassem, com suas palavras, a direção de seus desejos.

Assim sendo, o recurso das entrevistas foi de suma importância na apreensão das particularidades do desejo feminino em relação à cirurgia plástica. Isso porque, na breve análise que fizemos dos fragmentos desses relatos, pudemos perceber o quanto a condição feminina, para algumas mulheres da atualidade, permanece imbricada às formas do corpo. Ademais, em que pese o significado que as intervenções estéticas tiveram para cada entrevistada, percebe-se que as cirurgias representaram uma espécie de compromisso inconsciente em cuidar da aparência do corpo, no sentido de uma dívida simbólica para com aquelas formas que possam manifestar sua feminilidade. Algo que se fez significativamente presente nos discursos dessas mulheres.

Importante ressaltar aqui os limites entre o que pertenceu ao singular do discurso e o que pôde se situar num campo mais amplo, sem se enquadrarem em referências estatísticas; mas, com a intenção de pensar que foi graças à presença marcante desses discursos que pudemos olhar com mais cuidado para o que, inquietamente, circulou entre as mulheres, ainda que diferentemente disfarçado em cada uma.

Nesta espécie de zona fronteira, em que o particular se transmuta no plural – sem deixar sua essencial propriedade de nomear os desejos de cada mulher – situaram-se: a relação mãe-filha; os discursos sobre as configurações corporais e a questão das cicatrizes dessas cirurgias. De forma que, à costura inconsciente feita com o corpo, com sua imagem e com a feminilidade, acrescentam-se agora as intervenções das cirurgias plásticas: dando formas e contornos às manifestações dessa feminilidade.

Em primeiro lugar, percebemos que a relação entre mãe e filha não só edifica a feminilidade da menina, revelando a função que o Corpo tem na identidade sexual, como ressalta também a figura materna, que conduz essa construção subjetiva, não apenas em um tempo primitivo, mas por uma constante atualização. Índícios dessa questão aparecem no discurso das entrevistadas pela transmissão de características corporais da mãe à filha e suas conseqüentes implicações psíquicas, delimitando, numa importante medida, as especificidades da dinâmica inconsciente em cada entrevistada. As construções do discurso de Sueli em torno de seu nariz e de Madalena em torno de seus braços – traços corporais herdados de suas mães – bem como, dos cabelos de Ana, ofereceram-nos um importante campo para refletirmos sobre isso, sobretudo, se pensarmos em suas intenções inconscientes de apagar esses traços maternos.

É preciso lembrar, no entanto, que a referência paterna é também importante. Mas, em função da prevalência da figura materna nos discursos das entrevistadas, escolhemos direcionar nossa análise para essa referência – o nosso recorte.

Em relação ao que as mulheres disseram sobre as formas de seu corpo, podemos dizer que o contínuo reajuste entre aquilo que falta e que excede no real do corpo, é vivido simbolicamente como um *cuidar-se que é próprio da mulher*. De toda forma, significou um uso da imagem do corpo para percorrer, inconscientemente os trâmites da castração simbólica. O real do corpo apontando aí para certa inquietação imaginária quanto às questões femininas. Isso porque, a imagem ao mostrar algo, expõe, ao mesmo tempo, sua condição de velamento: uma condição do ser mulher.

Assim, foi por meio dessas mulheres e as metáforas presentes em seus relatos que pensamos nessas questões. Elas nos contaram o que e como fazem para dar conta de suas feminilidades hoje. De modo que, são seus corpos, apresentados como numa comissão de frente, que nos deixam entrever sua condição feminina atual. Suas conformações anatômicas representam, maciçamente, suas demandas femininas.

Nesse sentido, as representações edificadas em torno dessas mesmas conformações anatômicas revelaram um outro importante conteúdo: uma certa satisfação das mulheres entrevistadas com o resultado das cirurgias a que se submeteram.

E ainda que não tenhamos delimitado a temporalidade dessa satisfação, nem nos aprofundado nas motivações e configurações inconscientes traçadas em torno dela, não pudemos deixar de apontar esse aspecto, que, sob certo ponto de vista, representa um contraponto diante das recorrentes demandas por cirurgias plásticas, tão observadas na atualidade e tão enfaticamente reafirmadas. Talvez tenhamos que atenuar tal ênfase.

Assim, as três mulheres entrevistadas nos falaram, cada uma a seu modo e segundo a singularidade de seus discursos, de um certo contentamento com as cirurgias plásticas que fizeram. Isso nos levou a pensar que, ainda que por meio do real do corpo, de alguma maneira, foi possível a constituição de um determinado contorno de efeito simbólico em torno de sua imagem.

Por outro lado, é preciso dizer que essas questões demandam uma análise mais aprofundada, levando-nos a reconhecê-las como outras importantes alternativas de pesquisa. Com isso, queremos instigar novas vias para futuras investigações e dizer que não deixamos de considerar estes aspectos na nossa concisa análise. Apenas, não nos propusemos a analisá-los detidamente neste momento. O tempo e o enfoque da pesquisa nos deram apenas essa alternativa.

Além disso, não inserimos na cadeia associativa dos discursos das mulheres aquilo que pareceu ter se colocado entre a transmissão de traços masculinos e femininos, vinda do discurso materno em direção à filha. Apesar de termos suposto que isso fez um importante traço na dinâmica inconsciente de cada entrevistada. Do mesmo modo, não discorreremos mais a fundo sobre o Édipo feminino, mesmo entendendo que seria um caminho importante na construção da imagem do Corpo e da feminilidade.

Esse não foi, certamente, um trabalho clínico. Mas, segue na intenção de auxiliar nas proposições que circundam os espaços clínicos. O nosso objetivo maior foi justamente, de apreender as condições em que essa imagem é reverenciada – pelas atuais cirurgias plásticas – e assim, poder pensar nesses sujeitos femininos que, de um modo ou de outro, acabam povoando a clínica. Renunciamos à busca *da verdade*; simplesmente por acreditar que a verdade está na maneira como cada mulher se situa no transbordamento de sua feminilidade.

Nesse sentido, a imagem do corpo, que esconde e designa ao mesmo tempo, a condição feminina atual, só nos mostrou o quão multifacetada pode ser a feminilidade e o quanto ainda temos que caminhar, no sentido de pensar sobre ela... Outras vezes. O que essa imagem revelou por ora foi, paradoxalmente, um *re-velamento*: a ênfase com que a mulher se serve do real do corpo no lugar da sua palavra, historicamente tão impedida.

A despeito disso e como quer que tenha sido a mensagem dessa jornada, nos sentimos mais uma vez na posição de lembrar que o feminino não pára de inscrever sob a condição de enigma. Isso nos mostra que é preciso conviver com ela – *A esfinge*: aquilo que não se pode mesmo explicar. Isso porque, o ser mulher se elucida por aquilo que não é; sendo assim, da ordem do eterno mistério, tal como Serge André (1998) nos lembra magistralmente: “A feminilidade se revela como dividida diante da castração: uma mulher se desdobra, mais do que se unifica, sob o significante ‘mulher’.” (p. 222).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?** Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ASSOUN, P.-L. **Metapsicologia freudiana:** uma introdução. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

_____, P.-L. **Cuerpo y síntoma.** Tradução de Horacio Pons. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1998.

_____, P.-L. **Freud e a mulher.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

BASTOS, L. A. de M. **Eu-corpando: o ego e o corpo em Freud.** São Paulo: Editora Escuta, 1998.

CHEMAMA, R. (Org.). **Dicionário de Psicanálise.** Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

COSTA, J. F. **O vestígio e a aura:** corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CONTÉ, C. Metáfora Paterna. In: KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise:** o legado de Freud e Lacan – editado por P. Kaufmann; Tradução de Vera Ribeiro, Maria Luiza X. de A. Borges; consultoria Marco Antônio Coutinho Jorge – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

DEL PRIORE, M. **Corpo a corpo com a mulher:** Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

DOLTO, F. **Imagem inconsciente do corpo**. Tradução de Noemi Moritz Kon e Marise Levy. São Paulo: editora perspectiva, 1984.

_____, F. **Sexualidade Feminina**. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda – 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan: O inconsciente estruturado como linguagem**. Tradução de Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FERNANDES, M. H. **Corpo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FREUD, S. (1923). O Ego e o Id. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIX.

_____, S. (1925). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIX.

_____, S. (1931). Sexualidade feminina. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XXI.

_____, S. (1933). Feminilidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XXII.

FONTES, H. A. F. **Toxina botulínica tipo A – BOTOX**. Disponível em: <http://Copacabanarunners.net/botox.html>; acesso em 02/12/2006.

JERUSALINSKY, A. **Psicanálise e desenvolvimento infantil: um enfoque transdisciplinar**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et alii – 3 ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

JULIEN, P. **A feminilidade velada**: Aliança conjugal e modernidade. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

LACAN, J. O Seminário, livro 1: **Os escritos técnicos de Freud. (1953-1954)**; texto estabelecido por Jacques Alain Miller; versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____, J. O Seminário, livro 5: **As formações do inconsciente. (1957-1958)**; texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____, J. O Seminário, livro 20: **Mais, ainda (1972-1973)**; texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos. (1949)**; Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LAMBOTTE, M.-C. Narcisismo. In: KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**: o legado de Freud e Lacan – editado por P. Kaufmann; Tradução de Vera Ribeiro, Maria Luiza X. de A. Borges; consultoria Marco Antônio Coutinho Jorge – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

MANNONI, M. **Elas não sabem o que dizem**: Virgínia Woolf, as mulheres e a psicanálise. Tradução de Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

MATOS, M. I. S. de. Delineando corpos : As representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890-1930). In : MATOS, M. I. S. de.; SOIHET, R. (orgs.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MIELI, P. **Sobre as manifestações irreversíveis do corpo e outros textos psicanalíticos**. Tradução de Vera Avellar Ribeiro e Ana Vincentini de Azevedo. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, 2002.

MILLOT, C. Feminilidade. In: KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**: o legado de Freud e Lacan – editado por P. Kaufmann; Tradução: Vera Ribeiro, Maria Luiza X. de A. Borges; consultoria Marco Antônio Coutinho Jorge – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

MORAES, V. de. **Nova antologia poética/Vinícius de Moraes**. Seleção e Organização Antônio Cícero, Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MOREL, G. Anatomia Analítica. In: Forbes, J. (Org.). **Psicanálise**: Problemas ao feminino. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

NASIO, J. – D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

_____, J. – D. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

POMMIER, G. **A exceção feminina: os impasses do gozo**. Tradução de Dulce M. P. Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1987.

REZENDE, A. M. de. A investigação em Psicanálise: exegese, hermenêutica e interpretação. In: SILVA, Maria Emília Lino da (Coord.). **Investigação e Psicanálise**. Campinas – SP: Papyrus, 1993.

ROCHA, Z. Feminilidade e castração: seus impasses no discurso freudiano sobre a sexualidade feminina. In: **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**. Ano V, n. 1, mar/2002. pp. (128-151).

ROSENFELD, D. Imagem do corpo. In: MIJOLLA, A. de. **Dicionário Internacional da Psicanálise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005.

ROUDINESCO, E. **A análise e o arquivo**. Tradução de André Telles; revisão técnica Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SANT'ANNA, D. B. de. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

_____, D. B. de. **Corpos de Passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SEGATTO, C.; FRUTUOSO, S. **Beleza brasileira**. In: Revista Época. Nº 440, 23 de outubro de 2006.

SILVA, M. E. L. da. Pensar em Psicanálise. In: SILVA, M. E. Lino da (Coord.). **Investigação e Psicanálise**. Campinas – SP: Papyrus, 1993.

Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica - SBCP. Disponível em: <http://www.cirurgioplastica.org.br/publico/novidades02.cfm>. Acesso em 02/02/2007.

TEIXEIRA, M. do R. **A feminilidade na Psicanálise** e outros ensaios. Salvador: Ágalma, 1991.

ZALCBERG, M. **A relação mãe e filha**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

ANEXOS



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaro, para os devidos fins, que concordo em participar do Projeto de Pesquisa intitulado **O FEMININO NA ESTÉTICA DO CORPO: Uma leitura psicanalítica**, sob a orientação do professor **ZEFERINO DE JESUS BARBOSA ROCHA**, do Departamento de **PSICOLOGIA**, da Universidade Católica de Pernambuco, desenvolvendo as atividades que me competem, pelo período previsto no referido Projeto.

Assinatura

Profº Dr. Zeferino de Jesus Barbosa Rocha

Matrícula: 4077-7

Identidade: 151.889

CPF: 0.952.904.748-7

Fone(s) para contato: (81) 3244-7647

E-mail : zephyrinus@globo.com

Assinatura

Mestranda Karina Carvalho Veras de Souza

Matrícula: 2005600070-7

Identidade: 764.627

CPF: 566.093.294 - 00

Fone(s) para contato: (84) 8802-0408

E-mail : karina_veras@ig.com.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESPONTÂNEO

O FEMININO NA ESTÉTICA DO CORPO: Uma leitura psicanalítica.

Eu, _____, abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do Projeto de Pesquisa supra citado, sob a responsabilidade do pesquisador ZEFERINO DE JESUS BARBOSA ROCHA, professor da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

Assinando este Termo de Consentimento, estou ciente de que:

1. O objetivo da pesquisa é contribuir para o aperfeiçoamento da clínica psicanalítica do feminino, no intuito de melhor compreender algumas características subjetivas da imagem corporal em mulheres que já se submeteram mais de uma vez à cirurgias plásticas em seu corpo.
2. Durante o estudo participarei de entrevista.
3. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.
4. Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa.
5. Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo. Os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados, apenas, para alcançar os objetivos do trabalho exposto acima, incluindo sua publicação na literatura científica especializada.

6. Poderei contatar o Comitê de Ética da UNICAP para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa através do telefone (81)3216-4000, o qual encaminhará o procedimento necessário.

Natal, ____ de _____ de _____.

_____/RG: _____

Voluntário

ENTREVISTAS

QUESTÕES:

- 1) A QUANTAS INTERVENÇÕES CIRÚRGICAS JÁ SE SUBMETEU?
- 2) QUANTOS PROCEDIMENTOS ESTÉTICOS REALIZOU EM CADA UMA DELAS?
- 3) QUAL O INTERVALO DE TEMPO ENTRE ELES?
- 4) PARA VOCÊ, O QUE É O CORPO?
- 5) COMO É O SEU CORPO PARA VOCÊ?
- 6) O QUE É SER MULHER PARA VOCÊ?
- 7) COMO É SER MULHER COM ESTE CORPO?
- 8) EM RELAÇÃO AO SEU CORPO, COMO VOCÊ SE VIA QUANDO MENINA, ENQUANTO ADOLESCENTE, ADULTA E MÃE?
- 9) FALE-ME SOBRE O MOMENTO EM QUE DESEJOU A PRIMEIRA MUDANÇA ESTÉTICA EM SEU CORPO.
- 10) E QUANTO ÀS OUTRAS?
- 11) COMO VOCÊ SE VIA ANTES DAS CIRURGIAS PLÁSTICAS?
- 12) O QUE DESEJAVA DE CADA PROCEDIMENTO CIRÚRGICO?
- 13) E DEPOIS, O QUE PENSOU QUANDO VIU O RESULTADO DE CADA UMA DAS CIRURGIAS?
- 14) COMO VOCÊ FALA AGORA DE SEU CORPO EM RELAÇÃO AO QUE IMAGINAVA ANTES DAS CIRURGIAS?
- 15) COMO SE VÊ ENQUANTO MULHER?

ENTREVISTA Nº. 1

Pesquisadora: *A quantas cirurgias plásticas você já se submeteu?*

Entrevistada: *A primeira foi no meu nariz.*

Meu irmão brincava lá em casa que era a maldição do Faraó. Tinha vindo da minha avó, da minha mãe. Aí tinha nascido eu e um irmão, nós dois, era o nariz de mamãe. Era a maldição do Faraó. Ih, essa menina nasceu logo com a maldi... E eu realmente me sentia mal... Com o meu nariz. E, aí me indicaram C. Depois de muito tempo, aí eu me aposentei, eu sempre trabalhava, trabalhava dois expedientes. Quando eu me aposentei eu disse: agora eu vou cuidar de mim. Vou cuidar da casa, né? Eu passei assim um ano, assim, que eu não sabia nem o que tinha dentro de casa, que eu trabalhava... Eu falo demais! Vai gastar sua fita toda. E eu nunca fui de casa não. Nunca fui chegada assim: CASA! Era assim meu trabalho. Meu trabalho e as minhas duas filhas. A casa se tivesse... Agora eu vou ser dona de casa. Eu dizia assim: Ave Maria eu acho muito lindo quando eu vou no supermercado que eu vejo aquelas mulheres bem arrumadinhas assim empurrando o carrinho, assim bem arrumadinhas, tudo pintadinhas e eu não tenho tempo de cuidar de mim. Agora eu vou ser aquelas mulheres. Mas esse ano eu vou cuidar da casa. E eu fiz a reforma na casa, ajeitei a casa, troquei móveis, agora eu vou cuidar de mim, vou operar esse nariz. Foi uma cirurgia que eu não... Sabe quê você não tem medo? A minha vontade era tão grande que eu queria fazer, eu queria fazer. Quando eu fui a C. e conversando... Suspende aqui um pouquinho, suas pálpebras, não sei quê e eu fui. Eu digo a você que na verdade eu não tinha noção, eu não tinha noção assim... Do que era aquela cirurgia que eu fui fazer.

Pesquisadora: *Não tinha noção como?*

Entrevistada: *Assim, eu até achava que era assim uma cirurgia que eu ia com dez dias, eu ia estar sabe? Mas foi assim muito traumática, a cirurgia. Foi aquela cirurgia que eu fiquei um monstro, sabe? Teve corte aqui, teve corte aqui, cortou aqui (indica os lugares no rosto), o nariz,... Era, era deformada. Eu não tinha, realmente eu não tinha noção que ia ser daquele jeito. Eu fiquei... Não pode se olhar no espelho, não sei*

quanto tempo, mas aí eu disse: eu quero ver, eu quero ver aí C.: Não pode, porque você tá muito... Foi muito traumática, sabe? Agora existem outras técnicas né? Assim quando eu fiz não tinha ainda. Não sei se foi muita intervenção, eu também não sei dizer. O olho era inchado, o nariz inchado, todo o rosto... E assim, eu achei traumática demais depois da cirurgia, mas, aí eu... Aí eu... Eu acho que eu fiquei assim meio... Não sei dizer a palavra assim. Eu até poderia assim ter sido melhor orientada do que iria acontecer... Depois. Eu achei que eu não tinha sido bem orientada. Podia ser... Eu não tinha... Eu fui sem essa consciência que ia ser esse trauma todinho no meu rosto. Eu fiquei assim um monstro. Aí eu... Bem, C. muito atencioso e tudo, mas eu tenho uma médica muito antiga minha que ela brinca comigo diga que eu... Não diga a ninguém que eu sou sua médica porque você não me obedece o que eu falo aí depois você fica dizendo que eu sou sua médica, você vem aqui aí eu digo: faça assim, faça assim aí você não faz que é A. dermatologista, assim, uma excelente dermatologista aqui em Natal. Aí meu Deus como é que vai ser essa recuperação de... De toda essa pele assim tão. Aí eu disse: Vou a A. que eu tenho muita confiança nela. Aí eu fui a A. Aí A. muito ética, muito assim... Aí eu disse: A. eu quero que você me acompanhe, eu quero que você faça todo o meu pós-cirúrgico. Eu tô assim muito preocupada com todo esse trauma que eu... No rosto. Inchada sabe? Mas a minha vontade era tão grande que eu tinha certeza que ia ficar tudo ótimo, sabe? Apesar do pós-cirúrgico imediato foi muito... Pra mim foi muito traumático, foi muito assim assustador. E eu fiquei assim... Porque na verdade eu não tinha... Eu acho que hoje é... Eu faria uma cirurgia plástica com um médico que eu tivesse uma, uma intimidade maior, uma, uma... Sabe? Por exemplo, quando A. diz assim: Eu sei que você vai... Eu já conheço você há muito tempo... Eu não tinha assim com C. Eu fui por indicação, que disseram, que não sei quê... Eu conversei com ele umas três vezes, entendeu? Eu acho que poderia ter assim mais todo um trabalho que eu não tive, mas mesmo assim a minha... Meu problema era esse nariz. Se eu melhorasse desse nariz, se eu melhorasse desse nariz, eu acho que eu, pronto, ia resolver todos os problemas da minha vida, que eu ia me sentir bem, toda vez.

Pesquisadora: Como foi essa sugestão do Cirurgião para fazer a cirurgia do rosto?

Entrevistada: Na consulta mesmo, ele... A sua pálpebra e não sei quê, aí terminou... Aí eu me empolguei, eu não sei. É tanto que realmente precisava, já que você vai fazer nariz, você podia fazer a sua pálpebra... Que aí é uma cirurgia só, né? Daqui a um tempo talvez aí você vai poder fazer a outra cirurgia e eu achei que sim, realmente eu fiz porque eu quis fazer né? E aí eu fiz realmente... É... O resultado assim... Depois de um tempo do tratamento, eu não fiz o pós-operatório com C. Eu disse a ele: C. eu tenho uma médica, assim A. Ah! Eu conheço muito A. e tudo e como ela é dermatologista, tem essa questão de pele né? Ah! Não tem problema, é uma médica sua e... Ele fez só assim: Você tem direito a umas aplicações para desinchar o nariz, isso aí você tem direito e eu fiz lá, mas assim todo é... Pra evitar a cicatriz eu fiz com A. E é... Eu, eu achei que melhorou o nariz e eu até me senti um pouco melhor, mas não era aquele resultado que eu queria. Eu achava que ia ser, eu achava que ia ser, eu achava que ia ser um resultado que não foi.

Pesquisadora: Como assim?

Entrevistada: Não era o como eu esperava, como ele achava que ele tinha dito como ia ficar, que na minha cabeça era de uma forma né... Eu formava que ia ficar daquele jeito, mas não foi do jeito que eu esperava ficar. E aí eu ia, voltava né? Porque você tem que voltar e ele dizia assim: Não mas, é porque o resultado de uma cirurgia plástica é realmente depois de um ano é que você vai ver, depois de seis meses que realmente... Você teve traumatismo, quebrou... E... Depois de um ano não... Não foi o resultado que eu esperava.

Pesquisadora: Como você pode falar desse resultado que não foi esperado?

Entrevistada: Como assim? Eu, eu tinha montado na minha cabeça né, um resultado. Que meu nariz ia ficar daquele jeito e não... Tinha, e eu é... Na minha cabeça eu dizia: Eu vou corrigir novamente porque eu vejo várias pessoas fazerem e dizem que normalmente nariz não fica bom. Mas, eu não vou mais fazer com ele, porque eu acho que se não deu certo uma vez, não vai dar certo e lá em casa ninguém queria mais ver falar em cirurgia porque tinham visto como eu fiquei. Todo mundo lá em casa ficou assustado quando eu cheguei. Meu marido dava todo apoio, meu marido deu todo

apoio, me acompanhou direto. Meu marido é... Eu fui sorteada na loto, porque ele dava todo apoio. Ele dizia: Eu não faria, eu não me submeteria a uma cirurgia onde tem todos os riscos, mas se você quer fazer, eu... Você deve fazer. Aí foi, foi quem ficou no hospital comigo, me acompanhou, deu todo apoio, mas aí eu... Não era esse resultado. Aí todo mundo dizia: Ficou ótimo. Mas, você sabe como é aquele ótimo que não está? Aí eu peguei sentei minhas filhas: me diga uma coisa, a mim vocês não podem... Podem negar. Eu não gostei. Vocês acham que ficou... Não mãe, ficou né? Mas um ficou que eu vi que, além de eu não estar gostando, eu também me preocupo muito com a opinião alheia. Eu também tenho esse defeito. Aí eu vou fazer essa cirurgia. Mas, eu fiquei com medo, não queria fazer outra cirurgia, fiquei com medo. A partir dessa cirurgia, eu não tinha medo de fazer cirurgia, mas a partir dessa eu fiquei. Aí, é... Antes disso eu ainda voltei a C. Não, ainda teve isso! Teve a outra cirurgia que eu ainda fiz com ele, né? Aí ele: Olhe, não! Isso é ainda um ano, isso aí não é assim. E eu ainda fiquei assim na esperança que talvez, né, depois eu tente. Nesse período eu comecei a pensar: Se eu não fizer essa cirurgia agora, eu não vou fazer mais que eu não vou ter mais coragem. Eu tinha assim uma barriga. Barriga que era chamava barriga de avental. Caía assim, sabe? Tinha assim um ano, um ano mais ou menos que eu tinha feito a do nariz. Aí eu disse: C., mas será que dá? Aí ele disse: Dá! Dá! Dá pra tirar. Eu não tinha excesso de mama aqui que desse problema na minha coluna, mas na minha cabeça como era um pouco grande isso aqui ia pendurar. Eu digo: E se eu ficar com uma mama bem pequenininha é muito mais fácil de eu ficar mais tempo sem [...]. Ele disse: eu faço, eu faço aqui e faço aqui. Aí eu ainda disse: E porque você não tira essa gordura que fica aqui, porque você vai tirar aqui. Aí ele disse: Não porque é muito traumático. Aí marquei e fiz a cirurgia com ele. Pouco tempo depois. Ainda na esperança que meu nariz ia ficar... Aí fiz, organizei tudinho escondido lá de casa, porque ninguém podia saber, porque tinha ficado assim: Não, foi muito traumático essa cirurgia, você ficou deformada. Quando eu disse: já está marcada, já tá tudo certo... Você tem coragem? Tenho, já tá marcada. Aí fiz, ficou muito bom, muito bom. A mama ficou uma cicatriz por culpa minha, que eu sou meia elétrica e eu tinha que ficar não sei quanto tempo assim... E eu realmente não consigo. Se não tiver o que fazer eu arranjo assim, [...], eu me mexo. Eu acho que foi... É tanto que eu... Não me incomoda. Primeiro

porque é aqui, é embaixo da mama, a cicatriz. Então, eu acho que não é... Até eu posso ir pra praia, posso [...].

Pesquisadora: Foi uma redução?

Entrevistada: Foi uma redução, foi uma redução. Eu queria que ficasse pequeno porque vai ficar muito mais tempo sem... Sem... Cair. Aí passou, aí eu não fiquei satisfeita com esse nariz. Eu voltar a C.? Já não deu certo com C. E começaram a falar de M. A., é outro cirurgião que tem aqui. É porque você não foi a M A., M.A., M A. faz cirurgia de nariz todos os dias. Então ele já tem a prática. E é? É! M. A. é diferente. Aí eu... Eu... Disseram que se você tiver problema de... Nariz, cartucho né? Aí faz até pelo plano de saúde, você nem paga nada. Aí eu: Ave Maria eu acho que eu tenho problema de cartucho, que eu não respiro bem. Imediatamente eu adoeci de cartucho. Aí fui a um otorrino e o otorrino disse: Olhe, a senhora tem um cartucho enorme. Aí eu disse a ele assim: É... Ai, então eu quero tirar porque o cartucho realmente incomoda, reduz a respiração, não sei quê. Ai vai dar certinho! Na minha cabeça eu faço a cirurgia de cartucho. Aí eu disse a ela: agora eu vou... Eu posso ir a M.A. pra vocês fazerem em conjunto, porque ela fazia também. Eu pensando: ela é otorrino, não é especialista. Eu vou preferir, eu vou falar pra M.A. como cirurgião e você faz a outra parte de otorrino, porque realmente ela é otorrino. Prefiro ter os dois pra mim ter segurança, que um especialista em cada coisa. Aí ela disse: Não, tudo bem. Aí eu fui a M.A. não é? Ah! ele conversou... Aí tá certo, vamos marcar! Marcamos, mas eu fui pra essa cirurgia com medo. E se não der certo de novo? Aí quando eu disse em casa? Que eu disse me casa que ia fazer cartucho, que tava com problema, que tinha que fazer, que não sei quê. Tenho que fazer, tenho que fazer.

Pesquisadora: Quanto tempo depois da primeira?

Entrevistada: Uns dois anos depois. Aí eu fui. Mas aí eu comecei a entrar em pânico, se não desse certo, essa cirurgia do nariz. Que não ia dar certo e eu ia me decepcionar de novo. E lá em casa ninguém sabia. Aí eu não agüentei mais não, aí eu disse: Olhe, na verdade eu vou fazer as duas. Não acredito, você vai fazer de novo a cirurgia do nariz? Não digam mais nada que já está marcada, eu vou fazer. Mas a vontade que eu

tive de fazer a primeira, que eu entrei assim sem o medo, eu não tinha medo, eu ia... Eu acho que a vontade era tão grande, era muito superior assim a todos os riscos. Nada que você dissesse entendeu? Qualquer risco que você dissesse: era o risco cirúrgico, mas nada disso me... Aí essa foi exatamente ao contrário. Era assim, meu medo era que não fosse dar certo e eu me submeter de novo, eu fui pra essa cirurgia em pânico, pra essa cirurgia. Primeiro, porque lá em casa ninguém queria mais que eu fizesse. Eu fui pra essa cirurgia, menina! Eu fiquei com trauma dessa cirurgia! Dessa segunda. Aí eu fui pra cirurgia. Eu fui assim: eu tremia, aí marcou tal hora ela vai, é... A médica otorrino vai fazer a primeira parte e o cirurgião faz a segunda. Era se interna oito horas, sei lá, oito horas da manhã e a cirurgia dez horas vai começar. Eu ia assim em pânico, eu fui assim, eu não tinha condições de ser operada.

Pesquisadora: *Que pânico era esse?*

Entrevistada: *Era o medo, era o medo do resultado. Porque eu já tinha me submetido a essas cirurgias e... Que foram traumáticas, são traumáticas e eu não tinha conseguido o resultado e assim, eu vou me submeter de novo, e se não der certo e eu... E todo mundo acha que eu não devo fazer e eu vou fazer e eu tô assumindo e me deu medo de tudo. Aí eu me internei oito horas da manhã. Deu dez horas a médica não chegou, aí eu comecei a entrar em pânico. Aí eu chamei a moça e disse: olhe minha filha é dez horas da manhã. Estou desde ontem sem me alimentar, é dez horas da manhã. E meu marido lá comigo, calmo... Não, mas a médica ligou dizendo alguma coisa? Ela disse: não, não ligou. Aí eu disse: e eu estou aqui, ninguém me preparou pra cirurgia, nem nada. Aí ela disse: Não, mas eu vou já lhe aprontar pra cirurgia, botar aquela roupa e tudo. Eu tremia né? Da cabeça aos pés. Aí a moça trouxe um roupão. Aí o roupão tinha um buraco, rasgado. Eu disse: minha filha, esse roupão aí já foi usado por um milhão de pessoas, que até um buraco já tem. Eu não vou vestir esse roupão, pelo amor de Deus! Traga um roupão... Aí meu marido muito calmo, muito equilibrado sabe? Eu sou desequilibrada e ele é o equilíbrio. Ele disse: Isso aí é tudo esterilizado e tudo. Não, mais eu não quero porque eu tenho um direito de pegar um roupão decente! Aí a moça foi, já não gostou, a moça, a moça já veio chateada, meia com uma cara... Trouxe o roupão. Deu onze horas, deu doze horas. Chame a moça, venha cá: minha*

filha, é doze horas, eu estou desde ontem sem me alimentar, cadê a médica? Olhe ela não chegou. Pois eu quero falar com a médica. Eu acho que eu pelo menos tenho que ter o respeito de alguém me dar uma posição. Eu liguei pra médica. Aí a médica disse: Ai Dona A. Aí eu disse: doutora, a senhora mandou eu me internar de oito horas. É doze horas. Eu estou aqui, ninguém me deu nenhuma posição e... Aí ela disse: é o seguinte, eu ainda não fui por que... (Eu não sei se eu posso ficar falando o nome dos dois médicos) porque M.A. tá fazendo outra cirurgia. Eu não vou fazer a sua cirurgia e a senhora ficar anestesiada esperando quer ele chegue para a sua. Eu só vou poder ir quando ele for. Quando disser que ele terminou. Aí eu disse: Mas olhe, existe celular, vocês poderiam ter pelo menos o respeito de ter ligado pra mim e dizer. Não, mas tenha calma... Era quase uma hora da tarde quando me levaram pra sala de cirurgia, eu pulando assim na cama. Eu ia assim: Quando eu chegar lá esse médico vai ouvir! Aí meu marido disse: Não, você não tem condições de ser operada. Você não vai. Vai, não vai. Não, eu vou, eu quero ver o que ele vai me dizer! Quando eu vou entrando... Ele é bem brincalhão né? Ele é bem brincalhão e aqui em Natal ele é bem famoso, Em Natal ele é muito conceituado... Quando ele entrou... Era o anestesista. Já tinham dito pra ele que eu estava né? M.A. tá fazendo... Judiou com a senhora... Alguma coisa assim. Aí eu olhei assim: Não, ele não judiou comigo, ele não teve o mínimo respeito. Isso é respeito, não é judiação. Todo paciente tem que ser respeitado, você não pode fazer o que você fez. Foi um silêncio catacumbal assim dentro da sala, cheio de enfermeira, de gente né? Porque uma pessoa dizer isso com M.A. Os clientes têm que ser respeitados. Eu estou desde ontem sem me alimentar, você disse que eu viesse de oito horas. É uma hora da tarde, ninguém me deu uma ligação, nem teve o respeito até agora. Ninguém falou nada! Não era pra eu ter me operado. Aí me levaram. Imediatamente o anestesista veio. Na minha cabeça veio: agora eu vou morrer! Ele vai botar agora veneno na minha veia. As enfermeiras ficaram tão... Que virou a coisa de ferramentas. Eu acho que aquilo foi nervosismo que todo mundo ficou. Bote o braço aqui, bote o braço aqui! Ai meu Deus! Aí fiz a cirurgia... O pós-operatório terrível, terrível. Tive pressão alta. Minha pressão é baixa. Me internei, minha pressão subiu. Eu não consegui com... Ficar vinte e quatro horas... Eu não tinha... Me faltou fôlego... Fui parar no Pronto socorro. Chegou lá o rapaz disse: não, seu problema não é da cirurgia.

A senhora tá com a pressão altíssima! Leva pra o centro cardiológico. Foi todo aquele processo. É tanto que eu... Nem voltei a M.A. nem voltei. Eu não tinha... Eu não tinha condições de voltar porque eu achei que não era pra ele ter me operado. Não tinha condições de ser operada. Ele era pra ter suspenso a cirurgia. Quer dizer, eu tenho assim trauma de cirurgia plástica! Eu não quero mais operar nada! Eu estou achando ótimo! Não quero mais sabe? Às vezes eu olho assim... Ainda não ficou... Não foi nada do que ele disse. Ele disse que ia corrigir, que achava que tinha ficado muito fundo. Ele ia fazer uma correção. Ele não fez nada dessa correção que ele disse. Eu fiquei... Tipo com um problema alérgico, sabe? Com várias reações alérgicas. Eu tive em otorrino. O otorrino olhou. Mês atrás eu fui: doutor faça aí... Eu fiz todos os exames. Aí ele fez todos os exames: Não, sua cirurgia não tem nem um problema. Mas eu tenho um lado do nariz que escorre sabe? Tem uma secreção permanente, permanente, permanente... Mas o otorrino disse que não tem nada var com a cirurgia. Eu acho assim que foi todo um processo, eu acho.

Pesquisadora: *E em relação ao resultado dessa segunda cirurgia? Como foi?*

Entrevistada: *O resultado assim, em relação... Porque todo resultado é relativo. Em relação ao outro que eu tinha feito eu acho que melhorou, um pouco. Pra mim, melhorou, apesar de... Por exemplo, as meninas dizerem: eu não vi diferença nenhuma. Mas eu acho que ficou melhor sabe? Também não era o que ele disse que ia acontecer; que ia repor aqui (aponta para debaixo do nariz). Não, mas assim, eu me acho que ficou melhor, em relação ao que tinha ficado; que era antes. Mas fiquei assim tipo... Seqüela é uma palavra forte, mas... Eu tive agora constantemente, constantemente sabe? De repente eu começo assim espirro, espirro, espirro. Eu vou a um otorrino, nada. Eu vou a um diferente. Não tem assim sabe? Não tem desvio de septo, não tem nada que... Talvez seja um processo alérgico, não sei quê. Mas eu não tinha! Mas fiquei com ele. E assim: cirurgia plástica, nunca mais! (risos).*

Pesquisadora: *Você falou anteriormente sobre as cirurgias serem traumáticas, como é isso?*

Entrevistada: Não, é traumático, é muito traumático, é muito dolorido. É muito, é muito... É... As expectativas que a gente cria, a gente não atinge, entendeu? Eu acho que a gente não é preparado, a gente não... Eu não fui preparada, é... Pra achar que... Que... Que talvez não fosse aquilo que eu tava pensando. Entendeu? Eu fui assim certa que ia ser isso, isso que ia ficar assim, assim. E não era. E depois assim, eu me senti assim: não, mas é porque, três meses, seis meses, vai melhorar. Com um ano, vai melhorar, entendeu? E não foi, não foi. Eu criei uma expectativa e acho que até eu fui alimentada de uma expectativa que não é real. Cirurgia plástica não é assim. Se alguém conversando... Olhe, tenha uma expectativa, mas você sabe que não era sempre assim, né? Eu ainda tive muita sorte porque eu tenho... A minha regeneração é excelente né? Eu tive corte aqui, mas a recuperação no olho, ninguém nota. O meu organismo tem um processo de regeneração muito bom, mas se eu não tivesse eu tinha ficado cheia de cicatrizes grossas, entendeu? E eu não pensava nisso. Eu não tinha assim... Eu acho que eu fui assim sem muita noção. Era a minha vontade, era muito, muito superior a tudo que alguém dissesse. Tudo que alguém dissesse que poderia ficar uma cicatriz grossa, eu tava relevando isso.

Pesquisadora: E que vontade era essa?

Entrevistada: Era de ficar mais bonita. Que eu desde pequena todo mundo lá de casa dizia que o meu nariz era feio, que era feio, que era feio, que todo mundo dizia. E eu me achava, e eu achava. Não era só o fato de dizer. Era também o fato de dizer porque eu sou uma pessoa que me preocupo muito com as opiniões alheias. A opinião alheia me preocupa muito, entendeu? Eu fiz terapia muito tempo, muito tempo. É, eu fiz terapia por que eu não falava e agora eu vou voltar ao meu psicólogo... Ele me fez falar demais agora. Eu não falava, eu era calada, eu não, ninguém sabia se eu estava alegre, se eu estava triste, se eu estava... Porque era tudo família. Ninguém tinha... Ninguém saía, eu não passeava. E o meu psicólogo me botou pra eu falar demais. Agora eu tenho que voltar pra você, me encontrei com ele, você me botou pra eu falar demais. Que agora eu... Não, inclusive eu... Eu disse pra ele: Você me botou pra falar demais... Eu não... É tanto que eu vou ter que me tolher em algumas coisas assim, no sentido de... Se você me disser uma coisa, se eu acho que não é certo eu,

imediatamente eu vou dizer: não, eu acho que não é certo, sabe? E eu acho que nem sempre você pode tá dizendo isso. As pessoas não estão preparadas pra... Se disser assim: eu vou fazer desse jeito. Eu digo: não, mas desse jeito... Não, eu jamais eu diria isso. Eu olhava e... Não, eu não dava opinião. Eu tinha a minha opinião e... Agora eu dou opinião em todo canto. Eu tenho que dar minha opinião em tudo. Não, tá errado! A minha sogra... Aí meu marido: Não, mas você tem que ver que mamãe é uma pessoa velha. Mas ela não tá fazendo certo. Olhe, a senhora não tá fazendo certo. Isso não é forma de dizer. Eu digo: Ai meu Deus, não devo ter falado mais, porque eu sinto as pessoas... Agora eu digo: eu vou voltar a você, você me botou pra falar, eu não falava, agora você me botou pra falar demais.

Pesquisadora: O que é o corpo pra você?

Entrevistada: Corpo? Virgem Maria! Olhe, o corpo é assim: eu fui criada assim, que o fator assim, né? Mamãe foi criada assim, era aquela rigidez, assim, que eu acho que eu nunca tive coragem nem de chegar num espelho e olhar... E olhar o corpo, porque não era coisa [...] de fazer isso, né? De olhar assim, sabe? Era um tabu! Muito tempo, eu fui criada muito rigidamente. Então depois que eu casei, meu casamento foi assim, sabe? O grito de liberdade é... Princesa Isabel quando libertou os escravos! Ai, eu não acredito! Eu posso fazer o que eu não podia fazer. Eu tinha que fazer sempre o que era assim... O que minha mãe dissesse e... Éramos duas filhas. Então eu era a filha boa. Eu tô fazendo uma consulta psicológica com você! Você vai perguntando né?

Pesquisadora: Pode falar o que você quiser falar.

Entrevistada: Eu digo assim: aí, minha outra irmã era a irmã trabalhosa. Eu era a filha boa e como eu era a filha boa eu jamais poderia decepcionar. Eu era a filha que só tirava dez, eu era a filha que passou no primeiro vestibular, eu era a filha... Então eu jamais... Então se eu quisesse ir pra uma festa com esse meu marido que era... Aí eu dizia: Olhe, primeiro eu vou perguntar a ela, se ela disser não eu não vou mais nem... Tu deixa mãe? Não, claro que não! Não, não então não vai. Eu já formada, porque eu me formei, três anos depois é que eu casei, porque aí foi três anos que eu fui me programar que era pra ter tudo, entendeu? Pra mim, pra eu me estruturar e me casar.

Então era todo um tabu. Então o corpo era, virgem Maria! Então Mamãe [...] antes do casamento ela me esfolaria! Jamais! Então o corpo era um tabu pra mim. Depois de um tempo que assim, que eu casei, que eu senti assim... Agora eu posso fazer sem pedir... Eu posso fazer, porque eu passei ainda muito tempo assim, eu era totalmente desleixada com roupa. Eu nunca fui assim preocupada. Então depois de um tempo, depois, já perto de eu me... De eu me aposentar, que eu comecei a pensar no meu corpo, que eu não tô bem, sabe? Ainda hoje, eu acho que eu tô começando.

Pesquisadora: *E não era bem como? Como era esse não tô bem?*

Entrevistada: *Eu comecei a engordar e eu ia... Existe toda uma mídia que começou, né? A cobrar isso. E eu comecei a me sentir gorda e que eu num tava bem. Comecei a ir à dermatologista, que eu não, porque minha pele era muito grossa. Aí comecei... Eu ainda estou num processo inicial de... De cuidar do meu corpo. Dessas cirurgias pra cá. Mas, pra mim o corpo antigamente eu num... Era muito magra também, não tinha... Era assim, era... Era... Não era relevante pra mim, entendeu? Porque, assim pra mim era relevante o que minha mãe me cobrava. Que eu tinha que estudar. Que foi um negócio que foi muito bom, que ela coloc... Que primeiro era estudar, ela não dizia... Eu não quero que você cozinhe, que você arrume. Eu quero que você tenha uma formação. Que naquela época não era nem a formação que as mães davam, normalmente né? Você tem que saber cozinhar, arrumar, mas a minha mãe sempre deu isso: eu não quero que vocês... Então meus anseios não eram os anseios dela. Ela nunca dizia assim: esse negócio de roupa, de sapato. Isso tudo é besteira, você tem que investir em estudar. Então meus anseios assim... Roupa era irrelevante, a vaidade. Nunca ela se preocupava, nem tinha essa preocupação... Não sei se eu respondi assim.*

Pesquisadora: *E como foi isso? Você disse que nunca se preocupou com isso, mas aí isso começou a se tornar relevante? Como foi essa passagem?*

Entrevistada: *(silêncio) Foi... Eu acho que depois que você começa... Depois que eu comecei, aí eu me formei, que você começa a trabalhar, que você começa a viajar... Eu acho que foi um processo nesse sentido, sabe? Eu acho que veio mais de fora pra dentro, do que de dentro pra fora.*

Pesquisadora: Como assim?

Entrevistada: Assim, mais de eu me sentir que eu tinha que, que me apresentar melhor, que, que eu ia pras reuniões, que eu viajava, que eu ia pra não sei pra onde, e eu nunca nem me preocupava em me vestir, em me arrumar e em me maquiar. E aí eu não tinha essa preocupação. Eu assim, senti como se fosse uma cobrança, de fora, mais do que de dentro pra fora, entendeu? E agora eu acho assim, ultimamente eu acho que é porque a velhice vai chegando e a gente vai começando a se sentir meio enrugada, aí realmente hoje eu me preocupo um pouco mais. Mas, que eu acho que a mudança começou mais de fora, de eu me sentir cobrada. Eu não tinha assim... Pra mim tanto eu fazia ta ali de sandália, como tá de camiseta... Eu... Pra mim era eu tá trabalhando e eu ficar até sete oito horas pro que fosse preciso. Aí eu me sentia bem que eu estava doando ali despreocupada, mas aí você começa a participar... Começa a ver que você tá diferente de todos os outros. Na verdade eu acho que foi mais de fora para dentro do que de dentro para fora em mim.

Pesquisadora: Como é o seu corpo para você?

Entrevistada: Você faz umas perguntas tão difíceis.

Pesquisadora: Responda o que vier primeiro na sua cabeça.

Entrevistada: Meu corpo para mim... Como assim, onde você está querendo chegar?

Pesquisadora: O que lhe vem à cabeça sobre o seu corpo? Hoje, o seu corpo para você hoje?

Entrevistada: Hoje eu me sinto bem com o meu corpo. Eu acho que hoje a minha visão é um pouco diferente da época em que eu fiz aquelas cirurgias. Hoje eu me sinto bem. Eu acho que eu ainda podia cuidar assim... Mais do meu físico. Fazer ginástica, cuidar melhor dele... Entendeu? Hoje eu tenho mais preocupação de ter algum problema de doença no meu corpo, não é? Com tanto problema de câncer, dessas coisas. Então, de uma maneira geral eu me sinto bem com meu corpo. Eu perdi peso... Se queria mudar alguma coisa no meu corpo eu não queria. Independentemente assim de dizer você vai

fazer ou não vai fazer, mas se tivesse de fazer eu não queria. Hoje eu me sinto que eu estou bem assim... Mais ou menos bem.

Pesquisadora: O que é ser mulher para você?

Entrevistada: Ah, ser mulher é muito legal. Se alguém dissesse se eu queria nascer homem ou nascer mulher, eu queria nascer mulher novamente. Eu acho que ser mulher é assim... Hoje em dia mulher é uma pessoa que consegue fazer assim... Mil e uma coisas ao mesmo tempo, é... Principalmente o fato de ser mãe, né? Porque eu sou mãe, assim... Daquelas mães... Assim... Mãe, sabe? Trecho incompreensível Eu fico assim olhando para as meninas... Quando vocês se casarem eu vou chorar tanto... Aí eu já começo a chorar, aí choro, sabe? Assim, é lasqueira a mãe é diferente do homem, ela tem muito algo, tem muito mais, assim... Eu acho que é a sensibilidade... Até eu tenho um marido que tem muitas características femininas... Que chora, ele chora... Ele é assim... É engraçado porque ele é bem durão, viu, mas ele chora, ele assiste televisão, fica chorando com as reportagens sabe? E eu acho que é porque a mulher tem uma sensibilidade que eu acho que é muito mais do que o homem e isso supera tudo, essa é sensibilidade que a mulher tem, eu acho que a mulher... Eu queria ser mulher de novo. Queria ser mulher de novo...

Pesquisadora: Como é ser mulher com o seu corpo?

Entrevistada: Ser mulher com esse corpo, eu acho ótimo ser mulher. Eu estou muito satisfeita com o meu corpo. Eu acho muito bom, eu acho muito bom. Eu... Eu tenho ainda... Eu vou ficar velhinha... Daqui a pouco vou morrer querendo mudar algumas coisas minhas. Eu sempre... Eu sempre... Eu... É querendo mudar... Não é fisicamente... Sabe? Hoje, assim... Fisicamente eu... É algumas atitudes, entendeu? As pessoas, Ah... Ficando uma velhinha e eu não mudo, eu tenho às vezes atitudes até infantis, sabe? Mas... É... Eu... Eu não tenho preocupação com o corpo. Minha preocupação é de atitude. Ser mulher é que eu acho maravilhoso, agora minha, minha... Hoje não é... Com atitude. Eu não estou... Eu já fiz, é... Terapia, eu já tomei medicamento. Hoje eu não faço mais terapia, eu não tomo mais medicamento, eu tenho que me amadurecer, eu já estou me aprofundando na religião e tentando... Eu vou

morrer tentando mudar algumas atitudes. Na realidade se você perguntasse... Com corpo não, mas com sua maneira de ser eu tinha muitas coisas que eu gostaria de mudar. Eu não estou satisfeita. Quer dizer, todo dia que eu faço, aí isso não era para mim fazer. Não era serviço, não era para mim fazer. Eu... É... Eu sou explosiva, entendeu? De eu chegar e dizer assim, que a maneira que eu digo... Eu acho que você pode ser sincera, mas você pode ser calada, como você fez e eu contendo, contendo, mas na hora eu... Ahhhh! Aí eu joga firme, isso me faz mal, mas isso não era para mim ter feito assim, eu errei, entendeu? Eu tenho dificuldade de mudar minha posição. Se eu acho que isso aqui é branco, mas você diz que acha que isso aqui é azul, até que você me prove que isso é azul você tem que me provar, mas você tem que me provar bem provado, porque senão eu vou ficar dizendo a você que não é azul, entendeu? Eu tenho dificuldade de aceitar a opinião, mas isso foi uma mudança muito radical que eu fiz. Eu aceitava a opinião de todos. Depois eu ouvia. Então, então, essa é uma atitude de repente... Eu até já fico assim analisando... É como se eu quisesse resgatar todo aquele tempo que todo mundo... Eu aceitei a opinião de todo mundo, agora todos... Que às vezes eu tenho que pensar até isso, sabe? Será que não é agora que todo mundo vai ter que aceitar a minha opinião?

Pesquisadora: *E o que é que você pensa disso?*

Entrevistada: *Isso eu acho horrível.*

Pesquisadora: *Como assim?*

Entrevistada: *Eu acho que é isso e que agora eu luto para mudar, sei lá. Que nem pode ser como era, de aceitar a opinião de todo mundo, nem pode ser de você querer impor a sua opinião e nem aceitar a opinião de todos, não aceitar a opinião do outro. Eu acho que eu tenho que ser meio termo e eu não consigo. Vivo nessa luta, entendeu? Aí eu... Tenho... Mas não era... Eu errei, entendeu? Aí isso me faz mal, aí pronto, fico chateada, fico incomodada. Deus me deu um marido que hoje, sabe? Eu digo, olhe... É a única pessoa, é a Deus e é a ele, que eu tenho coragem de dizer que eu errei, que eu não era para ter feito isso, mas eu não tenho coragem de voltar e dizer a você olhe eu...*

Que vergonha, não era para mim ter dito isso com você, eu fui grosseira, eu acho que eu tenho um pouco de orgulho, sabe? Aí é ele quem ouviu tudinho.

Pesquisadora: *Voltando ao corpo, como era que você se sentia quando menina, como criança?*

Entrevistada: *Olhe é... A minha infância eu quase não sei o que falar. Eu sei falar mais na minha adolescência. Da minha infância eu me lembro de partes. As partes que eu me lembro eu acho eu ser tão boas. Eu me lembro vagamente de partes da minha infância. Partes bem boas, lembro assim... É uma parte bem viva que eu tenho eu me lembro do São João, que meu pai fazia uma fogueira, que todo mundo tinha que estar de roupa nova, é a roupa, era da camisa do meu irmão, era dessas coisas assim que eu me lembro... Era tão raras as coisas que eu me lembro. Eu lembro que minha adolescência foi muito dolorida. Eu me sentia muito mal com meu corpo. O meu rosto, sabe, eu não me sentia bem eu me achava feia, eu me achava muito feia o rosto, o nariz, eu tinha muita espinha, então eu me lembro assim... Só dessa parte da mama que sempre foi muito... E era feio, feinha. Com meu corpo eu me achava feia, me achava feia. Hoje eu não me acho feia não. Acho que até... Que quebro um galho...*

Pesquisadora: *E adulta?*

Entrevistada: *Hoje eu acho que quebro um galho... (pausa)*

Pesquisadora: *E como mãe? Mãe em relação ao seu corpo? Na gravidez?*

Entrevistada: *Virgem Maria, eu fiquei linda, eu fiquei linda, eu era muito magra, aí eu engordei muito, eu me achava linda com umas pernonas, jovem, que eu era bem magrinha, eu me senti muito bem, muito bem. Bonita minha fase e todo mundo dizia que eu estava muito bonita. Quando eu estava grávida eu me sentia muito, me senti muito bem... Só por isso assim... Por exemplo, almejado... Assim, tudo meu é assim, exageradamente planejado, que tem que ser assim... Ah eu tenho uma granja no interior, aí todo ano eu fazia o São João... Eu acabei esse ano porque todo mundo quer fazer, mas eu quero fazer assim: no dia vão ter tantas pessoas trabalhando, então eu quero isso na nota, quem vai trabalhar? Seu José vai ficar olhando os banheiros, Dona*

Ma... Dos homens... Dona Maria vai ficar limpando, eu, eu, eu quero ver que no dia tudo funcione perfeito, porque eu... Fui criada como sendo... Isso é coisa minha mesmo... As meninas dizem: mainha só quer ser psicóloga. Não porque eu fui criada como eu era a filha que não errava, que tudo meu dava certo, então se eu for organizar... Minha filha se formou e eu for fazer um churrasco para ela é assim é todo um planejamento, é toda uma organização que não pode errar, que se diz assim, olhe, acabou o vinagrete... Como é que pode acabar o vinagrete? Como eu planejei que eram tantas pessoas, pois eu comprei a mais para não ter erro? Entendeu? Eu não posso errar, se a pessoa também não tem o direito de errar, entendeu? E... Eu não sei mais nem a pergunta que você disse... Se eu estava melhor?

Pesquisadora: *Eu comecei perguntando sobre como você se sentia na sua gravidez, pode falar à vontade...*

Entrevistada: *Não eu me sentia assim... Eu era maravilhosa, era a própria, era lindíssima como mãe e era... Agora era uma menina como eu queria... Foi uma menina... Eu já tinha um homem, foi tudo assim, muito... Muito planejado, muito esperado, muito organizado, muito... Muito organizado. Até é assim, é... Aí eu me estressava demais né? Que eu só posso ser estressada, uma pessoa que quer que tudo dê certo. Até que um dia eu... Até na terapia eu conversando com o psicólogo eu disse olhe porque assim as coisas demais, eu sou muito dramática né? Eu... Muito dramática, eu sou muito dramática. Ai nunca mais... Ai eu quero resolver as coisas com essa menina... Ai eu tenho que ver as bebidas... Aí eu tenho que ver o buquê, não sei o quê. Aí ele ficou olhando para mim: Você já pensou em dividir com alguém? Eu disse: Porque ninguém vai fazer, porque quando for até... Aí no dia se eu disser faça isso aí não vai dar certo. Mas tente. Tente assim dizer, fulano você vai fazer isso. Tente, pode ser que dê certo. E eu tentei e deu certo, sabe? Aí eu de vez em quando eu me lembro e digo assim: dívida, porque eu acho que como eu sou a pessoa que não pode errar, que não erra, se ficar comigo sempre tudo vai dar certo, entendeu? Mas voltando, eu não me sentia bem na minha adolescência com meu corpo, não era uma pessoa de bem com a vida porque eu não me sentia bem comigo, com meu corpo. Não sei se tem a ver, mas em 1980, espera aí, 1975 eu tive assim, sabe, como um trauma grande,*

setenta e cinco, há mais ou menos trinta anos atrás, eu tinha o que? Cinquenta e dois menos trinta e oito, tinha vinte e três anos, meu pai foi assassinado, é... Ele... Foi assassinado na porta de casa, eu morava assim, nessa outra rua... É muito... Chegou um certo pessoal para morar em frente à nossa casa, que vinha de Campina Grande e quando eles chegaram lá, para morar lá, eles foram lá em casa, que estavam chegando, que estavam sem telefone e se poderiam ficar usando o telefone da gente para se comunicar com os familiares, não se viu problema nenhum então, quando o telefone chegasse alguém ia chamar. Só que eles tinham vindo de Campina Grande que esse senhor tinha matado uma pessoa em Campina Grande, então a pessoa mandou matar ele aqui. E eles usaram o endereço lá de casa, chegava a correspondência era lá para casa, aí dizia: olhe chegou a correspondência aqui errada e aí a gente ia deixar, toda ligação era feita lá para casa, então esse pessoal veio de Campina Grande, ele matou uma pessoa dentro da casa da pessoa e veio se embora para Natal. Aí a esposa do homem que era uma advogada mandou matar ele. Criou o filho e o filho mandou matar. Então veio atrás pelo endereço do telefone, aí matou o meu pai. Aí ele, imediatamente, ele ficou com medo da rua, ele desesperou-se, disse que não era para ele, que não era para o meu pai, que realmente... Aí... Foi todo um trauma. Aí três anos depois vieram e mataram ele. Ele se mudou, saíram da casa, então foi assim um trauma em toda a família, foi uma perturbação geral, enfrentando um processo, é... A gente ainda recebeu uma ligação do pessoal que matou, dizendo fui eu que matei, fui contratado, mas não era ele. Ligaram de Macaíba, não era... Quando saiu o nome e tudo disse não era essa pessoa... Foi para matar o outro, só que como ele usava o endereço e o telefone eles vieram pelo endereço e o telefone, pelo endereço... Foi todo assim... O período irradiou o processo... Eu passei assim quase um mês sem conseguir dormir, aí foi psiquiatra, foi não sei o que, então até hoje eu tenho reflexo, aí eu fui fazer terapia, então tem todo um... Contexto por traz, né? Todo assim... Até por bem dizer que eu acho que tem... Né? Toda uma história por traz disso. Então daí é que desencadeou todo esse processo de depressões, de altas, de baixas e, numa dessas que... Pronto, aí a depressão foi tão forte que dizer assim, qual o motivo? Não tem o motivo específico, né? Eu me lembro que quando... O primeiro, primeiro psicólogo que eu fui eu quis até achar o motivo da minha ansia, não tinha motivo

perdido, eu era muito bem casada, meu marido é maravilhoso, eu tenho dois filhos lindos, estudiosos, eu não sou rica mas tenho todo um equilíbrio financeiro, né? Tenho assim... Não estou dizendo que tenho dinheiro, mas eu tenho um equilíbrio financeiro, eu tenho as minhas contas pagas, então financeiramente é toda uma família equilibrada né? Trabalhei 25 anos na CODERN, me aposentei, não tem, assim... De dizer assim: por quê? Não, simplesmente porque eu... Se você disser assim: ah, eu você diz: se eu repente tiver velhinha eu posso desencadear. Posso assim, não tem nada a ver, que aí é quando... Até o... Foi difícil para mim conviver com isso com a família do meu marido, todo mundo achava que era muita frescura, né? Muita frescura... O que essa mulher quer, essa mulher quer o que mais? Essa mulher tem uma vida, tem um marido, tem as filhas que só tiram notas boas... Sim, que tem muita coisa de mamãe, de querer que estude, não abrir mão, que estude... Eu queria assim... Dificuldades... A minha família entendeu porque minha família passou... Minha família passou pelo trauma que eu passei, então todo mundo ficou com alguma seqüela, então todo mundo entende, sabe? De repente faz: não que a família está numa situação financeira muito boa, não sei o que, não sei o que lá. E de repente vem aqui fazer uma visita boa e quando ele chega lá se abraça, chora, chora, chora, chora... Eu entendo, eu entendo, até, até... Por nada. Mas eu fiquei com muita dificuldade, até hoje eu tenho assim dificuldade com a família dele, eu... E isso me incomoda, tudo me incomoda, porque eu digo assim, como ele é muito bom para mim eu tinha obrigação de me dar muito bem com a família dele, porque ele se dá muito bem com a minha família, porque ele... É muito estresse... Ele só coloca a palavra na hora certa, entendeu? Ele pode até não estar gostando mas ele... E eu, aí... Se vier me dizer besteira eu já solto os cachorros todinhos, aí acham ruim porque o que é que essa mulher quer? Se fosse um marido que fosse logo bem bom (ironizando) para ela, ela acabava com essa frescura. De infecção, de não sei o que, por que está chateada? Porque está triste? Porque não quer sair? Digo: eu não sei. Não me cobra. Ele não me cobra. Mas quem não passou é difícil entender. Eu acho que é muito difícil entender. A pessoa vai olhar assim e dizer, fulano está numa depressão... Mas também está numa situação financeira tão difícil, devendo, não sei o que, não sei o que... Sempre tem alguma coisa assim e associam, aí como é que vão associar? Você está com problemas financeiros? Aí eu digo não, não, de jeito nenhum.

O que é? As meninas? Não, as minhas meninas não dão... Elas já me entendem, né? Elas já entendem. Aí quando eu digo, eu não estou bem, então todo mundo lá em casa já me entendem, me deixem no quarto, eu ligo o ar-condicionado, eu me deito, não fiquem me chamando para comer, ninguém fica me chamando para comer, eu não estou bem, então todo mundo me entende já, já sabem. Aí quando eu estou bem levanto, aí vamos comer, comer, comer, todo mundo já entende, já aprenderam a conviver. Eu também já estava desesperada para saber por que eu estava assim, mas depois com o tempo eu sei que é toda uma história para traz. Pra ele no começo ele ficava assim... Ele muito discreto perguntava assim: você tem algum problema de saúde que eu não possa saber? Ele pensava que eu tinha alguma doença grave. Não! Nada, eu não tô bem. Aí ele aprendeu a conviver! É difícil... É toda uma história pra traz né? É toda uma história que vem, que depois que eu fui entender...

Pesquisadora: *Eu queria agradecer... Eram essas as questões.*

ENTREVISTA Nº 2

Pesquisadora: *Quantas intervenções cirúrgicas você já se submeteu?*

Entrevistada: *Eu fiz a minha primeira cirurgia plástica foi de abdômen, exclusivamente abdômen. Eu tinha um problema de vesícula preguiçosa, eu tinha uns cálculos, aí eu disse, bom já que eu vou tirar esses cálculos eu tiro logo... Liguei as trompas, tirei os cálculos e fiz logo tudo. Então como eu era mais nova, eu tinha quarenta anos, eu fiz exclusivamente o abdômen, não quis fazer mama porque naquela época não tinha necessidade ainda. Quando eu fiz cinqüenta anos eu fiz a mama e meu sonho era tirar esse, esse, esse... Papinho do braço. Está bem recente, fiz há dois meses atrás. V. me garantiu que isso aqui ia sair, essa mancha. Eu acredito que saia, porque já está clareando em parte você já... Então eu acho que... Foram três. Então um foi abdômen, o outro a mama, só suspender a mama, porque eu não tinha a mama grande, fiz com cinqüenta anos e agora com cinqüenta e seis fiz o braço. O lifting de braço, porque a família de minha mãe, toda ela tem o braço bem grosso, então quando eu botava uma roupa a primeira coisa que aparecia era o braço e eu tinha um desgosto imenso do meu braço que era muito grosso. É tanto que todo mundo pensa que eu fiz... Fiz outras coisas, que eu emagreci, que eu... Eu não fiz nada. Fiz só tirar a pelanca aqui do braço, do adeus, né? Então, eu, eu... Para mim foi ótimo, eu achei... Não foi o ideal porque meu marido já tinha morrido, que era um sonho meu. Ele nunca fez questão, ele dizia não isso é besteira, mas eu queria fazer e ele dizia, faça, faça, faça e eu fiz. Não tenho... Os filhos não queriam que eu fizesse, ninguém queria. Eu digo, o braço é meu, a vontade é minha, eu vou fazer, fiz.*

Pesquisadora: *Agora as questões mais subjetivas. O que é o corpo? Diga o que vier à sua cabeça.*

Entrevistada: *Eu acho que o corpo é você se sentir bem e você querer bem a você mesma. Você se aceitar como você é, é importante, por exemplo, eu... Você diz assim: você não está se aceitando porque você está com o braço gordo. Não é... É outro estereotipo de você vestir uma roupa, para começo de conversa, eu pegava uma roupa,*

quando vestia... Dava aqui em baixo, dava na cintura, não dava no braço, era um sufoco, então é mais fácil de você encontrar roupa, não precisa encomendar roupa, mandar fazer uma roupa especial para você, é você viu, olhar, gostou, levou. Eu quero aquela roupa, espera então a roupa dar em você, entendeu? Então o corpo eu acho que é isso, eu gostei, eu acho... Não me incomodo de dizer assim, ah você tem perna fina! Você... É aquilo que lhe incomoda, o que me incomodava era o meu braço então eu tirei um pedacinho do braço, entendeu... E o corpo eu acho que é... Você se sentir bem, estar bem.

Pesquisadora: *E como é esse incômodo?*

Entrevistada: *Esse incômodo? É você botar uma roupa, se olhar no espelho e olhar e... Puxa vida então meu braço é grosso desse jeito, sabe? Veja bem eu não tenho nenhum... O rosto, eu não me incomodo, a pele também não me incomoda, entendeu? O nariz não me incomoda, o cabelo não me incomoda, sabe? É assim, aquele ponto de cada uma. Por exemplo: eu tenho vaidade em fazer minhas unhas toda semana, desde pequenininha toda semana eu faço pé e mão, toda semana eu faço, esteja boa ou não esteja, é o não é, mas eu gosto de fazer, então é assim que me dá vaidade. Batom, você não vai me ver sem batom nunca, eu só tiro batom para dormir, acordo, já estou passando batom, então... Então... É... Não sei definir bem isso, sabe? É como você se ver. Eu para mim, se estiver sem batom eu estou nua. Eu boto um batom para ir para praia, eu boto um batom, sabe... Eu não tenho vaidade assim com outra coisa, mas batom eu acho que compõe meu rosto, entendeu? Eu, eu tenho uma amiga que diz assim... Já é... Uma já é o óculos... Bota o óculos, tira óculos. Não eu botei aquele óculos de manhã, eu boto o dia todo o óculos, mas eu tenho que ficar de batom, sabe? Eu acho que faz parte de mim, quando eu estou sem batom eu não sei, nem operada eu estou de batom. Boto o batom, eu quero o batom, sabe? Então isso, são essas coisas. Às vezes aquilo que não é nada para você e para outra pessoa, né? E é aquilo, você... Eu adoro botar... Agora, eu fiquei um bocado de tempo com complexo, não botava uma roupa sem manga, não botava uma roupa tomara que caia, sabe? Agora eu não estou botando por conta da cicatriz, mas vai ficar boa, né? Mas eu gosto de uma roupa tomara que caia. Eu não tenho mais idade para isso, mas eu gosto de uma roupa*

tomara que caía, eu gosto de botar o meu braço de fora, lógico dentro dos limites da minha idade eu vou colocar. Mas eu... Para mim eu acho... Eu acho ridículo você está com uma roupa, porque eu acho que tudo tem seu lugar, tudo tem... Sabe? Eu não sei se é porque eu fui já educada assim, assim com esses rigores. Você vai para a missa... No meu tempo a gente ia para a missa, tinha que usar um véu... Não podia ir para a missa com manga cavada, não podia ir para a missa com a saia curta, não podia ir para a missa de calça comprida, tinha que ir com uma saia. Hoje em dia já é tudo diferente, hoje em dia você vai sem manga, vai tomara que caia, vai de todo jeito, né?

Pesquisadora: *Como é o seu corpo para você?*

Entrevistada: *Eu não sei dizer não, sabe? Você quer assim... Eu, eu procuro me adaptar a ele e você tem que viver. Não vai ficar... Porque... Não vou querer ser uma Gisele Bündchen, não vou querer ser uma Adriana Galisteu, mas...*

Pesquisadora: *E essas mulheres, por que essas mulheres?*

Entrevistada: *Porque... Não é... Não é um... Estereotipo das mulheres... Do que se fala, do que se faz, não é? Hoje em dia todo mundo... Não é... Eu não fui da geração do culto ao corpo. A geração do culto ao corpo é essa geração de agora que começa com cinco anos as meninas querendo vestir uma roupa mais... Na onda, não sei o quê. No meu tempo não tinha isso, entendeu? Não tinha malhar, não tinha esse culto ao corpo.*

Pesquisadora: *E em relação a esse culto ao corpo, como era naquela época esse culto ao corpo?*

Entrevistada: *Naquela época... Eu brinquei de boneca até os quinze anos, deixei de brincar de boneca comecei a namorar, noivei, casei, num vapt-vupt, entendeu? Então não sei assim dizer a você, eu era muito criança, eu não ligava para isso. Eu só tenho irmão homem, são três irmãos homens, eu andava... Eu jogava bola, soltava pipa, sabe? Eu não sei dizer... (a entrevistada chora). (silêncio)*

Pesquisadora: *Se você preferir continuar a entrevista em outra hora...*

Entrevistada: Não, é que Z. adorava ficar nessa varanda e depois que ele morreu, eu venho muito pouco aqui. E toda vida que eu venho eu choro, mas pode continuar, não tem problema não.

Pesquisadora: O que é ser mulher pra você?

Entrevistada: Ah, eu acho que ser mulher para mim... Se eu disser a você se eu curto ser mulher, porque eu me considero vaidosa, eu gosto de arrumar a casa, eu gosto de enfeitar a casa, eu gosto de me enfeitar, eu gosto de... Eu gosto de sair, eu gosto de programar, de organizar almoço, festas, as festas de... De receber, sabe? Minha casa era muito movimentada, e hoje em dia minha casa não, porque ela também... São dois filhos homens... Então eu gosto assim de... De movimento vamos dizer assim. E curto, sabe? Eu curto, eu curto mesmo. De organizar, de... Eu tô ali agora começando a fazer uma bolsa. Eu faço crochê, eu faço bijuteria, eu gosto de mexer na cozinha, sabe? Não tenho tempo assim... A minha mãe é que é muito ocupada... Eu tava dizendo hoje: menina eu não posso passar hoje seis horas sem ligar o computador, que meu divertimento é aprender a mexer no computador e meu divertimento agora é receber e-mails, mandar e-mails. Hoje de manhã quando eu voltei da caminhada eu liguei meu computador e tinham 19 (dezenove) e-mails, quando eu voltei agora tinham mais 15 (quinze), eu disse: eu tenho que dormir hoje! Eu sou muito curiosa. Eu digo eu só vou dormir hoje depois que terminar de ler esses e-mails todinho... E eu gosto.

Pesquisadora: Como é ser mulher com seu corpo?

Entrevistada: Ser mulher com meu corpo? Toda vida tem sempre algum cuidado, né? É caminhar, é fazer uma ginástica, é sempre usar um creme, que eu detesto usar creme. Dra. V. passou um creme pra mim eu comprei, está ali, eu ainda não usei. O creme para cicatriz ainda está ali, eu não usei ainda, mas vou passar hoje. O cuidado que eu tenho que ter, né? Arrumar o cabelo, tirar uma sobrancelha, essas coisas...

Pesquisadora: E com relação ao seu corpo, como era quando criança?

Entrevistada: Na minha infância eu era bem magrinha, na minha infância eu apanhava para comer, agora eu apanho para não comer (risos...), agora eu não quero comer e sinto muita fome né? Porque as comidas hoje são mais elaboradas, mais incrementadas, em tudo, né? Na apresentação, no sabor, no aroma... Muitas ervas, muitas coisas, né? Você vai aprimorando o paladar e aí quando vê já tá ohhh! Hoje eu caminhei duas vezes o que eu caminhei na sexta, com remorso do que eu comi no domingo. É uma vigilância bem acirrada.

Pesquisadora: E na adolescência, como era a sua relação com o seu corpo?

Entrevistada: Eu nunca fui... Eu nunca fui assim... Era normal, o corpo não tinha... Normal, eu não tinha nem tempo, eu trabalhava, estudava, namorava. Uma vida tão corrida que eu não tinha nem tempo de... De... De olhar, de saber, era diferente, não é como hoje em dia, né? Não se usava aquelas roupas justas, como hoje em dia você tem que... Valoriza mais o corpo hoje. Hoje eu valorizo mais o corpo e tenho mais tempo do que antigamente, até porque eu não tinha tempo. Na adolescência eu não tinha tempo. Depois eu casei muito jovem aí fiquei cuidando de filho, quer dizer, não tinha muito... Mas sempre tive a preocupação... Engravidava, engordava muito, sempre tive de voltar ao meu corpo. Toda vida eu gostei de caminhar, de fazer ginástica, sabe? De ter cintura... Toda vida. Hoje você passa a ser mais exigente, até porque você tá ficando mais velha, né? Passa a ser mais exigente.

Pesquisadora: E como mãe? Como era essa relação com o corpo? Quando estava grávida?

Entrevistada: Eu curti demais a minha gravidez. Eu achava o máximo, meu marido achava o máximo... E vivi... Enchi a minha cabeça de coisa... Ah é a época mais bonita da mulher... E eu era disposta, todo final de semana a gente saía, era uma disposição assim... Imensa e eu mesma curti a minha gravidez demais, demais, demais... Nunca tive esse... Engordava, mas engordava assim... Satisfeita, alegre, sabe? Nunca tive... Agora depois da gravidez eu fazia uma força imensa para voltar, mas nunca deixei de dar de mamar porque ia ficar com o peito feio, porque ia ficar... Nunca, toda vida... Amamenteei seis meses, não me arrependo e nunca tive esse problema não. Minha

mama ficou um pouco... Lógico... Caiu, mas mesmo assim eu só fiz suspender, mas com 50 (cinquenta) anos, né? Também eu já tinha...

Pesquisadora: *Esse momento da primeira cirurgia, você falou que foi do abdômen não foi? Que tempo foi esse, como foi que surgiu essa idéia de fazer a cirurgia?*

Entrevistada: *Foi um bocado de coisas. Primeiro eu estava tendo crises e mais crises de vesícula. Uma atrás da outra, uma atrás da outra, uma atrás da outra... E você sabe, crise de vesícula você tem que fazer um regime de zero de gordura animal, nada de leite, nada de queijo e como eu adoro leite, queijo, para mim era um sacrifício, né? Então eu vivia... Quando eu saía um pouquinho desse regime aí era uma crise de vesícula que não tinha jeito, aí Dr. A. pegou e disse: Não vamos ver se agente opera... Aí a cicatriz era horrível... Eu tinha uma cicatriz da minha adolescência de uma vesícula que eu operei de emergência e ela era enorme essa cicatriz, aí era quase o tamanho da cesárea, então ela era um pouco abaixo da cesárea e tinha a cesárea também. Eu queria ajeitar a cicatriz da cesárea, então para fazer a de vesícula, ela é transversal, então eu disse, já que eu vou fazer a de vesícula eu aproveito e ajeito essa outra cicatriz e tiro a cicatriz e a pele. Então foi o útil ao agradável, liguei as trompas, fiz a cirurgia de vesícula e ajeitei a cicatriz.*

Pesquisadora: *Mas porque a barriga?*

Entrevistada: *Porque a minha barriga já tava dobrando. Ela tava dobrando, sabe? Por isso. Pra mim era um incômodo pra comprar roupa, pra me vestir, pra vestir uma calça comprida é meio... Incômodo.*

Pesquisadora: *E as outras? Em que momento foi esse desejo de fazer a cirurgia da mama?*

Entrevistada: *O da mama? Ah porque eu acho lindo uma mama bem arrumadinha e a minha já estava ficando desarrumada. E coincidiu também dos meus 50 (cinquenta) anos aí eu disse: ah vai ser o meu presente de 50 anos e... Aí aconteceu. O meu marido disse: Por mim está bem, mas você quer fazer, então faça, dou todo apoio... E eu fiz.*

Pesquisadora: *Falando sobre os resultados. Como é que foi esse depois de cada cirurgia?*

Entrevistada: *A que me incomodou mais foi a do braço. Não porque eu já fiz numa fase que meus filhos já estavam adolescentes, eu já estava sem trabalho, né? Já tava... Adolescentes... C.A. já tinha 20 (vinte) anos e M.W. já tinha 17 anos, quer dizer, já não era mais esses trabalhos, não eram mais dependentes de mim... A de mama também... A de mama eu já era avó...*

Pesquisadora: *O que eu pergunto é o seguinte: quando uma pessoa idealiza um depois, toda uma expectativa em relação a um resultado daquela cirurgia...*

Entrevistada: *Não! Graças a Deus correspondeu à expectativa, a cicatriz desse braço eu refiz a cicatriz, eu fiquei muito chateada, eu fui lá, eu disse eu não estou satisfeita com a cicatriz, eu não estou satisfeita... Porque ela ficou, a cicatriz, bem grosseira, aí eu refiz a cicatriz, eu sou exigente, sabe? Eu refiz e eu sou aquela pessoa que tudo está bom, então eu não tive o devido repouso no braço, porque na de abdômen eu tive aquele repouso, que foi uma cirurgia maior, porque mexeu lá dentro, né? Mexeu na vesícula, então eu tive um repouso bom. Tinha a minha mãe viva pra cuidar de mim, ela se mudou lá pra casa pra cuidar de mim e na de mama J.C. botou uma enfermeira pra passar um mês tomando conta de mim. Eu não penteava o cabelo, não escovava os dentes, tudo era a enfermeira, um mês a enfermeira ficou comigo. E essa do braço não, eu não tava sentindo dor e estava fazendo tudo e era tudo prá, prá, prá, prá, quando eu vi a cicatriz ficou feia.*

Pesquisadora: *Como ficou cada cirurgia?*

Entrevistada: *Não, pra mim ficou satisfatório, ficou como eu imaginava, minha mama ficou perfeita, minha barriga até hoje eu tô seca de barriga, olhe... A do braço que estava feia eu refiz...*

Pesquisadora: *E agora, o seu corpo hoje, o que você fala do seu corpo hoje?*

Entrevistada: *Minha meta era vestir manequim 44 (quarenta e quatro), então eu atingi o meu objetivo... Qualquer 44 dá em mim, eu não queria saber eu queria entrar no 44, pronto, entrei, é o meu objetivo... Agora se eu estou com o braço mais grosso, mais fino, a perna mais grossa, mais fina, não, eu estou satisfeita, sabe? Era meu objetivo...*

Pesquisadora: *Essas eram as perguntas, agora se você quiser falar mais alguma coisa em relação às pessoas que recorrem a várias cirurgias plásticas, buscando, refazendo, sempre se submetendo...*

Entrevistada: *Não eu acho que isso aí é você estar insatisfeita com você, com o mundo... Porque eu não estou assim insatisfeita, sabe? Você procura um corte de cabelo diferente, procura... Sempre tem uma coisa mais atualizada... Tudo em excesso é ruim. Então se você procura... Tá na moda uma roupa assim... E procura... Não é usar aquilo que está na moda, mas se o vermelho tá... A cor vermelha, a cor laranja, a cor amarela, tudo tem o seu tempo e tudo tem a hora de usar, não é verdade? A mesma coisa o cabelo, o cabelo, tá na moda o cabelo estirado, tá na moda o cabelo ondulado, tá na moda o cabelo... Entendeu? Eu acho assim... Você tem que ficar na média até para não ser ridículo também...*

Pesquisadora: *E o corpo nessa questão da moda?*

Entrevistada: *Entra na moda, porque eu vou dizer uma coisa, eu não tenho coragem, possa ser que eu vá fazer mais adiante, mas eu não tenho coragem de mexer no meu rosto, porque eu acho que aquilo faz parte da... É uma marca sua, né? A sua fisionomia, a sua... Eu não tenho coragem... Meus filhos, todos dois são médicos, né? E eles ficam em pânico quando eu digo: vou fazer uma plástica. Eles ficam loucos. Mamãe, pelo amor de Deus, não invente isso não... Mas a mulher de vocês é bem novinha e fez, então é o negócio da atualidade...*

Pesquisadora: *E se você fosse fazer no seu rosto, seria como?*

Entrevistada: *Se eu fosse fazer no meu rosto? Ainda não pensei não... Mas é sempre isso... Por exemplo, eu tô com 56 (cinquenta e seis anos)... Mas eu botei um aparelho ortodôntico eu tinha 15 (quinze) anos... Foi quando eu me mudei para Natal. Eu morava*

no Rio, o meu pai faleceu e eu vim para Natal, então lá no Rio eu usava um aparelho ortodôntico. Aqui em Natal não tinha quem colocasse o aparelho ortodôntico, então eu tirei o aparelho ortodôntico. Ninguém conhecia aparelho ortodôntico aqui, todo mundo olhava para mim... Eu parecia aquele monstro... Todo mundo olhava... Uma coisa diferente... Então eu me achei altamente esquisita, fui a um dentista amigo nosso aí disse: tire o aparelho que eu não quero mais esse aparelho, aí tirei o aparelho. Quando eu me casei, aí tive um problema de dente, de articulação da mandíbula, travou e eu fui ao dentista, o dentista chegou e disse, olhe você está com um problema, você está com sisos inclusos, você tem que tirar os sisos e está dando um ATM, é uma tensão artro mandíbula não sei o que lá... Aí então eu tive que tirar esses sisos e surgiu a oportunidade de botar o aparelho de novo, quer dizer eu já casada, mãe. Botei aparelho de novo, quando já estava com aparelho, ah fiquei impaciente, usava aparelho eu e meu filho, ah vou tirar esse aparelho, putufo tirei o aparelho, não foi o tempo suficiente, eu não tinha um canino inferior, ele não nasceu, ele era atravessado, então desordenou minha dentição inferior toda, aí lá fiquei com a mordida errada de novo, por conta dessa mordida errada eu estava comendo os dentes, debastando os dentes, aí o dentista disse: tem que botar o aparelho de novo. Lá botei o aparelho de novo, já avó, eu tive três estágios, botei o aparelho de novo e hoje ainda continuo com os dentes amarrados por dentro, porque ele disse a gente vai botar uma contensão interna, já que você não usa o móvel, a gente vai ter que botar uma contensão interna, então estou eu, avó...

Pesquisadora: *Mas como é avó, usar um aparelho?*

Entrevistada: *Mas é isso, eu estava com um problema de travar a articulação, pronto, então eu botei e... Mas espero que daqui há um ano eu tiro. (pausa)*

Pesquisadora: *Bom, como o meu trabalho é sobre a imagem corporal as perguntas são feitas em torno dessas questões...*

Entrevistada: *Eu acho que você tem a obrigação de... Esteticamente, se você acha que aquilo lhe agride, você tem que... O homem é engraçado, quer dizer nós, somos mutantes, né? A gente sempre tá vendo a vida de um outro jeito, os valores mudam,*

né? Então eu acho que agora estou com mais tempo de me olhar e tô vendo mais defeito...

Pesquisadora: *Como assim, mais tempo de se olhar?*

Entrevistada: *Eu sou sozinha, né? Aí você vai... Ih meu cabelo hoje tá feio. Espere aí, vou ajeitar... Ih espere aí vou ajeitar a sobancelha, vou ajeitar, entendeu? Você tem mais tempo disponível... A cobrança é grande, na sua apresentação, no seu visual, hoje em dia até as crianças, quando você vê uma criança escolher uma roupa, a criança hoje ela vai calçar um sapato, aí tem que combinar com isso, tem que combinar com aquilo, são esses valores que está se dando, é o consumo. Porque começa com a criança... Hoje em dia você vai lavar a cabeça da criança tem que ter um xampu, tem que ter um creme, não sei se é porque eu só tive filho homem, não tinha essas frescuras, mas hoje em dia não tem isso? Se você procurar hoje a quantidade de xampu infantil é imensa, antigamente só existia o chega de choro, hoje em dia tem o do Snoopy, o da Mônica, é o da... Uma infinidade, antigamente, todo mundo fazia aquela sacolinha da Jonhson e Jonhson, tudo da Jonhson e Jonhson, hoje em dia não é um leque de produtos, é o consumismo, né? Você vê hoje, a criança, eu tenho uma neta de 5 (cinco) anos, eu com de 5 (cinco) anos de idade, quem diria que eu iria pegar num batom? E na bolsinha dela tem um batom, quer dizer é isso ela vê a mãe gostar de batom, eu gostar de batom, eu mesmo compro batom pra ela, então já começa o estímulo daí, esmalte, batom... Eu antigamente achava isso tão esquisito, agora já estou me acostumando... As coisas estão mudadas... A minha mãe, quando eu era mocinha comprava sapato com um número a menos do que eu calçava. Aquilo doía tanto meu pé! Mas, eu tinha que usar. Passei minha vida todinha usando um sapato menor do que meu pé, porque minha dizia que mulher não podia ter um pé grande daquele jeito como o meu, que 37 era muito grande. Eu me lembro que no meu casamento o sapato apertava demais meu pé, meus dedos eram tudo encolhido. Mas, depois que eu casei, aí eu passei a comprar sandália bem folgada. Só uso assim ó! (mostra os pés). Não suporto nada me apertando, não quero nada apertando meus pés. Hoje eu compro um número a mais que meu pé. Toda vida quando vou comprar uma sandália, peço um número a mais. Eu quero que fique sobrando aqui ó! Era horrível!!*

(OBS): Neste ponto da gravação, houve um problema técnico. A gravação foi interrompida por um breve tempo sem que esse fato fosse percebido. Depois de um breve tempo, a gravação foi retomada..

... Eu fiz Lifting de braço. O meu braço parecia uma coxinha de peru. Eu tirei esse pedaço aqui, um triângulo. E minha neta me cobrava isso demais, ela ficava assim: vovó, vovó... Eu tinha ódio, eu tinha ódio (risos). Eu ficava assim: M. eu ainda vou tirar um pedaço do meu braço para você não ficar... Pra você ver, os homens estão fazendo cirurgia de pálpebras adoidado. Eu acho válido. Meu tio tem 74 anos e eu botei uma câmara no meu computador. Ele mora no Rio. E eu disse: quando é que você vai botar sua câmara? Não vou botar minha câmara porque minha cabeça tá toda branca, pra você não me vê de cabeça branca. Se você não tá se aceitando de cabelo branco, pinte o cabelo! Mulher não pinta o cabelo? Eu comecei a pintar agora. Eu só tinha um cabelo aqui, mas... Não pinta, não é? Então, se você não tá se aceitando de cabelo branco, pinte o cabelo. Tem uma quantidade imensa de homem pintando a sobancelha, você acredita?... É isso.

Pesquisadora: Bem, eu queria agradecer pela atenção em participar da entrevista.

Entrevistada: Se precisar de mais alguma coisa, pode ligar, não tem problema nenhum!

Pesquisadora: Obrigada.

ENTREVISTA Nº 3.

Pesquisadora: *Você já se submeteu a quantas intervenções cirúrgicas? Assim, por vez?*

Entrevistada: *A primeira eu fiz colocação de silicone. Aí na segunda eu fiz colocação de silicone...*

Pesquisadora: *Outra vez?*

Entrevistada: *É, eu tirei o silicone que o... Segundo o médico achou que tava meio grande pra mim aí eu mudei. Diminuí. Ficou muito pesado e pesou a mama. Não ficou legal como era para ficar. Aí nessa segunda eu fiz uma uma lipo, que não foi nem uma lipo pra mim. Foi uma lipo light porque eu tirei 800 ml de gordura e sangue, então... Deve ter tirado o que? Uns 500 500 de gordura. E agora a terceira que eu fiz em setembro do ano passado aí eu tirei 2 litros de gordura, abdômen e costas, e refiz uma cicatriz que eu tinha de quelóide na mama.*

Pesquisadora: *Da primeira ou da segunda?*

Entrevistada: *Da segunda. Da segunda.*

Pesquisadora: *E a lipo que você fez da segunda foi no mesmo local?*

Entrevistada: *Foi... Foi não, porque a primeira lipo que eu fiz eu nem conto, eu sofri muito, não tirou nada, absolutamente nada. Nada, nada, nada.*

Pesquisadora: *Foi no abdômen?*

Entrevistada: *Foi no abdômen, só no abdômen, não... Teve as costas também, mas muito pouco, quase imperceptível, tive até raiva porque eu sofri muito. Dessa terceira não, eu sofri menos e tirou mais gordura.*

Pesquisadora: *E aí você já respondeu quantos procedimentos foram em cada uma. Então na primeira foi só silicone.*

Entrevistada: *Só, na segunda a lipo.*

Pesquisadora: *Que você diz que não conta, mas, enfim...*

Entrevistada: *É, a segunda foi silicone mais a... A lipo... Lipo light que eu falei lipo light, lightíssima né? E a terceira foi... Setembro, foi a coloca... Foi lipo, nas costas e no abdômem e mais cicatrização que eu mudei a cicatrização e fiz (incompreensível)*

Pesquisadora: *Você fez...*

Entrevistada: *Mudar, trocar, assim... Tirar o quelóide na mama, entendeu? Tava coçando muito, acho... Eu fui fazer a lipo por conta desse quelóide. Tava me incomodando... Era um dedo assim... Debaixo do meu... Da minha mama direita.*

Pesquisadora: *E qual o tempo de intervalo entre as três, as três cirurgias? A primeira foi quando?*

Entrevistada: *A primeira não... Essa outra foi em 2005. A outra 2000 e 99. Foi assim: fiz uma, aí... Logo a seguir eu troquei...*

Pesquisadora: *Essas são as perguntas que dizem respeito aos procedimentos cirúrgicos. Agora são questões mais pessoais ok?*

Entrevistada: *Certo.*

Pesquisadora: *O que é o corpo para você? O que vier na sua cabeça. O que surgir você pode falar.*

Entrevistada: *Certo... Eu me vejo... Não...(pausa).*

Pesquisadora: *É o que vier na sua cabeça.*

Entrevistada: *Eu curto muito o meu corpo. Assim... Eu, eu... Eu acho que... Eu gosto de me arrumar, eu sou super vaidosa, então pra mim o corpo tem um papel assim fundamental, tá entendendo? Assim, eu gosto de me arrumar, eu gosto de tá bem comigo, eu faço essas cirurgias porque eu gosto de estar bem comigo eu sempre... Desde solteira que eu gosto... Assim eu sempre malhei, eu casei muito cedo, eu casei*

com dezessete anos, eu tive três filhos rápido e eu nunca tive assim problema de engordar, de, de... Eu sempre tive um... Assim um corpo bonzinho, não é que... E eu sempre... Eu gosto do meu corpo, sabe? Eu curto meu corpo, eu curto me arrumar, eu faço porque eu gosto, eu gosto, eu acho que meu corpo é... É tudo. Eu gosto do meu corpo.

Pesquisadora: *E assim, tudo como? Você pode falar desse tudo?*

Entrevistada: *Primeiro que eu penso assim... Muita coisa que eu faço, assim, por exemplo, malhar, eu cuido do corpo pensando também na minha saúde, tá entendendo? Assim, não como aspecto físico, mas a parte de saúde também eu gosto, até pela minha profissão, sabe? Eu gosto, depois que você entra na área médica, assim entre parênteses, que você estuda anatomia, que você vê doença, essas... Eu acho que eu... Eu acho que eu comecei a me cuidar mais até... Depois da... Da... Que eu vi a parte médica, tá entendendo? Assim, a parte de patologias, não sei explicar. Essa parte... Parte física, né? Parte física... E eu gosto tanto dessa parte corporal que eu já fiz o curso de RPG, que é Reeducação Postural Global, que eu fiz com Felipe Gustavo, e agora eu estou fazendo Pilates. Aqui na Clínica eu montei o Pilates. Eu gosto dessa parte do corpo. De ver todo mundo bem, com saúde, o corpo arrumadinho, eu gosto dessa parte. Principalmente, assim, quando você associa o corpo à saúde, tá entendendo? O Pilates é muito bom.*

Pesquisadora: *O que é ser mulher para você?*

Entrevistada: *Eu acho que mulher, você... É coisa bem fraquinho, você ser feminina, você se arrumar, você... Lá em casa eu... Eu tenho três filhos, sou mãe, sou mulher, aqui eu sou empresária, eu sou fisioterapeuta, eu, eu, eu curto ser mulher também. Eu gosto.*

Pesquisadora: *Você falou desses vários papéis, várias funções...*

Entrevistada: *Da mulher. Exato.*

Pesquisadora: Para você ser mulher, como seria então desempenhando todos esses papéis em lugares diferentes?

Entrevistada: Como? Como assim?

Pesquisadora: Eu perguntei a você como é ser mulher e você falou de uma mulher que tem vários papéis, vários papéis diferentes. Ou seja, vários lugares diferentes...

Entrevistada: E você quer mulher como? Uma mulher como...

Pesquisadora: Que você falasse mais sobre isso, sobre essa mulher que tem vários espaços ao mesmo tempo...

Entrevistada: Eu acho que... A mulher hoje, eu acho que... Antigamente não, mas hoje ela, ela ocupa vários espaços e essa mulher, aquela mulher passada, dona de casa eu tenho verdadeiro horror, sabe eu acho que a mulher hoje tem que agitar, se arrumar, se produzir, sair, badalar, passear, então eu acho que... Eu tiro assim por mim, o que eu faço, eu venho pra a clínica, gosto de, de... De trabalhar, até assim, eu, eu, meu marido tem uma condição de vida razoável que, se eu não quisesse trabalhar, eu não trabalharia, mas não, eu acho que a mulher tem que ir à luta, tem que vencer. Eu casei eu tinha dezessete anos, eu entrei na faculdade eu tinha trinta, trinta anos, trinta, não trinta e dois anos, aí eu... Na minha turma tinha todos os tipos de idade, tanto de dezoito, até cinqüenta e quatro, nós éramos, a minha turma, nós éramos do meio, mais ou menos do meio, nós tínhamos trinta e poucos anos, né? E assim, eu nunca quis ficar à sombra de ninguém, de ninguém, tá entendendo? Eu sempre quis é... Ter um papel. É, ser profissional, porque eu já era mãe, eu já sabia, eu já era mãe, eu já trabalhava, não como profissional, eu trabalhava no hospital com meu marido. Dona de casa, você casa, você assume né a... Então assim... Pra mim faltava, como mulher, essa parte da profissão, tá entendendo? Aí agora eu acho que tô altamente satisfeita com tudo que me rodeia. Como mulher, assim... Mulher em todas as partes, de esposa, de mãe, de empresária, de profissional eu me realizo, tá entendendo? Hoje eu tô totalmente realizada, graças a Deus.

Pesquisadora: Com relação ao seu corpo, vamos começar da infância. Como era que você se via quando você era menina?

Entrevistada: Eu me achava horrorosa, pelas fotos hoje... Não, eu tinha, assim, pequeninha eu me achava feinha. Agora eu com... Eu quando, eu acho que eu com dezoito anos, não, com quatorze, doze, treze anos eu sempre tive o corpo que eu tenho sabe? Coxa grossa, bumbum, eu sempre... Eu sempre tive esse corpo e o meu corpo quando eu era solteira ele era realmente muito bonito, eu acho que por isso que eu fiz cirurgias plásticas até para não perder o que eu tinha. Eu lembro teve um pessoal de fora que me viram de biquíni uma vez, eu me as... Eu tinha quinze anos e eu me assombrei porque eles foram atrás de uma tia minha, eu tava com a minha tia e veio carta, veio tudo pra tirar umas fotos minhas. Menina eu fiquei assombrada, minha mãe ficou louca, pelo corpo que eu tinha, tá entendendo? Eu tinha um corpo legal.

Pesquisadora: Isso você era adolescente?

Entrevistada: Era.

Pesquisadora: E por que no passado o tinha, como é isso?

Entrevistada: Não, hoje eu ainda tenho um corpo bom, mas eu digo assim, eu acho que essa seqüência minha de... De, de, plástica também, talvez tenha sido pra não perder o que eu tinha, assim, um corpo bom, porque depois que você... Você engravida, você pode perder o peito, a mama cai, você fica com abdômen... Mais é... Mais volumoso, entendeu? E eu nunca quis isso. Eu sempre quis ficar com o corpo que eu... Que eu tinha, tá entendendo?

Pesquisadora: Você disse que quando era criança você se achava feia, como assim?

Entrevistada: O rosto. Eu não gostava do meu rosto quando eu era criança.

Pesquisadora: Como era isso?

Entrevistada: Era gordinha. Eu era gordinha. Eu pequeninha, eu era gordinha. Depois de adolescente é que eu fiquei com o corpo bom, entendeu? Mas eu pequeninha eu vendo minhas fotos eu era bochechuda, gorda, cabelo curto, tanto é

que hoje eu tenho cabelo longo, minhas filhas têm cabelo longo, porque minha mãe tosava meu cabelo, eu tinha ódio porque na época do... Do colégio, eu tinha que ser sempre o homem da quadilha, porque na época eu estudava no Auxiliadora... O Auxiliadora na minha época só era de... Só tinha mulher, entendeu? Tanto é que, quando eu cresci, um pouquinho assim, que eu pude ter cabelo, eu sempre tive cabelo grande, acho que é trauma e as minhas duas filhas hoje têm cabelo na cintura. Eu acho lindo cabelo grande. Ela nunca deixou, era tosado, eu tinha horror, você não sabe como eu tinha horror... Tosado mesmo, sabe como é cabelo de homem? Tosado, sempre... Minha mãe era bem rígida, bem radical, não tinha que ter cabelo pequeno. Eu e An... Eu e ela. Não sei, não sei se era porque dava trabalho... Sei que eu e Andréia nós éramos duas peladas. O tempo todo.

Pesquisadora: *E depois da Adolescência. Como adulta, como é que você fala disso hoje?*

Entrevistada: *Eu gosto do meu corpo. Acho que eu tenho um corpo muito legal porque eu tenho quarenta e três anos e me cuido muito pra ter o corpo que eu tenho, tá entendendo? Eu faço... Eu faço musculação, eu faço aula de Pilates... Você tá falando corpo, corpo físico, não é isso?*

Pesquisadora: *A forma que você quiser falar.*

Entrevistada: *Eu vou falar do corpo físico.*

Pesquisadora: *O que eu perguntar e o que você responder... Aqui não tem certo, nem errado não, é a forma como você responder.*

Entrevistada: *Certo.*

Pesquisadora: *E esse corpo enquanto mãe?*

Entrevistada: *Minha gravidez foi super tranqüila, eu... Eu não engordava muito, tanto é que quando eu terminava a minha gravidez eu... Se eu quisesse usar calça jeans eu usava, eu não engordava, eu não ficava balofa, eu voltava, eu tinha sempre tive facilidade de ter um corpo, de voltar ao corpo depois das... Das minhas três cesárias.*

Pesquisadora: *Três cesáreas?*

Entrevistada: *Três cesáreas.*

Pesquisadora: *Mas assim, e durante a gravidez?*

Entrevistada: *Eu curtia muito. Eu achava, eu acho ainda hoje eu acho a mulher grávida bela. Acho lindo, acho a mulher grávida linda, linda, linda. Eu gostava de tá grávida, sabe? Eu gostava e era uma gravidez atrás da outra. Eu até escondia.*

Pesquisadora: *Escondia como?*

Entrevistada: *Escondia que tava grávida. Só dizia quando a minha barriga... Porque era uma gravidez atrás da outra, entendeu? Aí eu perdi um. O terceiro eu perdi. Aí da... Da terceira gravidez que eu perdi pra a quarta filha que nasceu, são quatro anos de diferença. Aí depois que eu abortei eu fiquei com medo de engravidar, mas a diferença da primeira pra o segundo é um ano e três me... Um ano e quatro meses e da terceiro... Do segundo pra o terceiro que eu perdi seria um ano e dois meses. Então eu fiquei grávida três vezes consecutivas. Era nascendo e pouco tempo depois com... Meus bebês de meses eu engravidava.*

Pesquisadora: *Agora eu queria que você relatasse do primeiro momento em que você desejou fazer a primeira cirurgia.*

Entrevistada: *Foi uma loucura, que eu até me arrependo porque foi um médico que veio do Rio Grande do Sul pra operar no hospital do meu marido e ele começou... Passou dois dias lá no Médico Cirúrgico é... Fazendo cirurgias e eu via as próteses. Assim, aí ele incentivou. Tá entendendo? Meu marido tava operando, que é médico também, não sabia de nada. Eu acho que eu não tive, assim... Foi coisa de supetão... Eu não tive mais informação, sabe? E não ficou boa a cirurgia, não ficou boa. A segunda não, foi altamente pensada, planejada, estudada...*

Pesquisadora: *Mas nessa primeira, como é que foi? Por que a mama?*

Entrevistada: *Porque tava caída e ele prometeu que se colocasse a prótese ela ficaria no lugar, entendeu? Foi só isso. Foi por conta da... Disso. Era uma mama caída e eu me empolguei porque eu vi muita prótese de mama. Ah vamos lá no Centro Cirúrgico. Eu subi e via lá as próteses... Era assim, uma atrás da outra e eu me empolguei de colocar a prótese, mas não deu certo, porque pesou mais a mama, tá entendendo? Porque foi só a colocação da mama e pesou mais e não deu certo. A segunda não, o médico viu... Viu que não tinha dado certo e a primeira meu marido foi super, ultra, contra. Como é que você nem conhece o médico, o médico vem, você nem... Nem sabe... Nem estudou... E foi uma coisa assim, o cara veio operar e não sabia, foi uma... Foi uma pessoa que foi lá no hospital falar com ele pra esse cara ficar operando lá no hospital e pronto. Ele não conhecia o médico, não conhecia o médico, agora... Aí eu me arrependo demais, porque eu acho que o médico hoje você tem que ter afinidade, tá entendendo? O segundo médico eu tive muita afinidade. Só não deu mais certo porque ele me operou, foi embora. A pessoa que me operou. Ele é daqui mais ele sai. Vai para outras cidades. Ele não fica só aqui em Natal.*

Pesquisadora: *E como é que foi esse momento da segunda cirurgia, já que ela foi planejada? Por que você decidiu fazer a segunda cirurgia?*

Entrevistada: *Porque a mama ficou caída. Não adiantou absolutamente nada. Ficou até pior porque ficou pesada, entendeu? Não ficou legal. Aí essa segunda não. Eu... Aí eu vi... Conversei com meu marido... Conversei com ele... Não, então vamos operar, agente foi. Fomos juntos ao consultório. Aliás, foi uma médica que me operou, não foi um médico, da segunda foi uma médica. E ela foi embora e ficou uma outra pessoa aqui fazendo os curativos, sabe? Aí eu acho que... Não acho que foi legal. Aí eu ia... Porque você... Você opera com uma e faz... Sempre ter o pós-operatório com a mesma pessoa né? Aí esse não foi. Foi com outra pessoa e era pra mim ter feito na época a (incompreensível) na mama pra não virar o quelóide. Eu não fiz a (incompreensível) aí ficou... Aí começou a me incomodar muito, muito, muito... Coçava de ficar quase... De sangrar, sabe? O quelóide coça muito. Aí eu fui a luri que é um super papa aqui né? luri é bom e mostrei a mama aí ele disse não, então vamos refazer, aí eu refiz a cicatriz inteira da mama e fiz a lipo nas costas e na frente. No abdômen.*

Pesquisadora: Mas na segunda você também já tinha feito a lipo, não foi? Como foi a decisão de fazer novamente a lipo?

Entrevistada: Não, porque como eu ia fazer a mama, aí tinha umas sujeirinhas na barriga, na... No abdômen e nas costas. Aí eu tirei... Vaidade.

Pesquisadora: E em que sentido é essa sujeirinha? Como você vê isso?

Entrevistada: Gordura localizada. Coisa... Sujeira... Você tem que jogar fora, né? Tem que tirar, né? Limpar, pronto. A sujeira pra mim só a limpeza. Pra mim tava sujo e agora tá limpo.

Pesquisadora: Se você pudesse se ver, se imaginar antes de fazer todas essas cirurgias e hoje? Seu corpo antes e hoje?

Entrevistada: Não, hoje tá melhor. Hoje eu tô, graças a Deus ... Tá me... Hoje eu tô super bem com meu corpo. A mama ficou boa, é a lipo ficou boa, principalmente agora, que depois de seis meses é que você vê o resultado da... Da lipo e eu já tô com oito meses, então você... Eu realmente tô muito sequinha. Exatamente como eu queria que ficasse, entendeu?

Pesquisadora: Ficou do jeito que você imaginava?

Entrevistada: Ficou, ficou.

Pesquisadora: E essa é a primeira vez que ficou do jeito que você imaginava?

Entrevistada: É, essa é, essa é a primeira e as outras não.

Pesquisadora: O que é que você pensava quando via os resultados?

Entrevistada: Da outra vez que eu fiz a lipo... Eu pelo menos... Quando você pensa numa lipo, você pensa numa lipo, numa lipo! De tirar a gordura, tá entendendo? E essa minha segunda não tirou absolutamente nada, nada! Aí essa terceira não, essa terceira foi a melhor cirurgia que eu já fiz. Muito boa!

Pesquisadora: E esse não tirar nada ? Como é que é definido isso, em termos de quantidade? Isso é conversado antes?

Entrevistada: Não, ele vai tirando... Na hora. Só que, a segunda pessoa que me operou, ele não tira muito, ele tira pouco... Ela tira pouco. E esse não, ele tira na medida, ele tira o excesso, tá entendendo? E eu nunca foi gorda, então... Eu não tinha muita coisa... Pra ele tirar. Até brinquei: você tirou pouco. Aí ele: Ai, você queria que eu tirasse de onde? entendeu? Eu colocava uma calça, antes dessa lipo, aí ficava aquela gordura atrás, um pouco. E me incomodava muito. Aí eu... Juntou um com o outro, aí eu resolvi fazer e deu certo... Aí agora não tem mais o que fazer não. Graças a Deus eu tô... Bem. Não quero mais nada. Mais nada, tá bom!

Pesquisadora: Você disse que não quer mais nada. Mas hoje como é que você se vê como mulher? O que você diria de você hoje?

Entrevistada: Ah! Hoje eu tô super... Assim, super feliz com o meu corpo. Tô realizada com tudo o que eu fiz. Gosto do meu corpo. É... Curto meu corpo, gosto de ver assim... Me arrumar, de ver tudo arrumadinho, tudo direitinho. Gosto de me a... De... De... Botar uma roupa legal, que fique... Que mostre que o corpo tá legal. Não aquela roupa que... Colada. Aí eu não uso de jeito nenhum não. Mas, assim... Hoje eu tô bem com meu corpo. Às vezes é... Hoje eu coloco qualquer c... Qualquer calça. Fica bem. Antes não. Dessa lipo que eu fiz, eu achava que eu tinha umas gorduras atrás que me incomodavam. Hoje elas não têm mais. Hoje não as tenho mais, quer dizer. Eu tô super feliz com meu corpo hoje. Em todos os sentidos.

Pesquisadora: Em todos os sentidos? E se você fosse dar um nome a cada sentido, o que você diria? Quais sentidos?

Entrevistada: Comigo. Assim, pra mim, q... Que eu tô achando que o meu corpo tá legal, pro meu marido que tá achando, depois dessa lipo, achou que o meu corpo ficou melhor de todos. Meus filhos, minha família, assim, eu digo em todos os sentidos, as pessoas que me rodeiam sabe? Que começaram... Por mim, que eu fiz a lipo pra mim, porque era a mim que incomodava. Tanto é que quando eu quis fazer ele: Não, não vai precisar, não precisa, não precisa. Você vai fazer aonde? Ele até brincava: No cérebro?

Você vai tirar gordura aonde? No cérebro? Tá entendendo? E hoje não, ele acha que o meu corpo ficou o máximo, tá entendendo? Então eu hoje eu tô super satisfeita, comigo. E é isso. (pausa).

Pesquisadora: *Bom, eram essas as questões. Você gostaria de dizer mais alguma coisa?*

Entrevistada: *Não, tá bem. Espero que eu tenha respondido alguma coisa que vá servir pro seu trabalho. Não sei se eu respondi certo as perguntas, né?*

Pesquisadora: *Como eu disse antes, aqui não tem certo nem errado, eu trabalho com as palavras do modo como cada um diz. E cada um diz de um modo diferente mesmo não é? Eu queria agradecer sua participação.*

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)